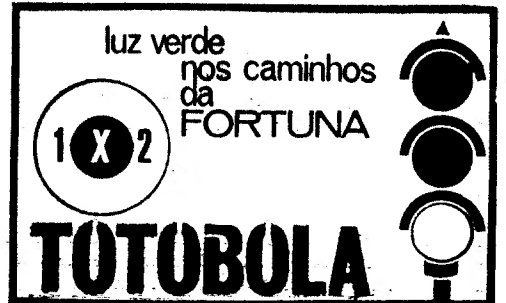


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 862 ANO 49.º PREÇO 1\$50



BONN: "Não" às armas nucleares

(LER NA PÁGINA 9)



EXPULSOS DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO

LUIGI PINTOR E ROSSANA ROSSANDA que, antontem, juntamente com Aldo Matoli, foram excluídos do P. C. Italiano por terem manifestado o seu desacordo com a linha oficial do partido na revista «Il Manifesto». Eram acusados de enfraquecer o partido com críticas e iniciativas aventureiras e penetradas de intelectualismo.

Marcha na capital italiana

ROMA, 28. — (F. P.) — Desde manhã cedo que milhares de jovens metalúrgicos começaram a afluír a Roma, vindos de todos os centros industriais da Itália, principalmente do Norte, a fim de se incorporarem na marcha dos metalúrgicos organizada pelas centrais sindicais, como protesto contra a lentidão das conversações para a renovação da convenção do trabalho. E' de recuar que os anarquistas maoístas tentem aproveitar-se da situação, como aconteceu em Milão, no dia 19 do corrente, provocando tumultos com a Polícia.

Novos vencimentos a partir de Janeiro de Janeiro (entre 1900\$00 e 16 000\$00 mensais) para os funcionários públicos

A partir de 1 de Janeiro, cerca de 165 mil funcionários públicos passam a beneficiar de um aumento nos respectivos vencimentos-base: 14 200 passarão a receber ordenados mensais que vão de 18 contos a 6 500\$00; os dos restantes (150 800) oscilam entre 5800\$00 e 1900\$00.

No preâmbulo do decreto-lei que insere as novas disposições e que foi já enviado para o «Diário do Governo» pela Presidência do Conselho e pelo Ministério das Finanças, refere-se «as novas funções que os Estados modernos são chamados a desempenhar» e que «exigem celeridade na acção, eficiência nas soluções, utilização de métodos que a técnica em constante progresso oferece para tornar mais rápidos, ducteis e económicas as tarefas, e requerem também persistente esforço de

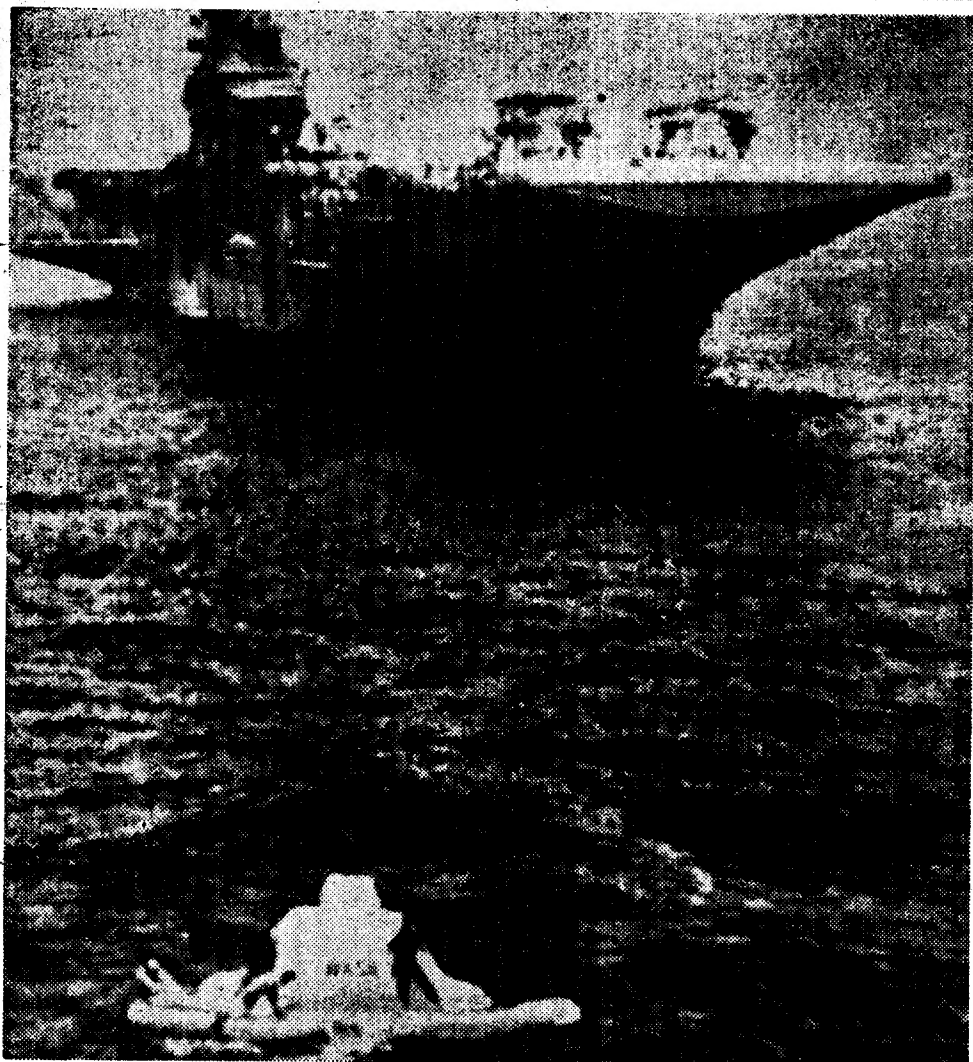
adaptação dos funcionários relativamente a novas maneiras de dirigir e de executar».

Em face do exposto, conclui-se que «para tanto, há que mudar estruturas de serviços: estudar os circuitos dos documentos, racionalizando e abreviando os procedimentos; mecanizar quando possível; evitar a duplicação de trabalho;

economizar, enfim, na organização, para reduzir ao mínimo o pessoal e poder pagar melhor aos que melhor servem».

Entretanto, e depois de assimilar as diferenças dos ordenados entre os funcionários públicos e os empregados da actividade privada, a necessidade que o

(Continua na 4.ª página)



O PORTA-HELICÓPTEROS «HORNET» que recolheu os tripulantes da Apollo-12 no Oceano Pacífico e os leva para as ilhas Hawaii, onde são esperados amanhã. Entretanto, foram divulgadas, em Houston, as primeiras fotografias da série tirada pelos astronautas Charles Conrad, Alan Bean e Richard Gordon, durante a sua viagem à Lua. As fotografias incluem uma imagem inédita: uma vista da Terra a eclipsar o Sol. (Ler na página 9)

Que se passou ao certo na aldeia de Song My?

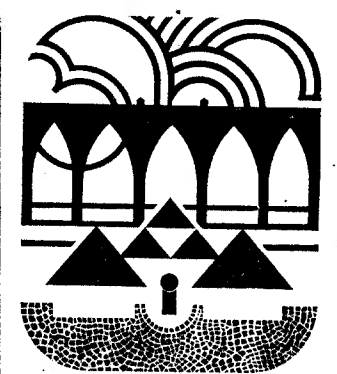
Em que condições ocorreu o massacre na aldeia de Song My? Qual o número de civis chacinados? Teria sido de facto 109 o número das vítimas? Porque foi «abafado» o inquérito então levado a cabo pelo Exército norte-americano? Terá de se esperar ainda algum tempo para conhecer a verdade completa acerca de tão horrível acontecimento. Entretanto Peter Braestrup avança elementos que respondem parcialmente a algumas destas interrogações. (Ler artigo na pág. 3)

Serviço especial «Washington Post» - «Diário de Lisboa»

«ALBUM DE LISBOA» UM CONCURSO PARA TODOS

Tal como ontem revelámos, todos os leitores do nosso jornal podem participar na iniciativa que, muito brevemente, vamos levar a efeito. O «Album de Lisboa» é, pois, assim, um concurso para todos. Com efeito, trata-se de um concurso — mas um concurso original e, sobretudo, simples, onde o concorrente não precisa empregar largo tempo, nem sequer forçar a memória.

Torna-se apenas indispensável adquirir o «Diário de Lisboa» durante 30 dias — e quantos já têm o hábito de ler o nosso jornal? — e adquirir uma caderneta que oportunamente será posta à venda e custa apenas 2\$50. Os outros pormenores serão revelados a seu tempo mas sem in-



validar o que já dissemos: todos poderão participar nesta grande iniciativa do «Diário de Lisboa» — jovens e adultos, leitores de todo o País, de Norte a Sul.

O «Album de Lisboa» faz reatar a tradição de iniciativas que o nosso jornal tem

(Continua na última página)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

AYMERIC EBRARD

Diziam as histórias antigas da instrução primária que D. Afonso III mandara vir mestres do estrangeiro para ensinar seu filho D. Diniz. E eram uns nomes bárbaros os que as crianças aprendiam então e hoje infelizmente esqueceram já. Um era Aymeric Ebrard, o outro Domingos Anes Jardo; mas este de parisiense tinha a educação, porque de nascimento era saloio. Ambos andam ligados também à criação da Universidade em Lisboa. Do primeiro se ocupou ontem na Academia das Ciências de Lisboa, o prof. dr. D. António Pereira Forjaz, secretário-geral da instituição. Nestas andanças de centenários e mais centenários, se esquecem datas das mais importantes para lembrar outras que às vezes pouco significadas têm, e bem andou o prof. Pereira Forjaz em lembrar que há precisamente sete séculos abriu a primeira escola pública em Portugal. Porta aberta para a rua, com mestres que ensinam. Foi em Alcobaça, em 1269, e a iniciativa coube ao Dom Abade fr. Estevo Martins. Vieram de França D. Afonso III, que a noiva cognominou de Bolonhês. D. Diniz subiu ao trono em 1279, e só depois disso viria para Portugal, em 1280, Aymeric Ebrard que o Papa Nicolau III nomeara bispo de Coimbra. Embora não tenha sido preceptor de D. Diniz, como o foi D. Domingos Jardo, natural de Sintra, e formado em Paris. Aymeric Ebrard, bispo de Coimbra, foi dos que tomaram a iniciativa da reunião presbiterial de Montemor-o-Novo, em 12 de Novembro de 1288, onde se pede a criação dos Estudos Gerais e, com os bispos de Braga, Silves e Lamego, parte para Roma, firmando os acordos em Santa Maior, em 12 de Fevereiro de 1289, com os procuradores de D. Diniz. E depois viria a criação da Universidade de Lisboa, em 1 de Março de 1290, confirmada pelo Papa em 9 de Agosto do mesmo ano. Pouco sobreviveria Aymeric Ebrard. Nas palavras do erudito prof. Pereira Forjaz: «O famoso Aymeric, patriarca da dinastia dos Ebrard, em Coimbra, foi em 1295, repousar em paz, no Vale Paradis, em Espagnac. As bocas do seu braço tinham feito cantar, em Portugal, a melhor gesta do Languedoc.»

NA CASA DO ALENTEJO

Os alentejanos lembraram ontem o seu contemporâneo Vasco da Gama. Na Casa do Alentejo, de que Vasco da Gama naturalmente seria sócio se tivesse nascido cinco séculos depois e, em lugar de ter ido à Índia, tivesse ido à Lua, o prof. Hernâni Cidade, de Redondo, como o Vasco da Gama é de Sines, lembrou a figura do navegador e como ela avulta nos «Lusiadas».

O COMBOIO E O CAMIÃO

No cais do Beato, houve ontem à tarde, um desastre impressionante e que só por acaso não originou uma tragédia. Uma composição de oito vagões, accionada por uma locomotiva «Diesel» conduzida pelo maquinista sr. António Pimentel, pusera-se em movimento, em marcha atrás. Fazia os sinais de luz o servente Aventino Ribeiro de Carvalho. Surgiu entretanto, vindo da beira-rio, um camião-cisterna, conduzido pelo sr. Fernando Inácio, tendo como ajudante o sr. Firmão Mendes. Ia a atravessar a linha e foi atingido pelo vagão que abria a marcha. Alvorou grande e o camião-cisterna voltou-se. Houve que transferir o óleo para outro camião e só às 23 horas a via ficou livre.

Um sistema de recuperação de crianças cegas foi anunciado pelo ministro da Saúde ao condecorar hoje D. Raquel Sain

—Quando, pela primeira vez, visitei a Fundação Sain, logo me persuadi de que se tratava de uma organização devidamente estruturada, digna de uma distinção. Hoje venho aqui conferir a sr.ª D. Raquel Sain a medalha de prata de Serviços Distintos do Ministério da Saúde e Assistência — disse, esta manhã, o titular daquela pasta no decurso de uma cerimónia que decorreu na Fundação acima mencionada.

O ministro, que reconheceu a utilidade da Fundação Sain, e se congratulou com a re-

cuperação de numerosos invisuais adultos, declarou que, «no próximo ano, o Ministério porá em prática um sistema para recuperação de crianças cegas.»

Segundo aquele membro do Governo, dar-se-á futuramente preferência a invisuais para os lugares de contínuos, recepcionistas, telefonistas, etc.

Entregue a medalha referida à sr.ª D. Raquel Sain, usou da palavra o sr. Aristides Sain, filho da homenageada, que fez a história da Fundação, cujos problemas expôs com conhecimento de causa, pois é presidente do conselho de administração daquele organismo.

O ministro visitou, depois, as instalações da Fundação.



O dr. Lopo Cancellaria de Abreu condecorando D. Raquel Sain

DIÁRIO DE LISBOA

Fizeram referências ao nosso jornal, ou transcreveram artigos nele publicados, os prezados colegas «Notícias de Guimarães», «Gazeta de Coimbra», «Mar Alto», da Figueira da Foz, «Gazeta do Sul», do Montijo, e «O Almondá», de Torres Novas.

AVIS

PARTA CONNOSCO
NOS FINS DE SEMANA
A CONHECER PORTUGAL
ALUGANDO AGORA

POR **500\$00**

UM MORRIS 1000
SEM QUALQUER TAXA
DE QUILOMETRAGEM!

ATENÇÃO: E NESTES DOIS
FINS DE SEMANA DOS FERIADOS
(DIAS 1 E 8) AS SEGUNDAS-FEIRAS
FICAM TAMBÉM INCLUÍDAS!

TELEFONE-NOS JÁ!!!

AVIS

RENT A CAR

C. SANTOS S.A.R.L. AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TEL. 56 11 77 LISBOA
PORTO, TEL. 379 71 / FARO, TEL. 2 54 38

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

6.º Sector — Concelho de Lisboa: Av.º Almirante Reis entre as Ruas Maria Andrade e Alvaro Coutinho, Rua Andrade, Rua Maria Andrade entre Av.º Almirante Reis e Rua Palmira, Regueirão dos Anjos entre Av.º Almirante Reis e Febo Moniz. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Escadarias S. Cristóvão, Trav.º da Madalena. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av.º João Crisóstomo entre as Ruas D.º Filipe de Vilhena e General Sinel Cordes n.º pares. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Az.º das Galinheiras, Quinta do Reguengo e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: ALGÉS: Rua do Mirante, Rua Cândido dos Reis, Rua Alegre, Rua de Oliveira, Rua Bernardino de Oliveira. (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — AMADORA: Av.º Cardoso Lopes, Av.º Combatentes da Grande Guerra, Av.º Dr. Oliveira Sakazar, Av.º Marechal Pombal (parte), Av.º Marechal Carmona (parte), Rua Vasco da Gama, Rua Dr. Manuel Arriaga

(parte), Rua Luís Gomes (parte), Rua Comandante Ferreira do Amaral e Rua D.º Leonor. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — Concelho de Cascais: Parte Norte da Povoação da Abuxarda. (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — Concelho de Sintra: Norte de Pero Pinheiro e Rua do Vimal em Montelavar. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — AGUALVA: Rua Alberto Ferraz, Rua da Ponte Nova, Rua Sacadura Cabral, Rua Magalhães de Lima, L.º da República, Rua António Nunes Sequeira, Praceta dos Glicínios, Praceta Visconde de Asseca, Praceta Moreira Batista, Rua Eng.º Carlos Santos, Rua Bartolomeu Dias, Rua Vasco da Gama, Rua Pedro Álvares Cabral. (Das 8 às 17 horas).

6.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira: Linhas de A. T. entre Alhandra e V. Franca e B.º da Quinta do Paraíso, Vila Franca de Xira (parte) em rede de B. T. E toda a rede de B. T. e A. T. de Alhandra. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — Concelho do Sobral de Monte Agraço: FREI-RIA. (Das 8 às 14 horas).

8.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: S. DOMINGOS DE CAMÕES / BOLIGUEIRA / CARMOEIRA / ZIBREIRA / CARVOEIRA. (Das 8 às 14 horas).

Num táxi, que transportou sr.ª brasileira, desde a R. Andrade Corvo e o Largo do Carmo, ficou carteira com dinheiro e documentos. Agradece-se, caso, seja encontrado o perdido, que seja entregue na Embaixada brasileira. Tem urgência, na devolução da dita carteira, pelos documentos pessoais que lá se encontram e que fazem muita falta.

Cofres de aluguer



Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

DÃO-SE ALVISSARAS

QUE SE PASSOU AO CERTO NA ALDEIA DE SONG MY?

WASHINGTON — Um porta-voz do Exército revelou recentemente que um inquérito inicial, feito no ano passado, a escala subalterna, não tinha «confirmado» as acusações segundo as quais tropas americanas tinham massacrado aldeões sul-vietnamitas na província de Quang Ngai.

O inquérito original, feito no lugar por ordem do respectivo comando americano, foi, segundo parece, muito rápido e pouco profundo. Segundo o porta-voz do Exército, esse inquérito não trouxe à luz nada que «justifique um

prosseguimento das investigações...»

Esta declaração é prestada a um momento em que a imprensa publica informações contraditórias sobre um massacre em 1968, na província de Quang Ngai, ligado a uma acusa-

ção por «homicídio múltiplo» contra o tenente William Calley, de 26 anos, ex-chefe de secção.

Os porta-vozes do Exército recusaram-se a prestar esclarecimentos mais precisos, enquanto não chegarem os resultados de um segundo inquérito (desta vez a um escalão mais elevado) e uma decisão sobre um eventual julgamento de Calley em Tribunal Marcial. O sargento David Mitchell, que, na altura, estava sob as ordens de Calley, está também a ser objecto de inquérito.

Soubese há tempos que umas cartas dirigidas ao Pentágono em Abril último por um antigo G. I. que serviu no Vietnam, Ronald Ridenhour, desencadearam um inquérito sobre Calley e os seus pretensos cúmplices.

O porta-voz militar declarou que, pouco tempo depois dos alegados massacres de 16 de Março passado, o Vietcong afirmara

o autor da carta que desencadeou o inquérito do Pentágono em Abril passado, declarou que certos membros da companhia de Calley (a Companhia C do 1.º Batalhão do 20.º de Infantaria) lhe tinham dito que o inquérito durara apenas «um dia e meio». Mas não forneceu pormenores.

Os funcionários do Pentágono interrogados depois não souberam dizer por que é que o inquérito inicial não tinha sido tão profundo como o que foi desencadeado pela carta de Ridenhour. Contudo, vários veteranos do Vietnam, que trabalham agora no Pentágono, fizeram notar que, particularmente sob pressão do combate, os comandantes subalternos tinham tendência a «guardar as coisas em família».

Um porta-voz do Exército indicou igualmente que só agora é que os inquiridores do departamento dos inquéritos criminais ti-

Por PETER BRAESTRUP

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

que «os americanos tinham matado civis em Quang Ngai». Estas alegações alertaram as autoridades provinciais sul-vietnamitas e a 11.ª Brigada de Infantaria dos E. U. A., que logo promoveram um inquérito. «Este inquérito não confirmou as alegações nem revelou nada que possa impor medidas disciplinares ou justificar uma continuação do inquérito».

O porta-voz indicou que não dispunha de outros pormenores e, nomeadamente, que não sabia até que nível da hierarquia militar norte-americana tinha chegado o relatório da 11.ª Brigada.

Interrogado ao telefone, Oren Hecedreson, que comandava a brigada em 1968, declarou que o inquérito não tinha sido realizado pelos seus colaboradores, mas pelos do tenente-coronel Frank Baker, o qual dirigia as três companhias que tinham participado na operação de 16 de Março. Baker foi morto em combate em Junho seguinte, segundo indica o Pentágono.

Numa entrevista por telefone, Ronald Ridenhour,

tenham visitado, pela primeira vez, o local dos incidentes do dia 16 de Março.

Ridenhour, que está agora a estudar na Universidade de Claremont (Califórnia), declara ter recebido a visita de um coronel da secretaria do inspetor geral do exército, no dia 29 de Abril de 1969, mas os detectives do departamento dos inquéritos criminais não intervieram nesse caso antes do princípio do mês de Agosto, segundo o porta-voz do Exército.

Ridenhour declara que estando ainda no Vietnam, ouviu falar no incidente de 16 de Março a uns «dez ou doze homens», que tinham estado na companhia de Calley.

As informações sobre este massacre de civis variam enormemente. As agências de imprensa indicaram este mês que o massacre tinha causado 109 vítimas.

A «Associated Press» citava, por seu lado, o coronel Thom That Khien: «confirmo que foram mortas várias pessoas em combate». Khien teria afirmado que uns aldeões lhe tinham contado que tinham sido mortos camponeses de dois lugares diferentes, Tu Cung e Ny Hoi, os quais fazem parte da aldeia de Song My. «Quando os aldeões me afirmaram que os americanos tinham deliberadamente feito fogo sobre eles perguntei-lhes: «quem viu isso?». Eles responderam: «nós próprios», assim declarou Khien segundo anuncia a Associated Press. O coronel Khien sugeriu ainda que a morte dos aldeões terá sido devida a bombardeamentos e tiros de artilharia e não a pelotões de execução, o que não altera substancialmente o problema.

ECOS

«A Construção do Corpo», de António Ramos Rosa, é como uma síntese de todos os rostos do poeta, é como a convergência numa obra talvez definitiva do que de capital houve nos períodos de lúcido avanço e de cega procura da sua experiência ontológica, da sua experiência social, da sua alquimia do verbo, do som, do signo. Um grande, um belo livro de poemas, que pôde tornar-se significativo depois da aventura abstracta, depois de o poeta haver considerado a sua pessoa como sucessão de fenómenos, na palavra projectados, contidos e ultrapassados. Sim, mesmo depois de Pessoa, depois de Jorge de Sena, esta exasperada pesquisa do ser no gesto e na frase, em tudo o que envolve e condiciona o poeta, Ramos Rosa é aqui profunda e autenticamente original. Ouçamo-lo: «Há uma face que não sei, / que não sou. / E o que sou é a face de uma sombra. / Escrever para essa sombra sem face. / Sou uma sombra sem face / na sombra da rua. / Escrevo nesse intervalo, / nessa sombra onde ninguém suspira, / onde ninguém passa, / onde ninguém me vê passar, / onde não passo, / onde vou passar. / Há uma face / página onde a sombra se fez face / frente à sombra. / Escrever contra a face sem face.» O acto de escrever — consciência da emoção e consciência da consciência, inserção da voz lírica, uma e múltipla no mundo em que o poeta se investe e que o poeta tenta recriar, gerando apenas sombras de sombras — eis-lo: «Escrever acender na sombra / árvores / mover a sombra até ao céu da rua. / Caminhar na sombra desatar a sombra / alta e viva / contra a face aberta / contra a face viva. / Sou somos uma face uma sombra / uma sombra uma face. / Escrever é abrir na sombra uma sombra / e respirar na sombra / um corpo de sombra. / Ninguém nos vê nem nos verá jamais / respirar a sombra viva.»

ERICH FROMM, autor da «Arte de Amar» e de «A Sociedade Sã», filósofo dos mais importantes do nosso tempo, escreve num seu recente artigo: «Penso como Marcuse que a sociedade plutocrática contemporânea é uma sociedade alienante, por conseguinte uma sociedade na qual os objectivos humanistas, a felicidade e a individualidade raramente se realizam. Mas estou em total desacordo com ele quando pretende que, devido às características dessa sociedade, tais qualidades não existem realizadas em ninguém, e que a análise da sua natureza e desenvolvimento é ideológica e que estimular a sua prática é preparar a adaptação. A posição de Marcuse é um exemplo de nihilismo humano disfarçado de radicalismo.»

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

charlot
BOUTIQUE - HOMENS
BREVEMENTE
na sua nova loja
RUA BARATA SALGUEIRO, 28

Uma grande máquina
fotográfica que cabe na
palma da mão !...

Minolta

16 mm.

3 MODELOS :

16 PS
16 II
16 MG

ÂMARAS FOTOGRÁFICAS

Minolta 16 mm.

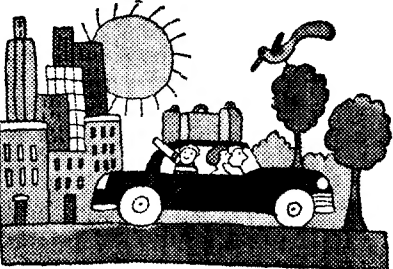
O PEQUENO GIGANTE DA FOTOGRAFIA

REPRESENTANTES GERAIS: HITZEMANN & C. Lda
PORTO - Rua "Sa. da Bandeira", 520/6
COIMBRA - R. Martins de Carvalho, 26-1.
LISBOA - Rua Filipe Folque, 2C e D

À VENDA NAS BOAS
CASAS DA ESPECIALIDADE

Para fim-de-semana

vai melhor com Hertz



De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por 360\$00 (incluindo 100 kms. grátis).

Reserve o seu carro Hertz

pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz



O AUMENTO DE VENCIMENTOS DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

(Continuação da 1.ª página)

Estado tem de dirigentes e técnicos qualificados, acrescenta o mesmo diploma que «para já, foi fixada uma nova escala de vencimentos, integrando nas remunerações-base estabelecidas no Decreto-Lei n.º 42 046, de 23 de Dezembro de 1950, o subsídio eventual do custo de vida e adicionando-lhe uma percentagem de actualização».

Além disso, a nova legislação procede à revisão de algumas categorias, e procura reclassificar numerosas designações com vencimentos intermédios.

Despesa da ordem de 1 500 000 contos

Além de outros encargos que se projectarão no Orçamento Geral do Estado com a execução de disposições contidas neste diploma, só a actualização de vencimentos provoca uma nova despesa da ordem de 1 500 000 contos (1 227 000 na despesa ordinária e 273 000 na despesa extraordinária).

O preâmbulo do decreto-lei acrescenta a seguir que os vencimentos dos funcionários estão apenas sujeitos ao imposto de selo e que o Estado suporta integralmente os encargos de abono de família e assistência dos seus servidores. E acentua: «Nas actuais circunstâncias — o esforço

financeiro exigido pela Defesa, III Plano de Fomento e expansão do ensino — foi-se além do que aconselhava a prudência para assegurar o equilíbrio da Conta Geral do Estado. Mesmo assim, talvez se entenda que não se alcançou o desejável. O Governo, porém, tem a plena consciência de ter atingido os limites do possível».

A criação de quadros únicos

«Inovação digna de realce é a que se traduz na criação de quadros únicos — ainda que, por ora, só extensivos a determinadas categorias de pessoal administrativo e auxiliar — com os quais se tem em vista facilitar a mobilidade horizontal e vertical dos agentes que neles se integram. E, se a primeira poderá considerar-se como factor de enriquecimento da formação e de interpenetração, sempre útil, de métodos de trabalho, a mobilidade vertical não possui menor alcance, já que contribuirá para um alargamento substancial das perspectivas de promoção, mormente para os agentes actualmente afectos a quadros de reduzidas dimensões. A criação de quadros únicos estimula, ainda, o espírito de competição e facilita a realização de acções de formação e aperfeiçoamento profissional» — lê-se, também, no mesmo documento, que termina

por afirmar que as providências agora adoptadas «representam mais um seguro passo no caminho da reforma administrativa».

Os novos vencimentos

O decreto-lei em questão insere disposições sobre vencimentos, sobre regalias económico-sociais, sobre quadros e categorias e ainda disposições finais e transitórias.

Os novos vencimentos, a partir de 1 de Janeiro, são os seguintes, de harmonia com as respectivas categorias:

A	— 18 000\$00
B	— 14 500\$00
C	— 13 000\$00
D	— 11 600\$00
E	— 10 200\$00
F	— 9 400\$00
G	— 8 600\$00
H	— 7 800\$00
I	— 7 100\$00
J	— 6 500\$00
K	— 5 800\$00
L	— 5 200\$00
M	— 4 600\$00
N	— 4 200\$00
O	— 3 800\$00
P	— 3 500\$00
Q	— 3 200\$00
R	— 2 900\$00
S	— 2 600\$00
T	— 2 400\$00
U	— 2 200\$00
V	— 2 100\$00
X	— 2 000\$00
Y	— 1 900\$00

Estes vencimentos dizem respeito ao pessoal que desempenhe funções em regime de tempo completo. Para horários «part-times», será pago um quantitativo proporcional ao número de horas semanais de serviço exigido.

O diploma dispõe, ainda, que os funcionários não podem receber: a) Pelo exercício de cargos públicos, pagos pelo Orçamento Geral do Estado, ainda que em regime de acumulação, importância total superior ao ordenado correspondente à letra A, acrescido de 25 por cento; b) Pelo exercício do respectivo cargo, mais de 95 por cento do ordenado correspondente à categoria imediatamente superior do mesmo quadro.

Os vencimentos certos do pessoal contratado ou assalariado não pertencente aos quadros não poderão, de futuro, ser superiores aos do pessoal de correspondente categoria dos quadros dos mesmos serviços, salvo quando se trata de especialistas ou técnicos de rara competência, reconhecida em Conselho de Ministros.

O regime jurídico do contracto individual de trabalho

Foi hoje publicado no «Diário do Governo» o decreto-lei do Ministério das Corporações e Previdência Social que aprova o novo regime jurídico do contracto individual de trabalho.

No diploma se define o contracto de trabalho como «aquele pelo qual uma pessoa se obriga, mediante retribuição, a prestar a sua actividade intelectual ou manual a outra pessoa, sob a autoridade direcção destas».

O novo decreto-lei entra em vigor no dia 1 de Janeiro de 1970.

A remuneração do pessoal assalariado eventual será fixada, tanto quanto possível de harmonia com os salários correntes na região.

Prémios por sugestões

Os trabalhos extraordinários estão sujeitos, também, a remuneração. O que, porém, constitui novidade, é a instituição de prémios pecuniários, louvores públicos ou bolsas de estudo a atribuir aos funcionários que apresentem estudos ou sugestões julgados de interesse para o aumento de eficiência e de economia na Administração.

Esta tarde na Assembleia Nacional

Proclamados os deputados e eleito o novo presidente

O conselheiro Albino dos Reis, que por direito de idade presidiu à sessão preparatória da Assembleia Nacional, procedeu esta tarde à proclamação oficial dos deputados eleitos em Outubro.

A cerimónia, de acordo com o regimento da Assembleia, efectuou-se com toda a Câmara de pé e seguiu-se à aprovação do parecer da comissão de verificação de poderes, eleito no passado dia 25, como noticiámos.

Em seguida, procedeu-se à eleição da mesa definitiva para a presente legislatura: o presidente, três vice-presidentes e dois secretários.

Foram igualmente eleitos as comissões de Economia, Finanças e de Legislação e Redacção. Por último, foram designados os cinco deputados, que, com a mesa, aguardarão o Chefe do Estado à entrada da Assembleia, na sessão inaugural das duas Câmaras de 1 de Dezembro.

*

Na Câmara Corporativa houve resoluções semelhantes e foram igualmente proclamados os novos procuradores.

Os ordenados dos deputados e procuradores à Câmara Corporativa

O «Diário do Governo» publica hoje o decreto-lei que estabelece os ordenados, senhas de presença e ajuda de custas dos deputados à Assembleia Nacional e procuradores à Câmara Corporativa.

Os deputados têm o subsídio mensal de 5 mil escudos, recebendo além disso uma senha de presença de 300 escudos por cada dia de comparecência aos trabalhos da Assembleia Nacional.

Se os deputados forem funcionários públicos podem optar pelo ordenado do seu cargo, mantendo a senha de presença pelos trabalhos da Assembleia Nacional. Terão ainda, os que residirem fora de Lisboa e arredores direito a ajudas de custo enquanto durarem os trabalhos da Assembleia Nacional. Essa ajuda é igual à marcada para os funcionários da classe A.

Os deputados têm ainda direito a transporte, entre a capital e as suas residências fora de Lisboa, quatro vezes por mês os que morarem no continente, e três vezes por cada sessão legislativa os que vivam fora do continente.

Os procuradores à Câmara

Na criação e reorganização de quadros, o pessoal deverá ser agrupado de acordo com a seguinte classificação: a) pessoal dirigente; b) pessoal técnico; c) pessoal administrativo; d) pessoal auxiliar.

O diploma especifica, ainda, as condições de recrutamento do pessoal e, por fim, em disposições finais e transitórias, acrescenta: «Os vencimentos mensais do pessoal militar das Forças Armadas e das corporações da Guarda Fiscal, da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública serão actualizados a partir de 1 de

Janeiro de 1970, de acordo com os princípios estabelecidos no presente decreto-lei».

Por outro lado, o ministro do Interior promoverá a actualização dos vencimentos do pessoal das autarquias locais e das administrações de bairro de Lisboa e Porto.

O caso dos reformados

As despesas de representação a abonar mensalmente ao Chefe do Estado e aos membros do Governo passaram a ser as seguintes:

Presidente da República, 24 000\$00; Presidente do Conselho, 10 000\$00; ministro dos Negócios Estrangeiros, 10 000\$00; outros membros do Governo, 8 000\$00.

No que respeita aos aposentados e reformados, o decreto-lei dispõe:

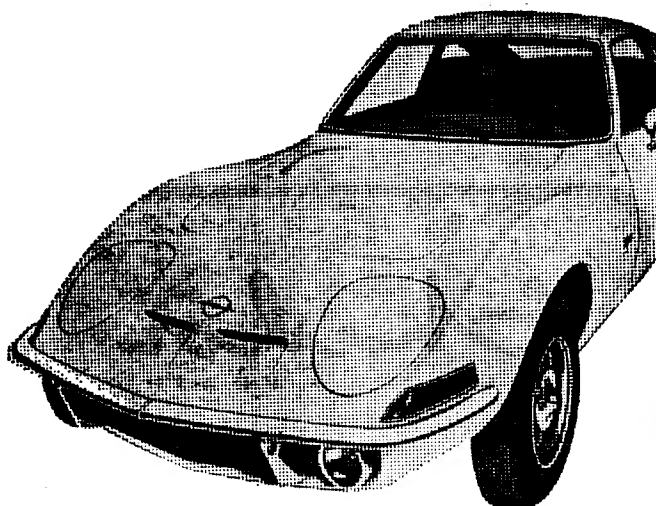
«Nas aposentações requeridas ou impostas posteriormente a 1 de Janeiro de 1970 servirão de base para o cálculo da respectiva pensão os vencimentos fixados pelo presente decreto-lei».

«Para os servidores mandados aposentar ou reformados obrigatoriamente até 31 de Dezembro de 1969 e para os que tenham requerido a sua aposentação ou reforma até à mesma data continuará a atender-se, para o computo da pensão, aos vencimentos actualmente em vigor, com exclusão do subsídio eventual do custo de vida».

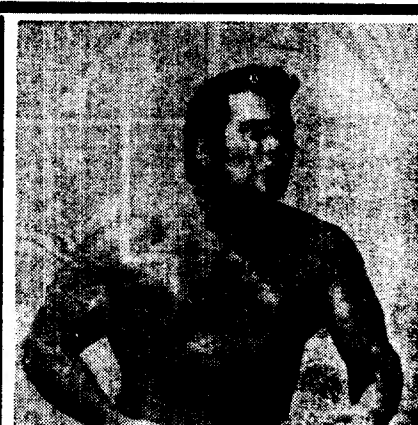
«Não é permitida a desistência nos processos de aposentação ou reforma voluntária a que se refere o número antecedente, mas o servidor ficará exceptuado do que nele se dispõe, desde que a sua aposentação ou reforma não possa efectuar-se por falta de outro requisito legal».

Opel É sempre mais carro

Para todos os gostos e necessidades. Kadett, Kadett Caravan, Rekord, Comodore, GT. Todos eles com a precisão da mecânica alemã. O máximo em performance e economia. O estilo, tão moderno e funcional. O conforto. A segurança. Uma rede de serviços por todo o país. Opel. É sempre mais carro. Venha vê-lo e experimentá-lo no nosso stand.



LICAR
AV. CASAL RIBEIRO 48A 48C
LISBOA-1



Luta Livre Americana

HOJE
Às 21.45 H.

Pavilhão dos Desportos

TARZAN TABORDA - Campeão de Portugal

TARZAN TABORDA-GALARZA — Um combate só possível de realizar-se devido a circunstâncias anormais!

Escassas horas separam o público do maior acontecimento desportivo da semana!

O Pavilhão registará esta noite uma assistência «record»?

Toda a Lisboa desportiva desejará assistir ao retorno sensacional do mais extraordinário lutador português de todos os tempos!

Este combate, de que todos falam e discutem, não será TELEVISIONADO.

M/ 17 ANOS

UMA LUTA SEM LIMITE DE TEMPO, COM BOLSA AO VENCEDOR, E ARBITRADA PELO CONHECIDO E FAMOSO «JUIZ» INTERNACIONAL, SR. MANUEL NUNES.

No programa da sessão estão incluídos mais três combates, com destaque para a emotiva luta a quatro.

«Os INTOCAVEIS», sob o comando do «ferrivel» e «sangüinário» CYCLONE, preparam-se para mais uma demonstração do seu poder invencível. E conseguiu-o?

OPEL LICAR



Kadett
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE

LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48A-LISBOA-1

ATENÇÃO, RAPAZES

«LIVRE COMO O VENTO»
É UM RAPAZ COMO VOCÊS...

«LIVRE COMO O VENTO»
É UM CAVALO BRAVIO...

«LIVRE COMO O VENTO»
É A AVENTURA EXTRAORDINÁRIA
QUE AMBOS VIVEM...

«LIVRE COMO O VENTO»
É A EMOÇÃO DUMA HISTÓRIA
QUE TODOS
VOCÊS GOSTARIAM
DE VIVER!
LEVEM OS
VOSSOS PAIS
E IRMÃS
QUE TAMBÉM
VÃO GOSTAR
DE VER
MARK LESTER
O BRILHANTE
INTERPRETE
DE «OLIVER»



ESTREÁDO EM LONDRES
COM A PRESENÇA
DA PRINCESA
ANA DE INGLATERRA

COLUMBIA PICTURES APRESENTA
UMA PRODUÇÃO IRVING ALLEN

JOHN MILLS

SYLVIA SYMS · BERNARD MILES

«MARK LESTER» Philip

UM FILME



Livre como o vento
(RUN WILD, RUN FREE)

6 ANOS

COM GORDON JACKSON e FIONA FULLERTON

ARG. DE DAVID ROOK, BASEADO NA OBRA «The White Colt» DE JOHN DANISHEWSKY
ANDREW DONALDY · RICHARD C. SARAFIAN · Technicolor®

HOJE

Às 21.30

ESTREIA

no

EUROPA

Fogões

FAR

dietintos · práticos · precisos
a técnica Francesa ao seu serviço



adaptáveis a qualquer tipo de gás

distribuidores exclusivos:

J. COSTA & SILVA, L.

R. DOS SAPATEIROS, 79-1. 326713 LISBOA 2



AB CONSIGNADO
TEATRO VILLARET

ADULTOS

ESTREIA, HOJE
ÀS 21.45 horas
Bilhetes à venda

Desconto
para estudantes
5 ÚNICOS DIAS

encenada por ADOLFO GUTKIN

VOLPONE

DE BEN JONSON

PELO GRUPO CÊNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA
DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA

A peça que obteve a crítica a mais alta pontuação



— O senhor já sabe que
não pode deixar aqui
a sua viatura...

— ... Mas ó seu guarda,
eu vou atrasado para
ver a revista «Ena, Já
Fala!»...

— Ah! Bem! Vai ao Tea-
tro ABC... Isso já é
outra coisa! Vá de-
pressa homem... se
não perde a aber-
tura!...

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras
(à Avenida de Roma)
Telef. 717017 — ADULTOS

HOJE, às 21.45 h.
2.º MÊS DE ÉXITO

SABADO, ÀS 16 HORAS
A PREÇOS REDUZIDOS

DOMINGO: Desconto para
jovens dos 17 aos 21 anos
2.ª-FEIRA, às 16 e às 21.45 h.
(O desconto semanal da 2.ª
será transferido para as 3.ª-
feiras nos 2 feriados de Dez.)

Tombo no Inferno

de AQUILINO RIBEIRO
DIRECÇÃO DE IGREJAS CAEIRO

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO
DE LISBOA» é vendido por José
Narciso da Costa, Suc., Rua Dr.
Oliveira Salazar, 54.



MAX

VARIEDADES

ADULTOS

MUITO BREVEMENTE!

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
A REVISTA POPULAR

PERD A PALAVRA!

ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA
e ROGERIO BRACINHA • MÚSICA de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

COM

AIDA BAPTISTA • CARLOS COELHO
ELOÍNA • SPINA

E A GRANDE ATRAÇÃO NACIONAL

ANTÓNIO CALVÁRIO

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

E UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL



HELENA CARDINALI



ANITA GUERREIRO



VITOR ESPADINHA



BALÃO VERMELHO

TUDO PARA CRIANÇA

SECÇÃO N.º 3

UMA COLECÇÃO CRIADA E ADAP-
TADA A SUA PERSONALIDADE
CHEGARAM CASACOS E CON-
JUNTOS INGLESES

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279



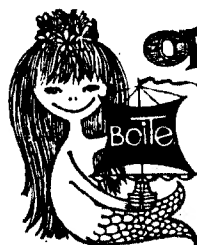
HOTEL DOM CARLOS

A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos
seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há
sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.

AMANHÃ AO ALMOÇO:

FRANGO A MODA DE MONCHIQUE

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA



Boite da NAU

M/17 ANOS
TEL. 51501

R. PINHEIRO CHAGAS, 1
NA «ÚNICA» BOITE DE LISBOA
COM A MELHOR SELECÇÃO

FORMA 5

O melhor conjunto português da actualidade
VICTOR SANTOS, PEDRO OSÓRIO, LUÍS DUARTE,
CARLOS CARVALHO e VÍLLAS BOAS
E O ROMÁNTICO INTERPRETE DE «BLUES»

PAUL CONNOR

EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTEL

2ª SEMANA

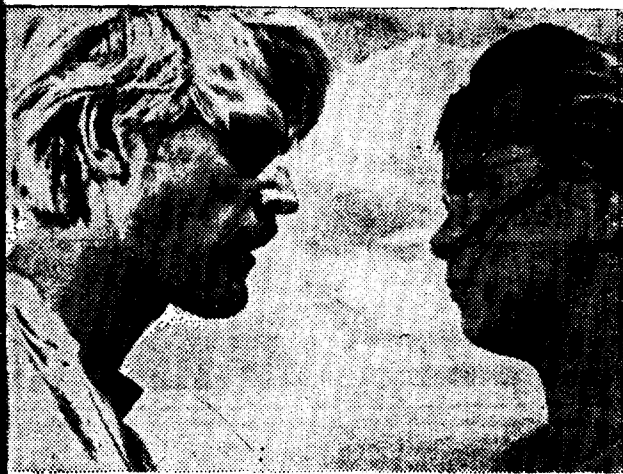
...UMA EXPRESSÃO ARTÍSTICA A TODOS OS TÍTULOS ADMIRÁVEL.

Da crítica do "DIÁRIO POPULAR"

"O 41.º" É INDISCUTIVELMENTE UM FILME IMPORTANTE...

Da crítica do "DIÁRIO DE LISBOA"

O EXTRAORDINÁRIO FILME RUSSO GALARDOADO COM O PRÉMIO DO MELHOR ARGUMENTO NO FESTIVAL DE CANNES



O CONFLITO TUMULTUOSO ENTRE O AMOR E O DEVER

41º

UMA MULHER PRISIONEIRA DO SEU PRÓPRIO PRISIONEIRO!

Izolda Oleg Nikolaï
ISVITSKAIA STRIJENOV KRIUTCHKOV

REALIZ. DE GREGORI TCHOUKHRAI
PRODUÇÃO MOSFILM em SOVCOLOR

DISTRIBUIÇÃO C. C. P. Adultos

SÃO LUIZ E ALVALADE

O livro «O 41.º», de BORIS LAVRENEV, foi, na sua tradução integral, editado pela Arcádia.

DISCOS Estab. **MELODIA**
LISBOA - R. DO CARMO, 23
PORTO - R. DE S.ª CATARINA, 360
R. DE S.ª ANTONIO, 35

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

TÍTULO: «A MAGIA DA MULHER» («Le Streghe») Episódios:

— «A Feiticeira Queimada Viva», de Luchino Visconti, com Silvana Mangano e Annie Girardot.

— «A Terra Vista da Lua», de Pier Paolo Pasolini, com Totó e Silvana Mangano.

— «A Siciliana», de Franco Rosi, com Silvana Mangano e Pietro Tordi.

— «Espírito Cívico», de Mauro Bolognini, com Silvana Mangano e Alberto Sordi.

— «Uma Noite Como as Outras», de Vittorio de Sica, com Silvana Mangano e Clint Eastwood. Itália, 1967.

A *Magia da Mulher*, por acaso da distribuição, aparece-nos como um filme de episódios inteiramente dividido pelo intervalo em duas partes distintas. Primeiramente temos o genérico muito bom de Pino Zac que constitui como que a sexta história da obra. Depois surge a maestria de Visconti e a irreverência de Pasolini. Após o intervalo, Franco Rosi, Mauro Bolognini e Vittorio de Sica assinam três anedotas sem qualquer significado que não seja um ou outro sorriso, ainda assim forçado.

De início esta produção de Dino de Laurentiis destinava-se a mais um exercício de estilo para uma atriz: Silvana Mangano. Exercício para cinco personagens, *Le Streghe* começa, no entanto, por ser um retrato tremendamente angustiante da própria condição da mulher-objecto que é uma atriz. Visconti (tal como o Antonioni que abre *As Três Faces de Uma Mulher*, de Soraya) serve-se do mito para a desmontar. E o mito serve-se do cineasta para crescer, já que Silvana Mangano, desmitificada enquanto atriz que é, acaba por se impor pelo talento do seu próprio trabalho.

Visconti demonstra uma vez mais o seu estilo particular, misto de olhar aristocrático e de denúncia cruel de um ambiente determinado nas mais altas camadas da burguesia italiana. Precisão estilizada de mortos-vivos que se entredevoram em jogos de salão, o episódio de Visconti conhece alguns momentos notáveis, como sejam a sequência em que Silvana Mangano, desmaiada, é avidamente destruída pelas rivais, ou ainda toda a cena

em que a mesma atende o telefone que a liga ao marido em Nova York.

Quanto ao episódio de Pasolini, possuído por um delírio vertiginoso de humor corrosivo, excede-se em inspiração e contundência satírica, terminando com *moral* e tudo: «*Estar morto ou vivo é a mesma coisa!*» Pasolini subjugou as suas figuras (onde se salienta o grande cómico que foi Totó) a um *décor* de ressonâncias surrealistas que se coaduna perfeitamente com o tom

burlesco escolhido. Um burlesco feito de agressividade e ternura que é também homenagem a Charlot e a todos os deserdados da terra.

E depois de ter visto estes dois episódios, o senhor espectador pode dar por ganha a noite e poupar-se ao desgosto de assistir á penosa caminhada de um De Sica estropeado, de um Rosi exangue, ou de um Bolognini nada inspirado.

LAURO ANTÓNIO

• NO VOX

TÍTULO — «Cerimónia Secreta» («Secret Ceremony»).

REALIZAÇÃO — Joseph Losey, 1968 (Inglaterra).

INTERPRETES — Mia Farrow, Elisabeth Taylor, Robert Mitchum, etc.

Um filme de Joseph Losey é sempre um acontecimento importante, ainda que ele se

Continua na 14.ª página

De corredor de automóveis a vagabundo e gangster...

JEAN-PAUL BELMONDO

Num filme de ROBERT ENRICO



JOANNA SHIMKUS
SYDNEY CHAPLIN

...Para este homem perigoso um dia chegou

o grande ajuste de contas

Distribuição FILMES LUSOMUNDO - TECHNICOLOR - Maiores de 17 anos

2.ª SEMANA no EDEN

• LEVE, HOJE, A SUA FAMÍLIA AO ... E VERÁ QUE NÃO SE ARREPENDE!

• HOJE ÀS 20,45 E 23 HORAS, UM GRANDE ELENCO E UMA COLOSSAL REVISTA:

• UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

DOMINGO E 2.ª-FEIRA GRANDIOSAS «MATINEES», ÀS 16 HORAS

• 3.ª-FEIRA, DESCANSO DA COMPANHIA



JOSÉ VIANA na «Voz da Guitarra»

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

ESPERTEZA SALOA

UMA SENSACIONAL COMPANHIA, COM: SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL

A ATRACÇÃO NACIONAL • HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA • «THE MELODIES»

COLISLU

Hoje às 21.30

(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atrações

AMANHÃ — A tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos. A noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos

A G.N.R. e a Liga dos Combatentes comemoraram hoje o centenário do general Farinha Beirão

A G. N. R. comemorou hoje, o centenário do general Augusto Manuel Farinha Beirão, que se notabilizou na campanha do Guamato, especialmente no combate de Mufflo, onde ganhou a Torre e Espada, e ainda como comandante da 2.ª brigada do Corpo Expedicionário Português à França. Em todas as unidades da corporação se procedeu à leitura de uma mensagem do general comandante-geral, evocando o militar que foi o general Farinha Beirão.

Por seu turno, a Liga dos Combatentes levou a efeito, em Lisboa, uma série de cerimónias que se processaram ao longo do dia.

Assim às 11 horas, com a assistência de altas individualidades civis e militares, e representações de todas as unidades da G. N. R. da capital, monsenhor Moreira das Neves celebrou missa nas ruínas do Convento do Carmo. Durante a homília, recordou, em breves palavras, mas não isentas de admiração, o general Farinha Beirão.

Hora e meia depois, acompanhado por deputações de oficiais, sargentos e praças, o comandante-geral da G. N. R., o 2.º comandante-geral e o chefe do Estado-Maior deslocaram-se ao cemitério do Alto de S. João, onde foi colocada na sepultura do general Farinha Beirão uma coroa de flores.

A tarde, na sala de honra do comando-geral da G. N. R., com a presença dos minis-

tros do Interior e do Exército, efectuou-se uma sessão solene evocativa da figura de militar do general Farinha Beirão.

VIDA MUSICAL

Concerto no Tivoli dirigido por Efrem Kurtz

É já amanhã que reaparece, à frente da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, um dos maestros que o público de Lisboa mais tem distinguido com significativas manifestações de sim-

patia e admiração. Trata-se de Efrem Kurtz, que dirige a primeira audição da «Sexta Sinfonia» de Prokofieff.

A Emissora Nacional convidou, ainda, o maestro Efrem Kurtz a incluir uma obra comemorativa do centenário do nascimento de Berlioz. Assim, na expressi-

va e muito romântica interpretação do famoso regente, o nosso público poderá assistir à realização da «Sinfonia Fantástica» do grande compositor francês.

O concerto decorrerá, como habitualmente, no Tivoli, às 18 e 30



EFREM KURTZ



CONNOSCO
PISA
TERRENO
SEGURO!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

CASA DA IMPRENSA

Reune-se na terça-feira, às 16 horas, a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1970 e para apreciação do orçamento do próximo ano. Não havendo número suficiente de sócios, efectuar-se-á a assembleia em segunda convocação, no dia 11, à mesma hora, com qualquer número de presenças.

Também é convocada para terça-feira, às 17 horas, a assembleia geral extraordinária, a fim de apreciar uma proposta da direcção, para nomeação de sócios beneméritos.

Não havendo número legal de sócios, efectuar-se-á, em segunda convocação, no dia 11, à mesma hora.

Presidente honorário do Grupo de Estudos Brasileiros

PORTO, 29. — Foi nomeado presidente honorário do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, por proposta da direcção daquela instituição, o sr. Artur Cupertino de Miranda, em reconhecimento da sua acção no estreitamento das relações de cultura e amizade entre o Brasil e Portugal. A nomeação foi aprovada por aclamação, em assembleia geral extraordinária.

O comendador Artur Cupertino de Miranda é o actual presidente dos corpos directivos do Grupo de Estudos Brasileiros.

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

Um tema que admite muita liberdade

Muitos dos nossos jovens leitores estão a dirigir-se ao «Diário de Lisboa», pedindo esclarecimentos sobre dúvidas suscitadas pela leitura do regulamento do concurso «O Natal visto pelas crianças». Como é natural, não temos possibilidade de responder directa e particularmente a cada um, pelo que o fazemos através do jornal que todos certamente lêem.

É tradicional haver trabalhos que não podem ser admitidos a concurso, por não ter havido, da parte dos concorrentes, correcta interpretação das diferentes normas do regulamento. Esperamos, sinceramente, que tal não aconteça este ano. Por isso queremos chamar a atenção de todos para aspectos que se nos afiguram importantes e em relação aos quais é costume

verificarem-se os erros ou omissões mais frequentes.

Note-se, antes de mais, que, como já temos sublinhado, o tema do nosso concurso tem por base o Natal.

Assim, desde os aspectos mais circunstanciais — as festas da quadra, a missa do galo, as janelas, a ceia familiar, o presépio, as prendas e o sapato na chaminé, as iluminações e decorações nas ruas e nas casas, etc. — até aqueles que atingem outro plano e se situam, de certo modo, ao nível da simbologia dos mais altos e nobres anseios — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, por exemplo — tudo o nosso concurso permite.

Outros aspectos há, no entanto, que se podem considerar arredados do tema

ou dos objectivos de «O Natal visto pelas Crianças», quais sejam a matança dos inocentes, a fuga para o Egipto, a última ceia ou a crucificação. Nestes casos — e em outros semelhantes — a ligação com o Natal, a existir, é tão diluída que não se pode admitir como válida.

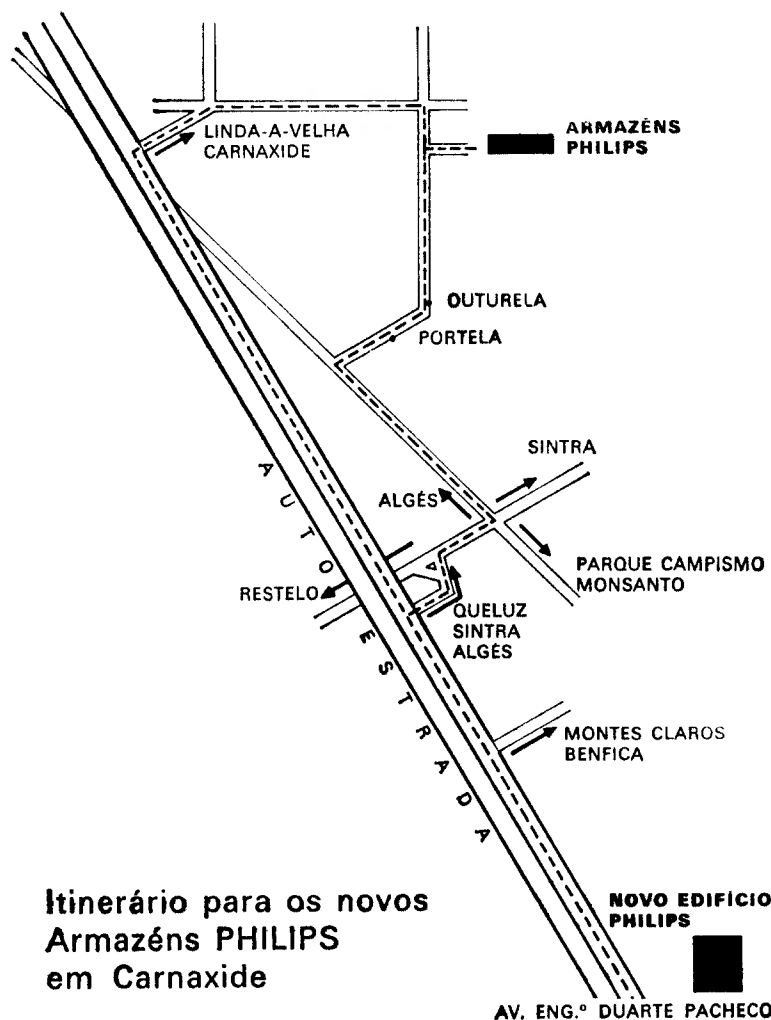
Lembramos ainda que a indicação da idade do concorrente no verso (nas costas) do trabalho é indispensável. É que, todos os anos, há um grande número de concorrentes eliminados por não o fazerem. Deve ainda indicar-se o nome do concorrente, sua morada e estabelecimento de ensino que frequenta — se frequentou algum. E pronto — é o principal. Como sabem, a idade máxima para concorrer é 14 anos. Mínima não há.

O prazo de entrega termina a 15 de Dezembro e as produções devem ser enviadas para «O Natal visto pelas Crianças» — «Diário de Lisboa» — Rua da Rosa, 57 — Lisboa.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PHILIPS

A PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L. comunica aos seus Agentes, Clientes e Fornecedores que transferiu os seus Armazéns Centrais para novos edifícios no lugar da Outurela (Carnaxide), com o telefone PPC 219 00 71.



Itinerário para os novos Armazéns PHILIPS em Carnaxide

NOVO EDIFÍCIO PHILIPS

AV. ENG.º DUARTE PACHECO

ora diga-nos...

— A que horas deveria proceder-se à recolha do lixo?

A tardia recolha do lixo contribui para acentuar o aspecto sujo da cidade e perturba a ordem do trânsito na hora em que todos têm pressa de chegar rapidamente ao emprego.

• Respondeu a sr.ª D. Emilia Alves França, dona de casa:

— O mais cedo possível. Às sete.

— Efectivamente, a que horas passa na sua rua a caminheta do lixo?

— Às sete e meia, oito horas, mas tem dias que passa mais tarde, o que prejudica um bocadinho. Porquê? Porque está o



lixo á porta, algum até a cheirar mal e isso faz mal á saúde.

• O guarda de jardins, sr. Adelino Fazenda, disse-nos:

— De manhã, o mais cedo possível: começar às seis horas e terminar às nove e meia. Nos meus sítios passa às dez.



Se fosse um bocadinho mais cedo não se perdia nada.

— E porque diz isso?

— Os caixotes estão muitas horas cheios cá fora. Isso dá origem a que os cães e os gatos espalhem o lixo pela rua. O lixo espalhado dá mau aspecto e depois vêm os fungos e os ácaros que apanham o maior e deixam ficar sempre algum lixo. Não há nada como o lixo estar todo dentro do caixote.

• Por ultimo, afirmou-nos a sobresseiteira (operária que faz sobresseitos) sr.ª D. Maria Lucinda Branca:

— Talvez às seis da manhã. Era a hora mais apropriada.

— Porquê?

— Na altura em que já estão os estabelecimentos abertos não dá bom aspecto.

— Um filho da nossa entrevistada informou: «Em Africa recolhi o lixo á meia-noite. Começam de noite e acabam de madrugada.»

— Moro numa vila, ali á Meia Laranja — pros-



seguiu a sr.ª D. Maria Lucinda. — Geralmente a camioneta passa às nove e meia, dez horas. As vezes não aparecem a recolher o lixo. Já estive meses sem ir lá lavar as ruas. Agora estiveram lá há um mês. Há falta de higiene. Se queremos, somos nós que temos de lavar.

Abolidas as declarações de carácter político e simplificadas as formalidades para o recrutamento dos servidores do Estado

Entra em vigor, no dia 1 de Janeiro do próximo ano, o decreto-lei n.º 49 397 da Presidência do Conselho, que na linha de orientação da Reforma Administrativa estabelece um conjunto de providências tendentes a simplificar as formalidades necessárias para o recrutamento e investidura dos servidores do Estado.

No intuito do diploma se destaca, como primeira inovação, a adopção do simples despacho como forma de todos os actos que alterem ou extingam a situação dos servidores do Estado, salvo nos casos em que a lei prevê a forma de decreto para esses actos. Por cada nomeação, contrato, assalariamento, promoção, transferência ou colocação será lavrado o correspondente diploma de provimento, de modelo unico, aprovado por este decreto-lei.

«Deixa, pois, de haver lugar á emissão de portarias ministeriais e alvarás de assalariamento, que actualmente representam, por via de regra, a duplicação de anteriores despachos permissivos do provimento».

O regime actual, quanto ao contrato, é radicalmente modificado e são abolidas as declarações exigidas pelo artigo 3.º da Lei n.º 1901 e pelo Decreto-Lei n.º 27 003, e deixa de haver autos de posse e diplomas de funções publicas, passando a ser elaborado um unico documento, mais simples de redigir ou preencher — o termo de posse.

Outra alteração importante diz respeito á admissão a concursos. A apresentação dos documentos comprovativos de requisitos apenas será exigida quando houver lugar ao provimento.

O que se poupa: milhares de documentos, assinaturas, reconhecimentos...

Como justificação do decreto-lei, diz-se no intuito, nomeadamente:

«O presente diploma obedece, portanto, ao objectivo primordial de permitir o acréscimo de produtividade dos serviços, através da simplificação de formalidades burocráticas da uniformização de procedimentos, da racionalização de certas práticas. O que tudo se traduzirá, por outro lado, em economia, celeridade e eficiência da Administração».

Como consequência do sistema agora adoptado, poupar-se-ão anualmente milhares de documentos, de assinaturas, de reconhecimentos, de deslocações, de diligências as mais variadas. Assim se poupará também tempo e força de trabalho, que poderão ser aplicados em actividades mais uteis e de mais vincado interesse geral.

O que é abolido e dispensado

Nos artigos 8.º e 9.º estabelece-se o que é abolido e dispensado:

a) O auto de posse; b) O diploma de funções publicas;

c) A declaração exigida pelo artigo 3.º da Lei n.º 1901, de 21 de Maio de 1935; d) A declaração exigida pelo Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936; e) O alvará a que se refere a alínea d) do artigo 1.º do Decreto n.º 26 341, de 7 de Fevereiro de 1936. 2. Deixa de ser devido imposto do selo pelos contratos a que se referem os artigos 3.º e 4.º do presente diploma.

É dispensada a apresentação de documentos comprovativos dos requisitos exigidos para a admissão a concursos, documentais ou de prestação de provas, devendo os candidatos declarar nos respectivos requerimentos, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, a situação precisa em que se encontrem relativamente a cada uma das condições, gerais ou especiais, exigidas para aquele efeito. Os candidatos poderão também especificar no requerimento quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influir na apreciação do seu mérito ou constituir motivo de preferência legal. Os serviços, porém, exige a quaisquer candidatos a apresentação de documentos comprovativos das suas declarações.

Art.º 20.º. Este diploma aplica-se de um modo geral aos serviços dos Governos Civis, das autarquias locais e das Administrações de Bairros.

Actualidade internacional



JULGAMENTO EM ZURIQUE — Três palestinos e um israelita compareceram ontem num tribunal suíço, para serem julgados como implicados, respectivamente, no ataque e na resposta ao ataque ao avião da companhia El Al, perpetrado em Fevereiro passado, no aeroporto de Kloten em Zurique. A sala de audiências tem capacidade para 60 jornalistas — apenas; todos os outros (e serão muitos) seguirão o julgamento através de um circuito interno de televisão. Da esquerda para a direita: Mohammed Abu Al Heiga, Ibrahim Tawfik Youssef e Amena Dahbor, membros da Frente Popular de Libertação da Palestina, Mordechai Rachamin, agente dos serviços de segurança israelitas. Os palestinos estão presos e o israelita encontra-se em liberdade provisória.

ALVOS MILITARES EGÍPCIOS DESTRUÍDOS POR ISRAEL

TEL-AVIV, 28 — (R.) — Aviões israelitas destruíram alvos militares egípcios num ataque que reacendeu a meia-noite, na região do canal de Suez.

Bonn: «Não» às armas nucleares

O Governo da República Federal Alemã, chefiado pelo socialista Willy Brandt, diz não às armas atómicas.

Efectivamente, Bonn preparava-se hoje para assinar o tratado de não-proliferação das armas nucleares homologado, em 1 de Julho de 1968, simultaneamente em Washington, Moscovo e Londres.

O gabinete alemão reuniu-se, esta manhã, para proceder a uma revisão final das implicações decorrentes da assinatura do acordo. Espera-se que Willy Brandt anuncie, mais tarde, em conferência de imprensa, a decisão do seu Governo.

Entretanto, a agência France Presse, informou que os embaixadores alemães em Moscovo e Washington, proferiram, esta tarde, declarações capitais, à assinatura do tratado.

A aceitação do acordo, portanto de Bonn, segue-se a meses de hesitação e a acalorados debates no Parlamento.

Ainda segundo a F. P., o Governo britânico tenciona reunir, hoje, durante a homologação do tratado pelo embaixador alemão em Londres, a garantia que deu em Setembro de 1963 à Alemanha Federal, segundo a qual a carta da ONU não permite à União Soviética intervir pela força e unilateralmente nas questões internas alemãs.

Tendo o Governo Soviético dado a entender, no Verão de 1968, que a carta da ONU lhe permitia intervir na Alemanha Ocidental, o então Governo de Kiesinger baseou-se nisso para não assinar o tratado de não-proliferação.

segundo anunciou nesta cidade às primeiras horas de hoje um informador militar.

Os alvos do ataque de meia hora estavam situados no sector central do canal.

Todos os aviões israelitas regressaram a salvo às suas bases, acrescentou o informador.

O ataque seguiu-se a um dia de actividade aérea sobre a rota marítima em que foram abatidos dois aviões egípcios, um caça bombardeiro e um jacto interceptor Mig-21, de acordo com comunicados israelitas.

O caça bombardeiro despenhou-se no Sinai, ocupado pelos israelitas, enquanto o Mig caiu dentro de território egípcio.

As perdas egípcias registaram-se quando alguns aviões atravessaram o canal tentando atacar alvos israelitas, mas foram interceptados pelo fogo da D. C. A.

COMPROMISSO

CAIRO, 28. — (R.) — Mohammed Hassanein Heykal, O jornalista mais influente do Egipto, afirmou hoje que os Estados Unidos estavam nitidamente

NACIONALIZAÇÕES

CAIRO, 28 — (F. P.) — Saïem Rabbah, presidente do conselho do Yamen do Sul, anunciou ontem à noite a nacionalização de todos os bancos e companhias de seguros estrangeiros que trabalham no país, das companhias portuárias e das sociedades petrolíferas.

Rabbah anunciou também a criação de um banco nacional e de uma nova organização económica destinada a coordenar as forças de produção e a planificar a economia nacional.

A criação desta nova organização constitui o início da revolução socialista e o fundamento da nossa sociedade de transição para o socialismo», declarou ainda o presidente do conselho.

tão comprometidos com Israel como o estavam com o Vietnã do Sul e classificou a Grã-Bretanha de satélite dócil da política americana.

Heykal, o chefe da redacção de «Al Ahram», diz que virá com os seus próprios olhos serem transmitidos sinais de um porta-aviões americano no Mediterrâneo, indicando participação da Força Aérea israelita numa manobra recente.

O jornalista, amigo íntimo do presidente Nasser, não revela onde e quando virá os cinco sinais, os quais, declara, eram transmitidos pelo navio almirante.

VIETNAM DO SUL

BASE DOS E. U. A. BOMBARDEADA

SAIGÃO, 28 — (A. N. I.) — Tropas comunistas, utilizando foguetões, morteiros e artilharia, realizaram ontem o maior ataque registado nos últimos 11 dias ao campo das forças especiais norte-americanas de Bu Prang. O ataque prosseguiu esta manhã — anunciou em Saigão um informador militar.

A artilharia comunista que bombardeia a base está instalada em território do Camboja — acrescentou.

Bu Prang está situada a 180 quilómetros ao noroeste de Saigão e apenas a 5 quilómetros da fronteira do Camboja.

JULGAMENTO

SAIGÃO, 28 — (R.) — Começou hoje o maior julgamento de casos de espionagem até agora realizado no Vietnã do Sul, onde 43 réus têm pendentes acusações que vão desde a alta traição a actividades contra a segurança do Estado.

O réu mais importante é um antigo assistente espe-

Poucas esperanças de salvar uma das crianças feridas no atentado em Atenas

ATENAS, 28 — (F. P.) — Das 32 pessoas que ontem ficaram feridas no atentado contra os escritórios da companhia israelita El Al, a mais jovem e a que se encontra em estado mais grave é o pequenino Georges Nestos, de dois anos e meio, que continua em estado crítico e não vive senão por meio da respiração artificial. Segundo as notícias chegadas hoje de manhã do hospital, os médicos conseguiram mantê-lo vivo durante toda a noite, mas são poucas as esperanças de o salvar. O seu irmão Athanassios, de cinco anos, está praticamente cego: o rosto e um dos olhos foram atingidos por múltiplos estilhaços de vidro que os médicos estão a tentar extrair.

E' hoje que os «comandos» jordanos são apresentados ao tribunal de Atenas sob a acusação de ferimentos com premeditação, desordens e tentativa de homicídio.

Os dois «comandos» são Ilyas Dergarabedian, de 23 anos, alfaiate jordano de origem arménia e residente em Damasco, e Mansur Siffedin Murad Sugageh, de 21 anos, jordano, que estudava Medicina na Universidade de Atenas.

ECLIPSE DO SOL

— uma das imagens obtidas

pelos astronautas da Apollo-12

HOUSTON, 28 — (F. P. e R.) — O primeiro filme da missão lunar da Apollo-12, divulgado a noite passada, continha o que poderá ser a mais rara fotografia científica até agora tirada: uma vista da Terra a eclipsar o Sol.

A imagem, que faz parte de cerca de 64 metros de filme colorido tirado pelos astronautas Alan Bean, Charles Conrad e Richard Gordon, foi recolhida no último dia da sua missão à Lua.

O que viram e captaram no filme nunca antes tinha sido observado pelo homem.

A sequência, irregular às vezes, mostrava imagens da Terra tapando comple-

tamente o Sol, que aparecia apenas como um círculo de um vermelho alaranjado brilhante à volta do globo.

A direita encontra-se a coroa, um grande clarão de luz que faz com que a cena pareça um espectacular anel de diamantes.

A NASA publicou também as primeiras fotografias tiradas na Lua por Charles Conrad e Alan Bean.

Numa delas vê-se distintamente a carcassa do Surveyor-3, a sonda automática americana que desceu na Lua em 20 de Abril de 1967, e ao fundo a silhueta do «Intrepid», o módulo lunar de Conrad e Bean.

A segunda fotografia mostra um sulco deixado na poeira lunar pela pequena escavadora do Surveyor-3. Registe-se que após 31 meses este sulco se apresenta tão nítido como quando foi fotografado pela própria sonda logo depois da escavadora o haver aberto. Tal facto confirma que não há praticamente erosão na Lua.

Noutra fotografia vêem-se as marcas das botas de Conrad e Bean, a bandeira americana por eles hasteada e ao fundo todos os instrumentos científicos que colocaram a pequena distância do seu módulo lunar.

Uma fotografia a cores mostra o magnetómetro destinado a medir o campo magnético lunar. O seu revestimento protector dourado brilha sob o efeito dos raios do sol e no fundo desta fotografia avistam-se os lunetas dispostos os outros instrumentos do minilaboratório «Alsep», que continua a fornecer informações do mais alto interesse.

Cláusula sobre o divórcio aprovada em Itália pela Câmara dos Deputados

ROMA, 28 — (R.) — A câmara dos deputados italiana aprovou a noite passada a cláusula mais crucial na votação para introduzir o divórcio em Itália, depois de ter rejeitado uma série de emendas dos demócratas-cristãos destinada a torná-la virtualmente sem efeito.

A cláusula especificava o número limitado de casos em que o divórcio seria autorizado.

Incluiu exemplos tais como a sentença de um dos cônjuges e dois ou mais anos de cadeia, condenação por tentativa de homicídio do outro cônjuge ou filhos, condenação por incesto, obrigar a mulher ou os filhos à prostituição, maus tratos, difamação ou deixar de sustentar o outro cônjuge ou os filhos.

O divórcio seria, também, permitido após cinco anos

de separação, quando o casamento não tivesse sido ainda consumado dois anos depois e quando um dos cônjuges fosse estrangeiro e tivesse obtido um divórcio ou voltado a casar no estrangeiro.

Registou-se um enérgico protesto dos demócratas-cristãos após os deputados aprovarem outro artigo segundo o qual quando o casamento tiver sido celebrado pela Igreja — como acontece com a maior parte das vezes em Itália — o divórcio era válido nos termos da lei civil.

Giulio Andreotti, um dos principais adversários contra o divórcio, declarou que esse artigo era ilegal porque a Itália era obrigada a reconhecer a lei da Igreja sobre o casamento nos termos da sua concordata com a Santa Sé.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

REGULAMENTADA A INDÚSTRIA HOTELEIRA

OS HOTÉIS E PENSÕES DO PAÍS
SERÃO CLASSIFICADOS POR ESTRELAS

• NOVIDADE: A EMENTA TURÍSTICA

A definição dos estabelecimentos hoteleiros e similares, a dinamização de todo o processo para a construção de novas unidades, a nova classificação (por estrelas) dos hotéis e pensões, a possibilidade de classificar com interesse turístico alguns estabelecimentos que não obedecem aos requisitos mínimos mas

tenham localização excepcional ou um determinado carácter, enfim a instituição da ementa turística e a obrigatoriedade da afixação dos preçários, eis os pontos de maior interesse do Decreto-Lei n.º 49 399, ontem publicado no «Diário do Governo» com o principal objectivo de passar da inoperância legal (re-

conhecida) à regulamentação de toda a actividade da indústria hoteleira.

No seu preâmbulo o diploma começa por sublinhar a necessidade de dotar o País com (uma rede de estabelecimentos que, quantitativa e qualitativamente, esteja apta a satisfazer a procura cada vez maior e mais variada quer de nacionais, quer de estrangeiros). A lei n.º 2073, de 23 de Dezembro de 1954, continha de facto os quadros legais que deveriam regular a actividade desta indústria. Mas a circunstância de nunca haver sido regulamentada levou à sua inoperância em muitos pontos e criou a maior incerteza entre os particulares. Quinze anos depois tornava-se urgente anrumar a casa.

Assim, este decreto substitui a referida lei e fornece à Secretaria de Estado da Indústria e Turismo «os meios legais que lhe permitam, no futuro, ter uma intervenção eficaz como orientadora da indústria».

Atenção às estrelas

A dicotomia consignada na lei de 1954 — estabelecimentos «de interesse para o turismo» ou «sem interesse para o turismo» — mantém-se com o novo diploma. Simplesmente, é agora introduzido um critério objectivo (preferível a «critérios meramente circunstanciais») e prevê-se uma relativa margem de liberdade que permitirá, em última análise, classificar «de interesse para o turismo» certos estabelecimentos que não reúnem todos os requisitos normalmente exigidos.

Por outro lado é atribuída à Secretaria de Estado (através da Direcção-Geral do Turismo) a competência para a classificação dos estabelecimentos, competência essa que pode ser entregue a delegações da S. E. I. T., órgãos locais de turismo ou representantes locais credenciados. A Secretaria de Estado terá também competência para orientar, nas suas linhas gerais, a indústria hoteleira e similar sem interesse para o turismo, através de directrizes a fornecer aos Municípios.

A classificação dos hotéis e pensões, até aqui por classes (Luxo, 1.ª, 2.ª e 3.ª), passa a fazer-se por estrelas (de 5 a 1 para os hotéis e de 4 a 1 para as pensões), o que vem ao encontro dos hábitos do turista estrangeiro. Outra novidade: são enquadrados finalmente na lei os moteis e os hotéis-apartamentos, camuflados até agora sob a designação de «residências».

Contra a burocracia

O andamento e a resolução dos processos de instalação de novos estabelecimentos vão ser acelerados, designadamente quando nesses intervêm entidades ou serviços dependentes de outros ministérios. (A notar que determinado processo está há mais de dez anos dependente de uma en-

tidade alheia ao turismo... Será desta?).

Reconhecendo-se, entretanto, que uma única entidade deverá ser responsável por toda a tramitação dos processos, entrega-se à Secretaria de Estado essa tarefa. Por isso o decreto fala de «dinamização» em vez de três ou quatro anos para resolver, 120 dias.

Ementa turística e preçários

Para além de várias outras disposições sobre as atribuições e competência da Secretaria de Estado, que visam fundamentalmente alargar a sua função interventora e coordenadora, são de sublinhar algumas inovações como a instituição da ementa turística (obrigatória nos restaurantes e demais estabelecimentos similares com serviço de restaurante), com preço a fixar para cada categoria e incluindo todos os impostos e taxas devidas; a obrigatoriedade de afixar os preços aprovados (essa afixação far-se-á no interior e no exterior do estabelecimento); e a aprovação dos mesmos preços sem necessidade da sua publicação no «Diário do Governo» (o que vem satisfazer um desejo formulado insistentemente pelas empresas).

Infracções

O novo diploma, que finalmente adianta uma definição dos estabelecimentos hoteleiros e similares (fica proibido, por exemplo, instalar clientes de hotéis ou pensões em casas particulares), inclui também todo um capítulo sobre infracções e respectivas sanções.

As sanções podem ir da advertência ao encerramento definitivo do estabelecimento, passando pela multa (até cem contos) e pela suspensão temporária. Quanto às multas, serão a dobrar no caso de reincidência nos doze meses seguintes e revertem para o Fundo de Turismo.

Mais: quando a gravidade ou as circunstâncias da infracção, no caso concreto, assim o aconselharem, poderá ser decidido que seja dada publicidade, através dos órgãos de Informação, à sanção aplicada.

A reclassificação dos estabelecimentos hoteleiros vai fazer-se até 31 de Dezembro de 1970 e a dos similares até ao último dia de 1971. Assim sendo, algumas estrelas poderão eventualmente aparecer já no próximo ano. Novidade ainda: o decreto admite a breve publicação de um diploma regulador do sistema «tudo incluído», que já se pratica (com enormes vantagens) em muitos países.



O dr. Augusto Sá Viana Rebelo no uso d

NUMA REUNIÃO

A Administração não
a real evolução

Esta manhã, na sede da Corporação da Indústria, realizou-se a primeira reunião conjunta dos vice-presidentes e da Direcção (mandato 69-73) na qual usaram da palavra os srs. drs. Sá Viana Rebelo e José Manuel do Amaral Coelho. Estavam presentes o eng.º Carlos Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa, o prof. eng.º Diogo Paiva, da Associação Industrial Portuguesa, eng.º Mário Ceca, da Associação Industrial de Moçambique, e o representante permanente da Associação Industrial de Angola, eng.º Alvaro Braga Vieira.

Entre as pessoas que assistiram à cerimónia, viam-se figuras proeminentes da vida financeira e industrial.

O dr. Sá Viana Rebelo no uso da palavra

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. dr. Augusto Sá Viana Rebelo, que agradeceu a presença de todos e pôs em relevo a actividade dos elementos cessantes, dizendo a determinação altura, depois de situar a Corporação no quadro geral das instituições nacionais.

«A Corporação tem de formar e expor a opinião responsável do sector, e tem de ser o primeiro colaborador do Governo para a execução da sua política económica».

E, mais adiante, afirmou, depois de se referir ao esforço e dificuldades dos últimos quatro anos:

«É evidente que — para além de resultados imediatos — algo de novo se passa, em matéria de Governo, no que se refere à condução dos assuntos industriais, mas, sendo cedo para retirar apreciações definitivas, cremos estar a assistir ao desenvolvimento de um plano de gestão intencional e metodicamente processado, e dentro do qual, tudo o mais, terá a Corporação da Indústria de ocupar o seu lugar, tal como o define, afinal, a sua lei estatutária».

A determinação altura afirmou:

— O industrial português já começa a pensar em termos de programação e de plano para a sua produção, mas depara, para além de uma certa incipiência nata, que, muitas vezes, paralisa ou inibe, também com o mercado de consumo, directo ou intermediário, com pequena base para «stockagem» e vendendo quase o dia a dia do negócio, ou, então, como no caso das grandes empresas de metalurgia e metalomecânica, com cartelas fracas de projectos, que lhes não permite encarar desafogadamente o futuro.

E a terminar:

— Evoluir não é subverter, mas aproximarmo-nos todos mais da realização do tal mundo melhor em que todos temos de caber, e para o qual todos precisamos de colaborar. Mas não é nem com as posições de imobilismo empresarial, nem com as de greve ou paralisação de trabalho que podemos caminhar todos nessa senda progressiva social. Temos de nos entender uns com os outros, mas é preciso que também vão evoluindo as grandes massas

o no
alimen
vitaminac
Suíça



Duas vezes mais nu
Alimento e
Rico em vitaminas do complex
Próprio para crianças. Cont
à venda nos bons estabelecimentos

Peça as receitas TARTEX à
Avenida da República, 46 r/c — 5
Nome _____
Morada _____

**Novo
CASINO
ESTORIL**

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

**DANY
DANIELLE**
VEGETA
DA
CANÇÃO FRANCESA

MARISKA
ANTIPODISMO E FANTASIA

MARIA DA FÉ

DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

FILARMÓNICA FRAUDE
CONJUNTO DE **BOBBY CAMPOS**
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

AMYRA
SO NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.

ANTES DO INVERNO CHEGAR
(M. 17 anos)

CHOCOLATES TACIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

**Jóias antigas
e modernas**

Compramos pelo mais alto
preço.
**GRANDE OURIVESARIA
DA MODA**
RUA DA PRATA, 257

O SEMANÁRIO «MOTOR» COMPLETOU SEIS ANOS

Com um número especial de 48 páginas, «Motor» comemora, hoje, o seu 6.º aniversário, cotando-se como o mais completo semanário português da especialidade.

O jornal, afirmando-se «sempre na primeira linha», anuncia que dentro de alguns meses passará a ser impresso em «offset», na máquina que o «Diário de Lisboa» está a montar e informa que a Redacção e Administração de «Motor» passam a funcionar no 2.º andar de um moderno

edifício da Rua Castilho (n.º 185).

Como especial motivo e interesse deste número festivo de «Motor», assinala-se um suplemento, largamente ilustrado, de 24 páginas, com os preços e características dos automóveis que estarão à venda em Portugal no próximo ano.

Nas restantes 24 páginas, este número inclui numerosos artigos assinados pelos especialistas que compõem a redacção daquele semanário, como Joaquim Filipe Nogueira, José Baptista dos Santos, Bandeira de Lima, Avelãs Coelho, Augusto Vilela e Maria do Céu, além de reportagens e artigos dos seus correspondentes, entre os quais se destaca Philippe Toussaint, dos serviços de reportagem no estrangeiro.

O «Diário de Lisboa» congratula-se com o êxito de «Motor», cujos responsáveis estão intimamente ligados à vida do nosso jornal, pois são, precisamente, os srs. dr. António Pedro Ruella Ramos, nosso director, Lopes do Souto, director-geral, e António Costa, chefe dos serviços de publicidade.



MAURICE CHEVALIER junto ao busto que lhe foi oferecido por um grupo de amigos. O autor do busto é o especialista em esculturas de celebridades Nicolas Pregor, que na sua execução gastou ouro equivalente a 50 contos

«Diário de Lisboa» -Juvenil»

Mário Castrim, concedeu ao *Passatempo Juvenil* («Paju») de Rádio Peninsular uma longa entrevista em que se debatem temas e problemas relacionados com a actividade do suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» «Paju» realizado por João Paulo Dinis e Augusto Carlos Moreira, incluída a entrevista na sua emissão de amanhã, pelas 16 horas

ALARME (INJUSTIFICADO) NA RUA DA ATALAIA

Esta manhã, por volta do meio-dia, um calorífero deu que falar na Rua da Atalaia, ao Bairro Alto.

No 4.º andar do n.º 18, o petróleo de um calorífico entornou-se e incendiou-se. Muita chama, pouco fogo, alarmaram os habitantes da casa, que chamaram os bombeiros.

Quando dois autotanques do Batalhão de Sapadores Bombeiros chegaram ao local já nada havia a fazer, porém: o fogo tinha sido extinto com a ajuda de um cobertor...

DA CORPORAÇÃO

o tem acompanhado o da Indústria

— disse o dr. Sá Viana Rebelo

trabalhadoras por forma a se mentalizarem no trabalho de equipa e transmutarem a reivindicação em «diálogo colaborante e construtivo».

Fala o dr. Amaral Coelho

Falou a seguir o dr. Amaral Coelho que terminou o seu mandato na Corporação. Apontou como força que constantemente se põe ao progresso industrial do País «a falta de mentalização nos sectores público e privado de que é necessário de facto empregar esquemas novos, talvez revolucionários, que nos façam sair de uma situação tradicional de menoridade industrial».

E na sequência deste enunciado afirmou:

— Não bastará na verdade que um Presidente de Conselho, um ministro, um secretário de Estado enunciem um princípio ou uma orientação, mesmo traduzida em texto legal, para que se atinjam as metas pretendidas. É absolutamente indispensável que dentro dos serviços, desde o mais alto funcionário ao mais modesto se compreenda

que não pode haver progresso nacional e consequente aumento do nível de vida e dos conhecimentos, sem uma forte base para a Nação: a sua indústria, a sua agricultura e o seu comércio. O resto, virá por acréscimo, como diz o texto bíblico.

E a terminar, afirmou:

— Tudo quanto disse se pode condensar, pois, em dois postulados que convém insistentemente difundir, mesmo correndo o risco de nos repetirmos demasiadamente: a indústria é uma das bases fundamentais do progresso económico e social. Compete ao Governo e a todos os seus colaboradores reconhecer isto como verdade incontroversa, pelo que lhes compete como Servidores da Nação, ouvi-la, dialogar com ela, explicar-lhe onde o seu interesse coincide com o interesse geral, e finalmente orientá-la se tal for necessário. Não esquecer nunca que uma indústria próspera é a maior fonte imediata de rendimento fiscal.

— A indústria por seu lado, tem de realizar-se plenamente nas funções económicas, sociais e até políticas, para tanto tem de colaborar com o Governo de espírito aberto, tem de bater-se pelas suas convicções, tem de pôr de parte um sistema fechado de gestão e colaborar com os seus pares no progresso científico através das despesas comuns de investigação, etc., etc. Terá de voluntariamente eliminar instalações ultrapassadas ou de pequena dimensão de quem as primeiras vítimas são os seus trabalhadores mal remunerados. Ou remuneramos ou ficamos sem quem conosco colabore. Tentemos agora passar das palavras aos actos.

GAGEIRO E XAVIER

— Prémios do Salão
Municipal
de Fotografia

Com vista à apreciação dos trabalhos admitidos ao IV Salão Municipal de Arte Fotográfica, reuniu-se o júri encarregado de classificar os referidos trabalhos, que estabeleceu os seguintes prémios:

Classe de profissionais — (grupo A (preto e branco) — Eduardo Gageiro, 1.º prémio (5000\$00) e 2.º prémio (4000\$00); António Xavier, 3.º prémio (2500\$00).

Classe de amadores — grupo A (preto e branco) — Horácio José da Cruz, 1.º prémio (5000\$00); Fernando Nunes, 2.º prémio (4000\$00) e Manuel Abranches, 3.º prémio (2500\$00); grupo B (cor) — Fernando Nunes, 2.º prémio (6000\$00) e Ruy Machado Esteves, 3.º prémio (4000\$00).

O júri resolveu, ainda, não atribuir qualquer prémio no grupo B (cor) — e o 1.º prémio deste mesmo grupo na categoria de amadores.



quem estará
mais feliz:
Ele ou Ela?

Bom, é difícil dizer.

É que, repare, o prazer de dar uma PARKER, é tão grande como o de receber. E isso vê-se: Note só a expressão de felicidade de ambos. Pergunta-se: Quem ofereceu? Ele ou Ela? Naturalmente que quem oferece uma PARKER sabe usar a sensibilidade e o bom gosto. Mas isto, é claro, não fica no retrato. Está dentro de nós.



PARKER

PRODUTOS DE THE PARKER PEN COMPANY,

fabricantes das canetas, esferográficas e lapiseiras mais desejadas do mundo. Modelos de 60800 a 2.350500.

Distribuidores exclusivos para Portugal: VIALGA Representações, S. A. R. L.
Rua Joaquim António de Aguiar, 45, 2.º D. — Telef. 53 32 54 — Lisboa-1

PARKER 65

PRÉDIO

A 7 %
ALTO DE S. JOÃO

CONSTRUÇÃO EM CIMENTO ARMADO, BONS ACABAMENTOS. COMPOSTO DE 5 pisos, hab. de 3 e 5 div. soaifadas, cozinha, 1 e 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.

RENDIMENTO 231.600\$00. TODO ALUGADO
PREÇO — 3.400.000\$00 C/ ESCRITURA NA MÃO

MOSTRA E TRATA

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º — TELEFOS. 369384/5 — 328232/3 — 561756



ativo que a carne
abe bem

B, proteínas e sais minerais.
factores de crescimento.

alimentação e supermercados.

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.

Diário de Notícias

CAMPANHA PUBLICITÁRIA DO VINHO DO PORTO NO MERCADO BRITÂNICO

«O nosso mais velho aliado prepara uma «revolução» na Grã-Bretanha. Estes os termos em que o jornal inglês «Observer» inicia um comentário à campanha publicitária que será levada a cabo por Portugal no sentido da promoção da venda do vinho do Porto em Inglaterra.

«O vinho do Porto deixará de ser uma bebida de velhos e tornar-se-á possivelmente tão popular como o «sherry» — declarou ao citado jornal o director da Casa de Portugal em Londres, Jorge Dias.

O consumo de vinho do Porto no Reino Unido, que em 1947 atingiu 10 milhões de litros e 41 milhões em 1959, não excedeu, em 1968, os sete milhões. Esta cifra é duas vezes inferior à da França, onde o célebre vinho português se tornou uma bebida tão «snob» co-

mo o «whisky» escocês.

Mas, segundo o «Observer», o Governo português está a despende presente-mente cerca de 6800 contos com uma campanha destinada a restabelecer a reputação do vinho do Porto em Inglaterra e cujo objectivo é salientar as virtualidades da bebida e divulgá-la entre as camadas populares e jovens.

«O vinho do Porto pode ser tomado em qualquer altura: antes, depois, ou durante a própria refeição e, num «pub», misturado com limonada ou «pepsi», pode transformar-se numa bebida que leva o seu tempo a tomar. É também recomendável com «brandy», caso em que constitui um bom remédio para a ressaca... pode ser um tanto forte mas resulta» — disse ainda Jorge Dias ao «Observer».

Grémio da Lavoura de Valongo

No Grémio da Lavoura de Valongo reuniu-se esta manhã o seu conselho fiscal a fim de proceder à eleição da Mesa e apreciar os orçamentos suplementar do corrente ano e ordinário para 1970.

Depois de aprovados estes orçamentos, foi eleita a Mesa do conselho geral, sendo reconduzidos todos os elementos cessantes. Eduardo Joaquim Reis Figueira (presidente), Joaquim Alves de Oliveira (vice-presidente), Manuel Moreira da Costa e José Jorge Coelho (secretários).

Lynn Chadwick expõe na «Árvore»

Amanhã, à tarde, às 17.30, é inaugurada na «Árvore» uma exposição de esculturas e desenhos do artista inglês Lynn Chadwick, certame que tem o patrocínio do British Council.

A exposição estará patente ao público diariamente das 16 às 19 horas, e das 21 às 23 e 30 às quartas e sextas-feiras, encerrando-se no próximo dia 10 de Dezembro.

Conferência

Na sede da Secção Cultural do Grupo Desportivo dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino haverá esta noite, pelas 21 e 30, uma conferência, seguida de debate, intitulada «O elemento humano, factor primordial no desenvolvimento das empresas», proferida pelo dr. Herlander Alves Machado.

DE COIMBRA

Venda de caridade

A Paróquia de Santa Cruz está empenhada num plano de promoção social que presentemente se ocupa da zona da Relvinha-Bairro Brinca, Estrada de Elvas e Ingote, no qual sobressai a construção de um infantário para servir a população economicamente débil daquela zona.

Trata-se de uma obra cuja construção ultrapassa os mil contos. Encontra-se já concluída a primeira fase, atingindo 500 contos os trabalhos em curso. Para angariar fundos para a continuação da obra vai ser promovida uma exposição-venda de caridade, que se realiza do próximo domingo até ao dia 9 de Dezembro, na «Sala do Capítulo» da Igreja de Santa Cruz.

Festa na F.N.A.T.

Amanhã à noite, na delegação da F. N. A. T. e com início às 21 e 30, realiza-se uma festa para distribuição de prémios das competições desportivas do ano, a que presidirá o delegado do I. N. T. P., dr. Guilhermino Teixeira Ribeiro. A segunda parte do programa será preenchida com um acto de variedades pelo grupo da delegação, sob a direcção do maestro Manuel Eliséu.

Reunião médica

No Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina realizou-se ontem, ao fim da tarde, a primeira «Sessão das Quintas-Feiras» do presente ano lectivo, durante a qual o prof. Juvenal Esteves e o dr. Fernando Guerra, da Faculdade de Medicina de Lisboa, apresentaram uma comunicação sobre «A nossa experiência com a dermatonite».

Direcção de Viação de Coimbra

Foi ontem empossado o novo responsável da Direcção de Viação de Coimbra, eng. Santos Régio, que exerceia funções na Direcção de Viação de Lisboa. Assistiram ao acto o director geral de Transportes Terrestres, eng. Abreu e Silva, sr. Armando Rodrigues de Carvalho, que ocupou interinamente aquele cargo, coronel Ildo Antunes Baptista, comandante da Guarnição Militar; eng. Azevedo Sobral, director da Hidráulica do Mondego; (que representava o presidente da Câmara), eng. Marcos Cardoso, da Secção Regional da Ordem dos Engenheiros, e muitas outras individualidades.

Usaram da palavra os eng.ºs Armando de Carvalho e Abreu e Silva, que exaltaram as qualidades do empossado. Este, por sua vez, agradeceu a presença de todas as entidades e as palavras que lhe foram dirigidas.

Cinema e casas para pobres

No Teatro Avenida realiza-se amanhã, às 17 e 30, uma sessão de cinema promovida pela Equipa de Acção Social do Seminário Maior, sendo exibido o filme «A cabana do Pai Tomás». O produto do espectáculo reverte para o Fundo de Casas para Pobres, que aquela equipa está a ajudar a construir.

Os bilhetes (a preços normais), podem ser adquiridos nas bilheteiras do teatro até à hora do espectáculo.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
GIL VICENTE — As 21 e 30: «Guerra e Paz» (12 anos)
AVENIDA — As 21 e 30: «Espia sem nome» (17 anos)

Farmácias de serviço

DONATO — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).
CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil (Tel. 22961).
CRUZ E COSTA — Rua Dr. António de Vasconcelos (Telefone 22715).
RAINHA SANTA — Rua da Figueira da Foz (Telefone 24737).

Actualização didáctica de professores de Português

Promovido pela Direcção de Serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário está a decorrer na Escola Preparatória Gomes Teixeira um curso de actualização didáctica para professores de Língua Portuguesa, orientado pelo inspector do ciclo dr. José Neves Henriques e pelas professoras metodologas dr.ª Maria Helena Madeira e Irene Alves da Silva.

O curso termina amanhã com a formação de grupos de trabalho para formulação das conclusões, cuja redacção definitiva será feita da parte da tarde.

Espectáculos para hoje

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Rite, n-te» (17 anos)
ANTONIO PEDRO — As 21 e 45: «Mirandolina» (12 anos)
SÃO JOÃO — As 2 e 30: «A chamada» (17 anos)
CINEMAS
RIVOLI — As 2 e 30: «Sublime tentação» (12 anos)
COLISEU — As 2 e 30: «O incêndio de Moscovo» (12 anos)
OLIMPIA — As 2 e 30: «Barbarela» (17 anos)
ESTÚDIO — As 2 e 30: «Repulsa» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 2 e 30: «A lição particular» (17 anos)
BATALHA — As 2 e 30: «O célebre» (12 anos)
JULIO DINIS — As 2 e 30: «Soldado à chuva» (12 anos)
TRINDADE — As 2 e 30: «O homem de Kiev» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 2 e 30: «A morte é mulher» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 2 e 30: «Kiwawa» e «Sherlock Holmes e o collar da morte» (12 anos)
NUN'ALVARES — As 2 e 30: «A vingança do condenado» (12 anos)
ODEON — As 2 e 30: «Quatro dólares de vingança» (12 anos)
INE-GAIA — As 2 e 30: «Ladrão roubado» (12 anos)

Amanhã à tarde

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 15 e 30: «A chamada» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Sublime tentação» (12 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «O incêndio de Moscovo» (12 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «Por favor não me morda o peixe» (17 anos)
ESTÚDIO — As 15 e 30: «Repulsa» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «A lição particular» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «O célebre» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Um homem para a eternidade» e «O cabre quebrado» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «O homem de Kiev» (17 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «Soldado à chuva» (12 anos)

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A. de Quental, 520 Tel. 45048
AZEVEDO, R. do Meirao, 508 (Tel. 52344) * CONSTITUIÇÃO, Rua da Constituição, 93 (Tel. 490813) * CORREIA DE ARAUJO, R. Santa Catarina, 259 (Tel. 25644) * CRUZ, R. Costa Cabral, 1082 (Tel. 4004) * GUARANI, R. Pedro Hispano, 367 (Tel. 62250) * HERCULANO, R. Alex. Herculan, 384 (Tel. 27943) * LIGA A. S. MUTUOS, R. Bonifácio, 286 (Te. 2171) * MAGALHES, Rua Serravallo, 566 (Tel. 63531) * NOVA DE MONSANTO, Rua de Monsanto, 48 (Tel. 490889) * RIBEIRO JUNIOR, Rua Fimzeia, 97-A (Tel. 23849) * SAMPAIO, R. Cedofeita, 635 (Tel. 2782) * SANIL, R. Paraiso, 214 (Te. 23935) * VITALIA, Pr. Liberdade, 37 (Tel. 24133) * GONDAREM, R. Gondarém, 360.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Etes.	Compra	Venda	Ultramarinas	Etes.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ...	—	—	518\$	J. Amante Angola ...	2.500\$	2.500\$	2.510\$
Consolidado 3% ...	539\$	538\$	540\$	M. E. Revul ...	—	—	670\$
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	630\$	Mo do Príncipe ...	—	—	—
Centenário 4% ...	—	1.495\$	—	Mo do Congo ...	187\$	—	188\$5
Obriga. Tesouro 5% ...	1.004\$	1.005\$	1.005\$	Sonete n. ...	—	—	—
Extremo 1.ª Série ...	—	710\$	750\$	Sonete p. ...	435\$	430\$	438\$
Extremo 2.ª Série ...	—	830\$	850\$	Lombardo ...	—	895\$	9\$
Extremo 3.ª Série ...	—	—	755\$	Angolano ...	—	—	—
Extremo 3.ª Série ...	—	—	880\$				
Cautelas 3.ª Série ...	—	150\$	160\$				
OBRIGAÇÕES				C. Diversas			
Agua Lisboa 5% ...	—	470\$	—	Adm. ...	7.900\$	7.850\$	7.950\$
A. P. 1.ª Série ...	—	935\$	950\$	Com. Laria ...	5.600\$	5.500\$	5.600\$
A. P. 1.ª Série ...	—	935\$	950\$	Com. Lario ...	—	7.200\$	—
C. P. 4.ª Série ...	950\$	940\$	950\$	Com. Navegação ...	1.500\$	1.500\$	1.550\$
C. P. 5.ª Série ...	—	—	—	C. U. F.	—	—	—
C. U. F. 6% ...	995\$	995\$	996\$	Ind. Alentejo ...	—	—	—
C. U. F. 6% ...	—	—	1.000\$	Nac. Navegação ...	—	—	—
Gás Elect. 4% ...	—	770\$	—	Petroquímica ...	2.270\$	—	2.270\$
Gás Elect. 4% ...	—	800\$	—	Port. e Colónias ...	—	1.470\$	1.490\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Port. Celulose ...	4.800\$	4.750\$	4.790\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Port. Pesca ...	—	—	270\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Port. Tabacos ...	800\$	798\$	800\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Soc. ...	4.850\$	4.830\$	4.850\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Soc. ...	1.820\$	1.820\$	—
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Soc. ...	3.360\$	3.350\$	3.380\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Tabacos de Portugal ...	—	1.740\$	1.900\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Tabacaria ...	—	8.400\$	8.500\$
Gás Elect. 5% ...	—	935\$	940\$	J. F. Azoto ...	880\$	875\$	880\$
Gás Elect. 5% ...	—	900\$	—				
H. E. A. Alentejo 5% ...	—	1.010\$	1.015\$				
H. E. Cávado 5% ...	—	820\$	—				
H. E. Cávado 6% ...	—	830\$	—				
H. E. Douro 5% ...	—	—	—				
H. E. Douro 6% ...	—	830\$	—				
H. E. Norte Port. 5% ...	—	—	1.018\$				
H. E. S. Estrela 6% ...	—	—	—				
H. E. Zêzere 5% ...	—	1.010\$	1.013\$				
H. E. Zêzere 5% ...	830\$	825\$	—				
H. E. Zêzere 5% ...	—	825\$	—				
Lisboa 6% ...	—	—	—				
Metropolitano 4% ...	—	900\$	—				
Metropolitano 5 3/4% ...	1.003\$	1.000\$	1.005\$				
Moçambique 5% ...	—	—	—				
Nac. Electr. 5% ...	—	840\$	—				
Nitratos 5% ...	—	800\$	—				
Nitratos 5% ...	—	780\$	—				
Petroquímica 5% ...	—	860\$	—				
Port. Celul. 5% ...	—	950\$	—				
Soc. 5% ...	—	—	—				
Soc. 5% ...	—	—	—				
Siderurg. 5% ...	—	—	—				
Siderurg. 5% ...	—	—	—				
Sonete 5% ...	—	—	—				
T. A. P. 4% ...	—	845\$	850\$				
Termoelect. Port. 5% ...	—	815\$	820\$				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	84\$	—				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	84\$	—				
U. E. P. 5% ...	—	—	—				
U. E. P. 5% ...	—	—	—				
U. E. P. 5% ...	825\$	—	825\$				

ACCÕES

Banco	22/11/69	26/11/69	27/11/69
Agricultura ...	2.260\$	2.260\$	2.265\$
Alentejo ...	1.085\$	1.080\$	1.050\$
Angola ...	3.500\$	3.500\$	3.600\$
Burnay ...	—	—	—
Créd. Predial ...	4.900\$	4.900\$	4.950\$
E. Santo ...	—	19.000\$	20.000\$
E. Santo ...	—	—	—
Fonseca S. p. ...	—	20.000\$	30.000\$
L. & Agores n. ...	7.800\$	7.600\$	7.800\$
L. & Agores n. ...	—	—	—
P. Atlântico p. ...	7.630\$	7.630\$	7.650\$
Portugal n. ...	—	—	—
Portugal p. ...	—	4.450\$	—
Totta Alentejo ...	—	6.950\$	—
Ultramarino n. ...	3.380\$	3.360\$	3.390\$
Ultramarino p. ...	3.850\$	3.850\$	—
Seguros			
Alentejo ...	78\$	—	80\$
Douro ...	—	1.500\$	—
Mundial ...	895\$	893\$	900\$
Sagres ...	—	2.300\$	2.700\$
Tranquilidade ...	—	50.000\$	—
Ultramarino ...	—	15.000\$	30.000\$
Ultramarinas			
Agúcar de Angola ...	—	910\$	920\$
Ag. Casseque ...	855\$	850\$	860\$
Ag. Incomat ...	—	—	—
Ag. Neves ...	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe ...	—	—	—
Boror ...	—	—	—
Buzi ...	—	87\$	89\$
Cabinda ...	—	243\$	248\$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACAO DAS ACCOES (Base Dez. 65 100)

	20/11/69	26/11/69	27/11/69
GERAL ...	138,2	154,8	156,4
METROPOL ...	142,7	145,8	147,2
ULTRAM. ...	180,9	221,1	220,9

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	37\$00	39\$00
América:		
— Dollars de 1 e 2 ...	28\$35	28\$75
— Dollars de 5 e 1000	28\$55	28\$95
Canadá — Dollar	26\$40	26\$90
Alemanha — Marco	7\$65	7\$95
Austria — Schilling	1\$08	\$15
Argentina — Peso	\$06	\$09
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$20	1\$20
Espanha — Peseta	\$40	\$41,5
Holanda — Florim	7\$85	8\$15
Inglaterra — Libra	68\$50	70\$50
Itália — Lira	\$04,45	\$04,07
Bélgica — Franco	\$55	\$58
Francia — Franco	4\$75	5\$15
Suiza — Franco	6\$58	6\$78
Marracos — Dirham	4\$90	5\$40
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	280\$00	300\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	280\$00	300\$00
Ouro fino — Barro	33\$00	35\$00

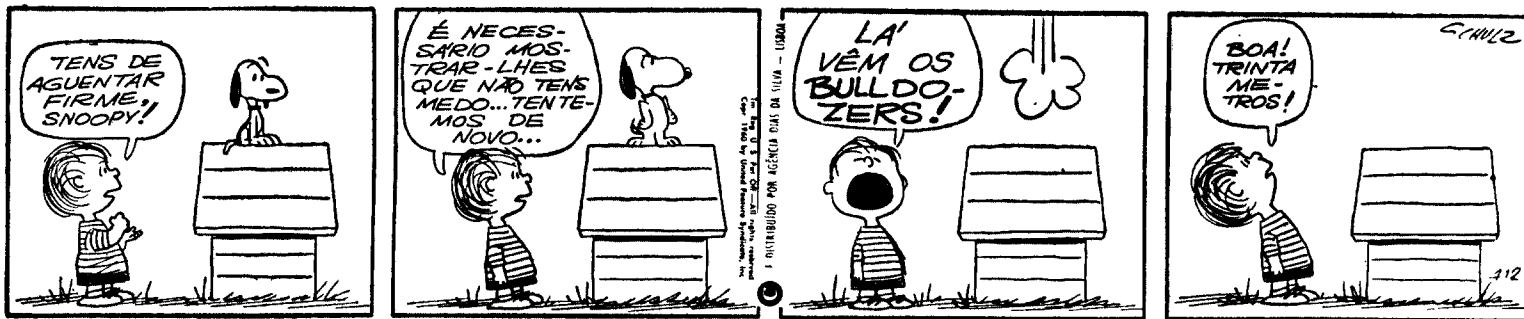
J. BURNAY, L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DR. HERCULANO PEDROSO AMARO DE OLIVEIRA F A L E C E U

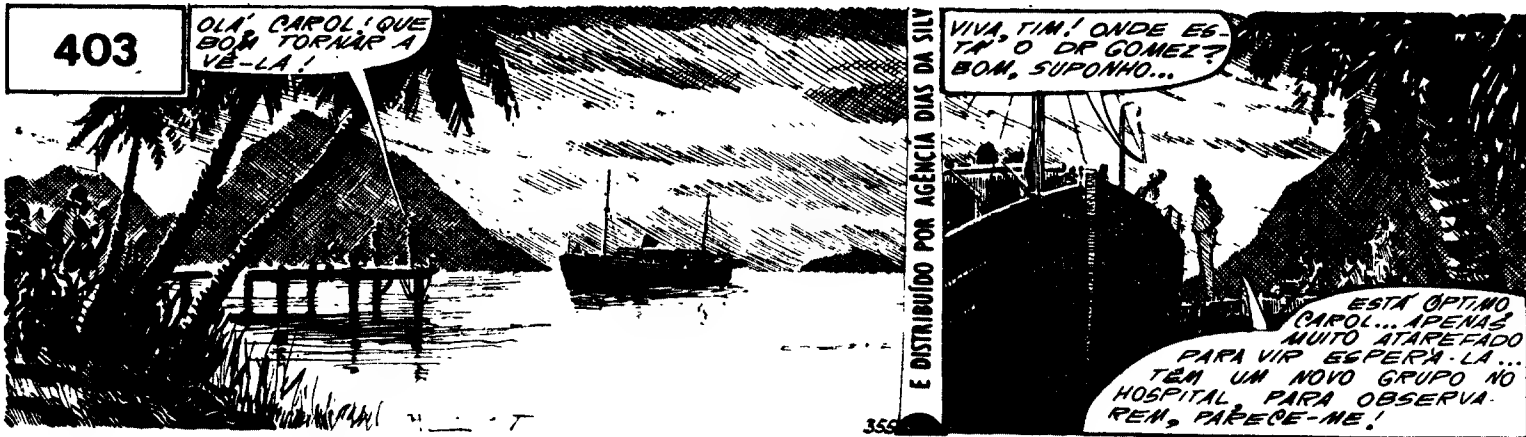
Maria de Lourdes Paredes da Silva Amaro de Oliveira, Maria de Lourdes da Silva Amaro de Oliveira, Gabriel José Paredes da Silva mulher e filhos, Altina Pedrosa Reis Brandão Amaro, seus irmãos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, filho, irmão e parente e que o funeral se realizou amanhã, às 11 horas, da Igreja de São João de Deus (Capela A), para jazigo do cemitério dos Prazeres.

AGENCIA SALGADO

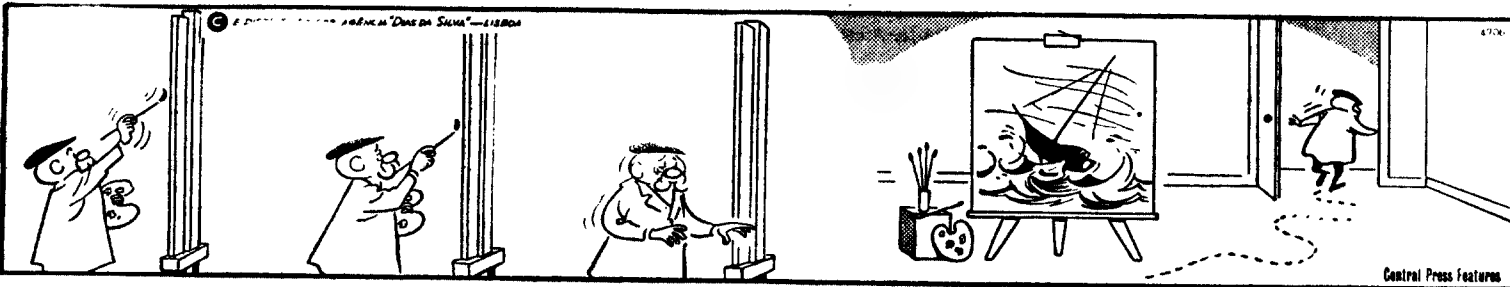
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

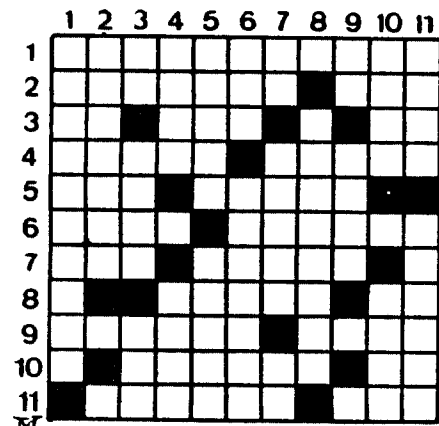
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5372

HORIZONTAIS: 1 — Quase a desfazer-se, 2 — Trepa, Rilha, 3 — Símbolo químico do antimônio. Nome de letra grega. Atmosfera, 4 — Ter em silêncio. Entusiasmo, 5 — Joieira. Impede, 6 — Risonho. Levantada, 7 — A favor, Rezara, 8 — O que dá, Arguida, 9 — Lema Parecência, 10 — Rebatar Carta de jogar, 11 — Salientem, Fiança.

VERTICAIS: 1 — Perdoadado, 2 — Esfumar, 3 — símbolo químico do escândio. Face, Chegar, 4 — Procura Capital do Timor português, 5 — Interjeição que designa afirmação, satisfação, Terreno com vegetação no meio de um deserto, 6 — Antigo navio à vela Veracidade, 7 — Nome de letra grega. Espécie de andorinha Prefixo de negação, 8 — Sepultar, 9 — Dirigir-se. Cheiro desagradável (Brasil), 10 — Tangem. Verdadeira, 11 — Metal precioso. Contrária.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5371

HORIZONTAIS: 1 — Opa, Bart, 2 — DE, Gap, RICO, 3 — Era, Rapinou, 4 — Capelista, 5 — Da Pote, A, 6 — Olhareis, 7 — Pasmado, 8 — SOBERBO, 9 — NÃO, Ela, HA, 10 — Desvia, Amei, 11 — És, Associais

VERTICAIS: 1 — Ode, Depende, 2 — Perca, 3 — Aa, Ossa, 4 — PALMO, Vá, 5 — Bare, Hábeis, 6 — Apaipadela, 7 — Piorara, 8 — Triste AC, 9 — INTEIRO, Má, 10 — Ecoa, Sé Hei, 11 — Sousa, Suais.

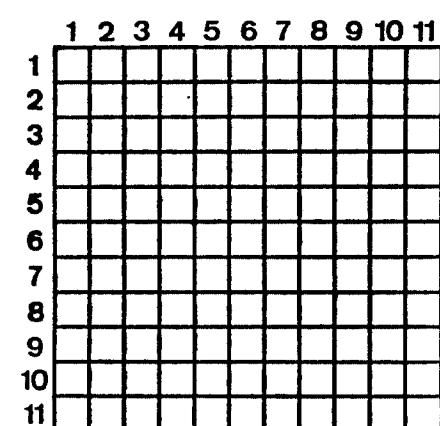
(Provérbio: DE RICO A SOBERBO NÃO HA PALMO INTEIRO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9215

HORIZONTAIS: 1 — Querida, Transpirais, 2 — Enviar como legado. Torna nula, 3 — Procedera, Rio do Turquestão oriental, 4 — Mãe de Romulo e Remo. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas, 5 — Atmosfera. Segue, 6 — Língua vernácula indiana. Mamífero desdentado espécie de tatu, 7 — Ordenar, 8 — Sustentar com varas ou estacas (a videira), Empregava, 9 — Hora do officio divino. Prefixo que designa ar. Senhor em inglês, 10 — Pronome pessoal. Tostas. Átomo (abrev.), 11 — Freguesia do concelho da Cavilhã Almofoira

VERTICAIS: 1 — Içara, Engana, 2 — Mulher cruel. Triturar, 3 — Procedia. Cobre, 4 — Oferecer. Encoleriza. Preposição latina que designa movimento, 5 — Jarro (planta), Aplana, 6 — Pertences, 7 — Diaba Amuralhar, 8 — Ligue, Capas sem mangas. Catedral, 9 — Fama (Fig.), Lavras, 10 — Refutar, Tempo do verbo ver, 11 — Arquipélago dos Navegadores. Missiva



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9214

HORIZONTAIS: 1 — Copo Asma, 2 — Aia, Ana, Sul, 3 — Rs, Atira, Ia, 4 — Analisa, 5 — Andor, Airda, 6 — Ion, Loa, 7 — Paris, Camas, 8 — Amora, 9 — Sa, Oliva, Cr, 10 — Oia, Oca, Poi, 11 — Asca, Mosa

VERTICAIS: 1 — Carla, Pesca, 2 — Ois, Rila, Ais, 3 — Pá, Adora, Oc, 4 — Anónimo, 5 — Atar, Solo, 6 — Anil, Liça, 7 — Ária, Cava, 8 — Adl, lara, 9 — SS, Aroma, Pó, 10 — Mui, AAA, Cós, 11 — Alaga, Síma

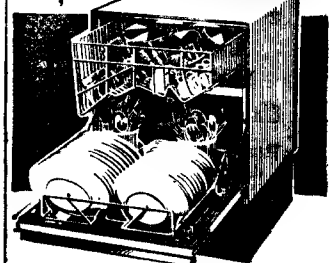
HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Novembro de 1939 publicava:

«LONDRES — Os oficiais da Aviação britânica em França convidaram, para um banquete, os pilotos alemães prisioneiros de guerra, os quais choraram ao abandonar a sala. A gentileza britânica comoveu-os, por contrastar com a insistência com que as autoridades alemãs afirmam que os aliados torturam os prisioneiros de guerra.»

PEUGEOT

MAQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*



100% Automáticas
Aço inoxidável

*Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas

PEUGEOT

a qualidade que não se discute

SABEL

Rua de D. Estefânia 98/A - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

BUTEX



o relógio do homem distinto
e da mulher elegante...

...é agora também o relógio do desportista.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52\$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO

AQUILINO RIBEIRO

CAMILO CASTELO BRANCO

CHARLES DICKENS

JULIO DINIS

STEFAN ZWEIG

WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19x0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt. — Lisboa-1 — Telef. 58796 e 58798

Recortar este cupão
e remeter a
**LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO**

Rua Alberto Aires
de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome
Morada

Dê a si próprio

à sua mulher, aos seus filhos um

Presente de Natal



Venha visitar-nos no Chiado e verá como nos nossos cursos de 8 semanas se aprende alegremente a FALAR línguas.

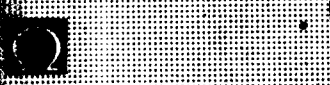


**CENTRO AUDIO-VISUAL
DE LÍNGUAS**

Praça Luís de Camões, 36-37

LISBOA — Chiado — Tel. 34 988

CONSTITUTION
OMEGA



AGÊNCIA OFICIAL
RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 6.ª página)

ja uma obra aparentemente de *mero consumo*. «Cerimónia Secreta» parece ser esse caso: um exercício brilhantíssimo de realização, um enquadramento musical (e sonoro) inspirado, um trabalho de direcção de actores notável (nomeadamente no caso de Mia Farrow, que ultrapassa as previsões mais optimistas), uma fotografia magnífica (que restitui toda a grandiosidade dos *decors* de uma casa inglesa de fins do século passado), uma montagem sincopada, encadeando por processos novos alguns planos, etc. Tudo isto, porém, se nos afigura pretender encobrir a vacuidade do tema, extraído de uma novela espanhola aparecida na edição sul-americana da *Life*. E, no entanto, falar de vacuidade acerca de «Cerimónia Secreta» poderá parecer também uma injustiça, na medida em que a obra se acha repleta de pequenas anotações extremamente subtile e significativas que permitem prolongamentos interpretativos que Losey lança hábilmente no decorrer da acção. cremos, todavia, que este enriquecimento pessoal de um assunto á partida pobre, desequilibrou todo o conjunto da obra que vê o seu núcleo central bem menos importante do que as ramificações que o mesmo propicia.

Cerimónia Secreta» vê-se directamente ligado ao ritual de uma religião, aos seus movimentos, mais íntimos, a um universo fechado, *hinclos* de incomunicabilidade, inferno individual de renúncia e castigo, a culminar em exorcismo ou auto-execução.

Losey disse da obra: «O tema do filme é para mim a terrível necessidade que os seres humanos têm de outros seres humanos e a impossibilidade que a maior parte deles encontra para satisfazer essa necessidade quando ela se manifesta».

Filme hermético, de inteligente construção e de grande dignidade de estilo, «Cerimónia Secreta» vem inscrever-se, no entanto, num conjunto de recentes obras cinematográficas que repisam, sem grandes novidades, o tema da solidão e os correlatos consequentes. Porém, falo com talento, é inegável, mas deixa-se levar para os terrenos da moda momentânea e das obsessões da actualidade. A película perde a acuidade crítica que uma «Prisão Maior» ou um «Encontro Fatal» possuíam, para ganhar um virtuosismo formal que sufoca, sob o seu peso, a sinceridade expositiva do melhor Losey. Ou os inconvenientes de se dever exigirem sempre *corras* excepcionais de homens excepcionais (como é o caso do autor em questão). Mas agressivo e

actual era o «Rosemary's Baby», de Polanski, filme com que é possível estabelecer curiosas comparações (para além daquelas que uma mesma protagonista parece justificar).

LAURO ANTÔNIO

• NO 444

TÍTULO — «Isto Aconteceu» («Es»).

REALIZAÇÃO — Ulrich Schamoni (República Federal Alemã).

INTERPRETES — Sa bine Sinjen e Bruno Dietrich.

Assenta numa maternidade não revelada ao outro responsável todo o primeiro e fundamental impulso do conflito que leva uma jovem, representativa da superabundante sociedade de consumo da República Federal Alemã, a eliminar a vida de um futuro ser e a pôr em risco a sua. De acordo com juízo adrede expresso, o realizador Schamoni (26 anos) definiu assim esta sua primeira longa metragem: «Este meu filme conta uma história igual a tantas, sem nada especial que a caracterize e sem tomar uma atitude contra uma prática geralmente condenada». A afirmação é ambígua e dir-se-ia ter sido feita para despiatar possíveis reacções violentas contra a essência manifesta do argumento, também de autoria do próprio Schamoni. A verdade é que «não tomar uma atitude contra» representa algo de muito positivo ante a moral hipocrítica de uma burguesia bem instalada, que vive na abundância, tendo como único objectivo a boa vida, o luxo, a riqueza. Por um motivo muito essencial o realizador foi buscar aquela parente velhinha (cara de castanha pilada), que veio do Leste visitar a família e os amigos do seu tempo. Já todos moradores naquele cemitério onde o protagonista mede o terreno a passos largos e sonha com o arranha-céus a erigir, englobando lá todos os colóns, e com elevador, para as pessoas idosas se não cansarem, quando vierem visitar os seus mortos.

A simplicidade, directa e

FESTIVAL EM MOSCAVIDE

Em Mosca, no Clube Familiar Moscovite, realiza-se no próximo sábado, pelas 22 horas, uma festa de homenagem a Joaquim da Silva, Meleles, que cessa brevemente as funções de presidente da direcção daquelha colectividade.

Colaboram, neste espectáculo, os conjuntos «Meia-Noite», «6 Latinos», «Os fados», «Os bambalinos», «Cristal», «Lido» e «Dilectus» — 5, além de «Os Condes» e do «Trío Mondego».

documental do filme pode enganar os desprevenidos, até porque o problema, entre nós, se põe de modo muito mais simples, no que respeita à consecução dos objectivos da protagonista, mas muito mais complicado, em tudo quanto concerne aos riscos e à frequência com que se fazem tais análises. No entanto, uma análise profunda de tudo quanto se passa na película tenderá a pôr em relevo algo de terrível: as diferenças de educação, as diferentes morais aplicáveis a homens e mulheres.

Desempenho notável.

O filme recebeu o prémio do Conselho Oficial do Estado Federal para a valorização do cinema alemão, o que diz algo da mentalidade evolutiva do respectivo jur.

R. B.

VIDA SOCIAL

ARQUITECTO

JORGE ALBUQUERQUE

Seguiu para Havana, via Madrid, o arquitecto Jorge Albuquerque, presidente do Centro Português de Actividades Subaquáticas e direcção da Exposição Municipal da Vida Submersa, que se desloca àquela cidade, a convite da Academia de Ciências de Cuba, para tomar parte numa reunião do Comité Científico, da Confederação Mundial, do qual é vice-presidente.

DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Encontra-se em Lisboa, onde veio participar no Colóquio de História e Filosofia, o vice-reitor do Liceu do Funchal, escritor e jornalista madeirense, dr. Horácio Bento de Gouveia.

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Feriados dos dias 1 e 8 de Dezembro

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos feriados dos dias 1 e 8 de Dezembro, os comboios especiais para transporte de militares em viagem de fim-de-semana, são alterados como se segue:

— De Lisboa, além das circulações normais de fim-de-semana realiza-se, também, nos dias 1 e 8 de Dezembro, um comboio especial com partida de Santa Apolónia às 23-45 horas.

— Do Porto, nos dias 30 de Novembro e 7 de Dezembro, realiza-se, apenas, o comboio que parte de Campanhã às 23-40 horas e nas noites de 1 para 2 e de 8 para 9 de Dezembro efectuam-se todas as circulações normais de fim-de-semana.

Asseguradas as ligações de todos os comboios normais e especiais até Tomar e Abrantes.

ROULOTTES CAVALIER

PREÇOS ESPECIAIS PARA AS POUCAS UNIDADES QUE RESTAM DA CAMPANHA DE OUTONO 69

FONSÉ, LIMITADA

Calçada da Ajuda, 72-B — LISBOA-3 — Telef. 63 29 99

Concurso da «Rainha» das Colectividades

A Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, em reunião directiva, resolveu dar o seu patrocínio ao Concurso da «Rainha» dos Clubes Desportivos e Recreativos, uma iniciativa de Produções Joaquim Rasquilho Vieira, e instituir uma taça anual para a colectividade distinguida com o primeiro lugar e prémios para as candidatas primeira, segunda e terceira classificadas. Por sua vez a organização entregará troféus às colectividades e candidatas classificadas até aos terceiros lugares e prémios a todas as representações.

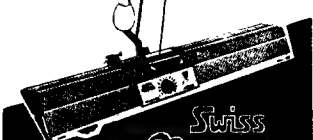
Na final, as concorrentes apresentam-se com as suas faixas e vestidas o mais simples possível, visto o festival ter características populares. O júri será formado por um director de cada colectividade participante e presidido por um representante da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. Os membros do júri não podem votar nas candidatas que representam a sua colectividade. Haverá três eleições, a saber: desfile das segundas damas de honra para eleição da segunda princesa; desfile das primeiras damas de honra para eleição da primeira princesa; e desfile das rainhas das colectividades para eleição da «Rainha» dos Clubes Desportivos e Recreativos. As colectividades interessadas em participar no concurso podem fazer as suas inscrições para Produções Joaquim Rasquilho Vieira, Rua Morais Soares, 76, 4.º

ORFEÃO DE OVAR

OVAR, 28. — Estreia-se amanhã, no Cine-Teatro local, a revista «Agora, sim!», desempenha-la pelos elementos do Grupo Cénico do Orfeão desta vila.

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO DUPLO



- Produto da indústria suíça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

Pretende-se nomear agentes em concessões ainda livres. Consulte:

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGÜETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1.
Tel. 53 50 57
PORTO: Rua Formosa, 172
Tel. 269 02

Nome
Morada
Localidade

IMÓVEL EM LISBOA POR 4.750 CONTOS

Riquíssimo imóvel de 6 pisos, totalmente alugado a comércio e habitações dotadas de todo o conforto moderno. Construção luxuosa e acabamentos fora de série. Rende mais de 7% ao Capital. Trata e mostra a

«NORTENHA»

Praça da Alegria, 58-2. — Telef. 36 67 31 - 36 68 12 - 36 22 28

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

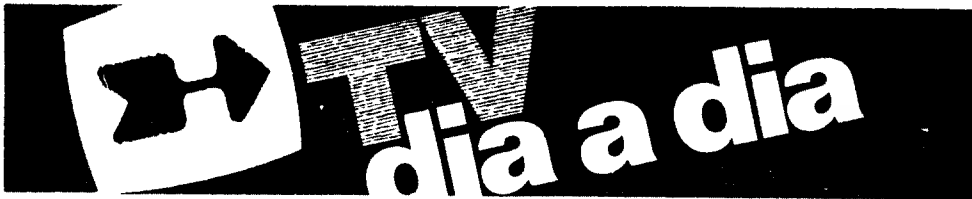
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
IAO AREIRO/TELEF. 727654-727665-713057



Carros e acessórios
amplas facilidades
de pagamento.
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas



HOJE PODE VER...



Clark Gable («O Rei») brilha esta noite em «Dois contra o Mundo»



II PROGRAMA NOITE DE CINEMA:

«DOIS CONTRA O MUNDO»

A emissão desta noite «Dois contra o mundo» é totalmente preenchida com o famoso trio constituído por Clark Gable, Claudette Colbert e filme de Jack Conway Spencer Tracy.

A brigada especial é encarregada de uma missão especialíssima e perigosa

«A Brigada Especial»

«O AVIÃO CINCO NÃO RESPONDE»

«A Brigada Especial», carregada de levar Tony série policial que tem os seus adeptos, é vivida uma aventura cheia de emoção no episódio intitulado «O avião cinco não responde» a transmitir pelas 22 e 35. «A Brigada Especial» é en-

quer deixar o dinheiro para obras de caridade. Mas...

«CASEI COM UMA FEITICEIRA»:

«PROBLEMAS FAMILIARES»

«Samantha recebe a visita dos sogros. Porém, a tia Clara aparece também... e as complicações começam...»

Assim principia o filme

da série «Casei com uma Feiticeira», tendo como intérpretes os conhecidos Elizabeth Montgomery, Dick York e Agnes Moorehead.



«O patrão» de Darrin parece recear algo da «feiticeira»...

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 5: O Grupo Coral «Os Vindimadores da Vidigueira»; 16 e 30: Rotativa musical portuguesa; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 5: Portugal nas trópicos, por Mário Pinheiro; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música; 20 música; 20: Diário sonoro; 20 e 34: 14.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odete de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: O Homem e a Sociedade; 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário e José Luís; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Folclore do mundo — Música do Tibete e da Índia; 16 e 11 — Campeador — Poema (Leon Jorgen) Orquestra Nacional da Bélgica, dirigida por René Defosse; 16 e 20: Dois concertos para órgão e orquestra de Thomas Arne; 16 e 47: Billy Kid — bailado (Copland) Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Leonard Bernstein; 17 e 10 — Música de câmara; 18: Música portuguesa; 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Música de piano; 20 e 30: Música de câmara; 21: Parte de um concerto

pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira, com a participação do Duo de Pianistas Billard-Azois; 21 e 37: Música de câmara de Haydn; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa «A Varinha de Condão» de Jacques Normand; 22 e 28: Nocturnos (Debussy) Orquestra Filarmónica, sob a direcção de Carlos Maria Giulini.

2.º Programa (cultural MF-2) — 94,3 mc/s — As 23: A ópera «Iolantha» (Tchaikovsky) — Solistas, Coro e Orquestra do Teatro da Ópera Maly de Leninegrado, sob a direcção de Eduard Glinka; 23 e 35: Balada n.º 4, em fá menor op. 52 (Chopin), piano, Vladimir Ashkenazy; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s); Porto (92,5 mc/s); Loulé (89,3 mc/s) e Montalvão (91,5 mc/s) — Das 21 às 23: Música ligeira; música sinfónica; música coral; solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Esta quinzena aconteceu; 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: E o seu mundo; 18 e 15: Momento do espectáculo; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Momento ABC; 20 e 12: Europa musical; 20 e 45: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 3: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Con-

tacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã. **Modulação de Frequência —** 97,4 mc/s — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 5: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa 6 G-G6; 0 e 2: Em órbita; 1 e 2: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: E o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Noite dia a dia; 21 e 3: Rádio Placard; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensagem do evangelho; 22 e 2: Primavera plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença colimbrã; 23 e 4: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-nama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Tempo e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Península** — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.



PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 9: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Indústria; 20 e 55: Casa com uma feiticeira; 21 e 30: «Telejornal»; 22 e 5: Concerto; 22 e 35: «A Brigada Especial»; 23 e 35: Marcha do Mundo, e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «2 Contra o Mundo»; 23 e 55: Fecho.



Programa juvenil: Livros e Imprensa

Pelas 19 e 45, é apresentado o 2.º Programa para os jovens, incluindo a rubrica «Literatura Juvenil». Nela se fala dos livros e da invenção da Imprensa com os primeiros jornais diários. Define-se a Imprensa como o modo de passar qualquer texto gravado em relevo, para pergaminho, papel, ou qualquer outro material, utilizando uma prensa, etc.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

canal da crítica

COPLAS AO «JOGO DA VIDA»

Na televisão tão boa que nos vem lá de Lisboa e que é tão conhecida, há uma série famosa em que entra o Franciosa chamada «O Jogo da Vida».

Os homens são de coragem entram na espionagem com uma esperteza sublime. Os jornalistas leais escrevem nos seus jornais contra o mal e contra o crime.

Cada qual, na jornalária, tem a sua secretária, menta nova e atraente, a quem dirigem piropos saudadinhos, mas non tropos, pra fazer apetite à gente.

A 27 de Novembro passou-se, se bem me lembro, uma aventura falada com bandidos no Casino. Chefe, o Trevor, que menino!, mais o agente Barada

A aventura maravilha foi passada numa ilha em dia de Santo Onofre, mais velozes de que os ventos tinham de apanhar os documentos bem escondidos num cofre.

O traidor, homem sisudo, tudo ouvia, ouvia tudo, de maneira inteligente: no quarto do seu senhor escondia um gravador na lata do detergente.

Era tudo gente má que andava de lá para cá com uma enorme demência. O bandido, o peste, o mau, resolvia tudo a pau, porque queria a independência!

Depois mataram o Andrade e a mãe dele. Na verdade foram crimes bem distintos. O jornalista Farrell era homem very well e pôs tudo em pratos limpos.

Não se fazia de novas mas precisava de provas como é hábito nos cines

pois com provas já podia pedir a interferência dos mui valentes «marines».

Mas o Trevor, que é macaco, que é bandido, mas tem caco, guarda o cofre, pois então o Farrell anda às aranhas e com várias artimanhas lá resolvem a questão.

Faz-se muito apaixonado por Miss Rogers, um bocado de mulher que nem pensar! O mais engraçado da história é que ela tinha uma memória capaz de tudo ficar.

O Farrell, já entrando, é um tipo bonito logo acerta, quando aponta. Elas o olho arremelgam estremeçam, espermelgam, e o Farrell — é aquela conta...

Estava uma noite de lua. Diz Miss Rogers: «Sou tua, dá-me um beijo, meu amor.» Dá a pouco contava tudo, tudo quanto estava lá nos cofres do Trevor.

Pronto, os dois já podem ir e os «marines» intervêm nas «Ilhas Ocidentais». Foi tudo na reinação a nossa televisão dá umas fitas bestiais.

De modo que eu aconselho: não queiras chegar a velho sem ver fita tão comprida. Não há no mundo outra assim não há melhor jogo, pra mim, do que este «Jogo da Vida».

Dizem para aí uns bolotas que são fitas idiotas, histórias de magazines. Calai-vos, bocas de fel, senão o grande Farrell vai fazer queixa os «marines».

P. S. — Estes versos foram recolhidos esta manhã, por Mário Castrim, quando eram cantados por um cego que tinha olhinhos, numa feira dos arredores.

RENDIMENTO DE 10 %

J. PIMENTA, S. A. R. L. garante o rendimento por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do Cliente.

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na recta-guarda do Hotel Baía).

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tel. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

ASSIM VAI O TOTOBOLA..

Cavalegada do Ritmo — 11X 121 11X X221; Estação Emissora do C. A. A. (NR) — 11X 121 11X 12X1; Comércio de Portimão — 111 121 112 X121; Correio dos Açores — 111 1X1 12X 122X; O Diário dos Açores — 111 121 11X 12X1; Folha do Domingo — 11X 121 11X 2X11; Gazeta do Sul — 112 121 X1X 122X; Imagens Piedensses — 111 1X1 X11 1221; Jornal de Cascais — 11X 111 X12 2X1X; Jornal Estrela da Manhã — 112 121 121 1X12; O Jornal de Felgueiras — 11X 121 111 2221; Jornal do Fundão — 111 X21 X1X X111; Jornal da Lixa — 111 12X 1X1 1211; Jornal de Santo Tirso — 121 2XX 21X X21X; Linhas de Elvas — 112 121 X11 122X; Notícias de Chaves — 11X 121 112 X22X; Povo Algarvio — 11X 121 111 2222; Reconquista — 111 1X1 111 1X11; Renovação — 11X 121 1XX 1121; O Telégrafo — 11X 1X1 112 1212; O Templário — 111 121 111 XXX1; Pega Que Não Maça — 1X1 121 11X X1X1; Notícias de Guimarães — 111 1X1 1X2 X2X2; Rádio Alitude — 111 121 11X 12X2; Rádio Ribatejo — 11X 121 111 X221; Rádio Sports — 111 111 111 2221; República — 1X2 111 112 1112; Sporting — 112 121 X1X

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 13 - 9.ª Época

2X21; A Voz Desportiva — 11X 111 X11 2X11; A Voz de Palmeira — 11X 121 X1X 1X2X; Jorna. Beira Baixa — 1X1 1XX 2X2 122X; Correio de Coimbra — X12 X21 11X X122; Correio do Vouga — 11X 121 111 1121; Diário do Minho — X1X 111 112 1111; O Distrito de Setúbal — 112 121 111 XXXX; Eco do Funchal — 111 1X1 112 X121; Eco de Cacia — 11X 121 11X 122X; Eco do Desporto — 11X 121 11X X1XX; E. O. Guiné Portuguesa (TD) — 11X 121 11X X2XX; Eu Sei Tudo — 111 121 11X 12XX; Jornal do Sul (Actividades Desportivas) — 111 1X1 11X 2XX1; Jornal do Sul (Toto-bola das Leitoras) — 11X 121 11X 2XX1; Notícias de Penacova (Totofortuna) — 11X 121 112 X121; Notícias de Penacova (Totopalpite) — 111 1XX 11X 1X21; Almanaque (ENR) — 112 121 11X 12X1; Auto-Rádio (RCP) — 111 111 111 2221; Boletim Desportivo (TA) — 112 111 212 X11X; Boletim Desportivo (RP) — 111 111 111 1111; Cantinho Ricardo Le-mos — 11X 121 11X 122X; O Comércio de Leixões (Desporto) — 11X 121 112 1X11; O Comércio de Leixões (DTUP) — 111 121 11X 11X1; O Comércio do Porto — 11X 1X1 11X 1XXX; Póvoa de Lanhoso (Correio das Aldeias) — 111 121 11X X22X; O Concelho de Estarreja — 111 121 112 1112; A Defesa — 111 1X1 1X1 222X; Defesa de Espinho — X12 12X 111 112X; As 10 Espere por Nós — 11X 1X1 X22 X121; Diário de Coimbra — 11X 111 112 1221; Diário do Sul (Aqui Totobola) — 11X 12X 112 1X21; Flor do Tâmega — 11X 121 112 1212; Dos Fracos Não Reza a História — 1X2 12X X11 1111; Ideal Rádio — 111 121 112 1X2X; Jornal do Barreiro — XX1 1X1 11X X121; Jornal da Beira — 11X 121 X1X 1221; Jornal de Notícias — 11X 111 112 2XXX; Jornal de Sintra — 11X 121 11X 11X1; Litoral (Desportos) — 11X 121 X11 122X; Maria da Fonte (Desporto) — 11X 12X 11X 1222; Maria da Fonte (Voz da Póvoa) — 112 121 1X2 1XXX; Momento do Totobola (R. P.) — 12X 111 111 1X11; Mundo Desportivo — 1X1 121 112 X22X; Música e Desporto — 11X 121 11X 1211; Notícias da Amadora

— 112 121 X12 122X; Notícias do Douro — 11X 121 11X 1XX1; Notícias de Felgueiras (SD) — 111 111 1XX 12X1; Notícias de Felgueiras (Totobola) — 11X 1XX X2 1111; Notícias de Gouveia — X11 121 11X 12X1; A Ordem — 11X 1X1 111 1XX1; Póvoa de Lanhoso (Desportos) — 1X2 111 111 1211; Programa Electrónico — 111 11X 11X 1X11; Programa da Manhã — 111 111 111 1111; Programa Sem Nome — 11X 121 112 X222; A Rádio — 11X 1X1 112 12X1; Rádio Clube do Norte — 112 12X 1X1 21X2; Rádio Placard (ENR) — 111 121 112 XX21; Rádio Placard (RCP-Porto) — 111 1XX 112 X211; Rádio Placard (RCP-Lisboa) — 111 121 112 X2X1; Resenha Desportiva — 11X 1X1 11X 22XX; Só-Rádio — 11X 1X1 111 1X21; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 1XX X1X1; Terra Alta — 111 1X1 112 2X2X; A Voz do Domingo — 111 121 111 XX11; Voz de Lamego — 111 121 112 1X11; A Voz dos Rádicos — 112 121 2X1 11X1; Notícias d'Évora (VJT) — 11X 1X1 112 XX21.

A Nossa Cidade — 11X 1X1 112 1X2X; Lobo — 11X 1X1 X12 X1XX; Notícias do Totobola — 11X 121 1XX X111; Angola Norte — 11X 12X 111 122X; Novidades — 11X 1X1 212 X221; Correio do Douro — 111 1X1 111 1111; Comércio de Gaia — 211 121 112 2X21; Comércio de Gondomar — 111 121 112 2X21; Reporter do Dia (Angola) — 111 121 111 X1X1; Reporter do Dia (ENR) — 112 1X1 112 X1X1; De Tudo Um Pouco — 11X 111 11X X122; Vamos à Bruxa (Ade-sivo) — 112 121 X11 1222; Vamos à Bruxa (D. Conchita) — 112 121 111 X22X; Passatempo — 112 121 11X 21X1; Colina Sagrada — 111 1XX 1XX 22XX; Penalti — 11X 121 112 1122; A Lição do Menino Quim — 211 111 11X X121; O Norte Despor-tivo — 11X 111 112 X1X1; Notícias da Beira — 11X 121 112 XX21; Jornal Despor-tivo — 11X 121 11X X2XX; Diário — 2X1 12X 11X 1XX1; Brado Africano — 1XX 121 11X 2222; Notícias Desportivo — 111 111 112 11X1; Onda Desportiva — 11X 1X1 111 1121; Onda da Manhã — 122 12X 11X 221X; Domingo Alegre — 11X 1X1 1X2 X212; Roteiro Sonoro — 111 111 XX2 112X; Relato Futebol Português — 121 12X 112 1111; Relato Futebol Ronga — 111 1X1 121 11X1; Bondafazinho — 1X1 111 XX2 X112; Cidade 69 — 211 12X 112 1121; Vamos Jogar no Totobola — 11X 1X1 112 X2XX; No Mundo do Desporto — 11X 1X1 112 2121; A Ilha Desportiva — 1X1 121 1X1 X22X; Açores 11X 122X; A Voz do Casa Pia — 11X 121 11X 1XX1; Diário de Lis-boia — 112 X11 121 X112.

Militares falecidos no Ultramar

LUANDA, 28 — (L.) — Faleceu em Angola, por doença, o soldado do recrutamento local, n.º 60159166, Francisco Jerónimo da Cunha, natural de Golungo-Alto, filho de Jerónimo Cunha e Esperança Francisco Manuel.

Também por doença faleceu o soldado n.º 62543466, igualmente do recrutamento provincial, Felisberto Miguel, natural de Balombo, filho de Miguel e de Nanjamba.

*

LOURENÇO MARQUES, 28 — (L.) — Faleceram por de-sastre, em Moçambique, os furrielis moçicanos n.ºs 01235063 José Martins Vilas Boas, natural de Lisboa, filho de Mário Costa Vilas Boas e Maria Martins Vilas Boas, e n.º 70075568, Vitor Manuel Lameiras Ferreira.

Também nesta província faleceu por doença o soldado do recrutamento local numero 70314369, Castro Salamo.

Necrologia

FALECIMENTOS

Gabriel Ferreira Marques

PORTO, 28 — Na sua residência, á Esplanada do Castelo, 141 (Foz do Douro), faleceu esta manhã o sr. Gabriel Ferreira Marques, de 71 anos, industrial de ourivesaria, casado com a sr.ª D. Maria Amélia da Cruz Ferreira Marques.

O extinto era presidente do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte e do conselho de administração do nosso prezado colega «Diário do Norte», antigo vereador da Câmara Municipal do Porto e ainda proprietário da Ourivesaria Topázio, nesta cidade.

O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, da residência do extinto para a igreja da Foz do Douro, onde será rezada missa de corpo presente, seguindo depois para o cemitério daquela freguesia.

FUNERAIS

D. Maria de Jesus Santos

Para o cemitério de Queluz efectuou-se esta manhã o funeral da sr.ª D. Maria de Jesus Santos, de 78 anos, viúva do sr. José Maria de Mota e mãe do nosso prezado colega de Imprensa, sr. António dos Santos Mota, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Pinto Martinho Mota e avó dos meninos Jorge e António José Martinho dos Santos Mota.

A bondosa senhora achava-se doente há tempos, tendo-se agravado o seu estado nos últimos dias. Gozava da maior simpatia de quantos a conheciam devido ás suas qualidades de carácter e familiares. Ao nosso camarada António dos Santos Mota da delegação de «O Primeiro de Janeiro», em Lisboa, apresentamos sentidas condolências.

Dr. César Anjo

SANTA COMBA D'ÃO, 28. — Foi hoje á sepultar no cemitério da vizinha freguesia de Vila Borba, de onde era natural, o dr. Augusto César Rodrigues Anjo, que ontem faleceu repentinamente na cidade de Viseu.

Os restos mortais do conhecido médico e democrata de 55 anos, candidato ás recentes eleições para a Assem-

bleia Nacional pela C. D. E. de Viseu, vieram desta cidade em autocarro, acompanhado por familiares e numerosos amigos.

De todo o País continuam a chegar á residência do extinto centenas de telegramas e outras manifestações de pesar.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceram em combate na província da Guiné os seguintes militares: primeiro cabo n.º 073365/68, José Maria Lomba, natural de S. Pedro Velho (Mirandela), filho de José Luciano Lomba e de Maria de Jesus, casado com Idalina de Jesus Cardoso Ferreira Lomba; o soldado n.º 077 06/68, António Abrantes do Couto, natural de S. Pedro (Mantigas), filho de Francisco do Couto e de Maria da Graça Abrantes da Cunha, casado com Maria da Conceição Fonseca dos Santos Couto. Na província de Moçambique, o soldado n.º 009119/68, Carlos Alberto Lira Marques, natural de Mirandela (Porto), filho de Mirandela Marques e de Angela Lira, casado com Rosa Fernanda Silva; e o soldado n.º 085880/66, José Teixeira Medeiros, natural de Ribeira Grande (Açores), filho de Anrónio Medeiros Criador e de Teresa Jesus Ferreira.

*

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceram em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 92269168, António José Tavares Chimita, natural de Benzingel (Beja), filho de Joaquim Chimita e de Tomásia Tavares; o soldado numero 08470268, Luís Martins Bouça, natural de Couto (Viseu), filho de José Afonso Bouça e de Lúcia Martins; na província da Guiné, o soldado n.º 08254868, Manuel Mendes Carneiro, natural de Ribeirão (Vila Nova de Famalicão), filho de Francisco Carneiro e de Rosa Marques Mendes.



JOÃO JOSÉ TEIXEIRA

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Assunção Maria dos Santos Xavier Teixeira, Isabel Maria dos Santos Xavier Teixeira Lima e seu marido Oscar Rocha Lima; Teresa Maria dos Santos Xavier Teixeira, Fernanda Maria dos Santos Xavier Teixeira Correia e seu marido José Manuel Correia Figueira; Luísa Maria dos Santos Xavier Teixeira, Helena Maria dos Santos Xavier Teixeira, Julio Augusto Teixeira, José Manuel Teixeira Junior, Adelaide Emilia dos Santos Xavier, Margarida Maria dos Santos Xavier de Almeida e Manuel Vicente Cipriano de Almeida e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, seu muito querido marido, pai, sogro, irmão, genro, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, saindo da Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima para jazigo em cemitério a determinar.

AGENCIA MAGNO (Telef. 534167)

RESUMO CONCURSO N.º 13

N.º	JOGOS				BOLAS		
		1	X	2	1	X	2 (a)
1.	Porto-Leixões	130	6	5	10	1	1
2.	Varzim-Barcelense	122	13	6	10	1	1
3.	Guimarães-Setúbal	54	61	26	5	5	2
4.	Belenenses-Braga	136	4	1	10	1	1
5.	Académica-Sporting	25	34	82	2	3	7
6.	CUF-Boavista	122	19	—	11	1	1
7.	Sanjoanense-Beira-Mar	112	24	5	9	2	1
8.	A. Viseu-Vizela	119	17	5	10	1	1
9.	Lamas-Salgueiro	37	51	53	3	4	5
10.	Peniche-Farense	71	46	24	6	4	2
11.	Sintrense-Atlético	44	39	58	4	3	5
12.	Tramagal-Torrense	36	43	62	3	4	5
13.	Sesimbra-Montijo	82	39	20	7	3	2

E o prognóstico lógico será: 11X 121 112 1221

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

DES POR TO

Hertha de Berlim

— 3. adversário
do Vitória
de Setúbal
na Taça
das Feiras

Boas perspectivas se deparam ao Vitória de Setúbal na sua carreira europeia. Depois de ter eliminado o categorizado Liverpool a equipa setubalense coube como adversário na 3.ª eliminatória da Taça das Cidades com Feira o Hertha de Berlim. E ainda que os conjuntos germanicos não sejam, exactamente, o que costumam chamar-se «uma pera doce» inegavelmente que muitas das possibilidades da turma de Setúbal eliminar esta equipa alemã. A autêntica categoria da equipa portuguesa e o traqueço que já possui destas competições assim não permitem antever.

O sorteio ontem efectuado em Zurique determinou a realização dos seguintes desafios para a 3.ª eliminatória:

Vitória de Setúbal-Hertha de Berlim (Al. Fed.), Kilmarnock (Escócia)-Dinamo de Bacau (Roménia), Ruão (França)-Arsenal (Inglaterra), Nápoles (Itália)-Ajax de Amsterdão (Holanda), Anderlecht (Bélgica)-Dunfermline (Escócia), Newcastle (Inglaterra)-Southampton (Inglaterra), Barcelona (Espanha)-Inter de Milão (Itália), Carl Zeiss de Jena (Rep. Pankov)-Upfest de Dozsa (Hungria). Até ao dia 15 de Janeiro tem de estar concluída a eliminatória.

SOBRE ARBITRAGEM

Na sede da Incrível Alameda, e a convite do Núcleo de Arbitragem de Alameda, profere esta noite uma palestra o nosso colaborador Manuel Ribeiro, que versará o tema «Arbitros, atletas e público no aspecto disciplinar».

Outro nosso colaborador — Alves Henriques — estará amanhã na Guarda, a convite da Comissão Distrital de Arbitros. «O árbitro e a formação» é o tema da palestra que vai profereir, no Grémio da Lavoura.

Campeonato Nacional de Futebol ACADÉMICA-SPORTING

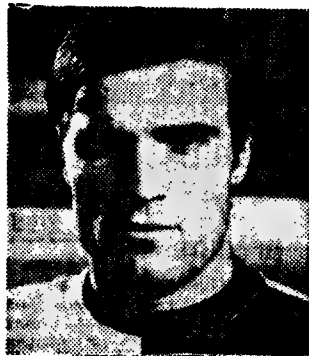
Domingo, 30 de Novembro
A C. P. organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 30 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Sporting» ao preço de 80\$00.

HORARIO

Partida de Lisboa (Rego) 7-25
Chegada a Coimbra 10-34
Partida de Coimbra 18-35
Chegada a Lisboa (Rego) 21-46
Bilhetes à venda na Sede do

DOMINGO EM COIMBRA

JOSÉ CARLOS REGRESSA À EQUIPA DO SPORTING



Dos futebolistas do Sporting última-mente vítimas de lesões, dois continuarão ausentes da equipa, no desafio do próximo domingo, em Coimbra: Pedras e Hilário. Entretanto Fernando Vaz conta com Peres, completamente recuperado e que em Londres contra o Arsenal jogou os noventa minutos sem se ressentir da lesão anteriormente sofrida e com José Carlos

vítima de doença súbita na capital inglesa que o impediu de alinhar e da qual está já perfeitamente restabelecido.

O treinador do Sporting espera, portanto, apresentar contra a Académica a seguinte formação: Damas; Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Manaca (ou Celestino); Gonçalves e Peres; José Moraes, Nelson, Máximo e Dinis.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

O Benfica conquistou a Taça «Diário Popular»

Effectuou-se ontem à noite no ginásio do Estádio da Luz a final da Taça «Diário Popular», para seniores, em ténis de mesa, entre as equipas do Benfica e do Sporting.

A vitória pertenceu aos «encarnados» que voltaram a conquistar o troféu. Os resultados parciais foram os seguintes:

João Rui (Bfc.) venceu Luís Amaro (Spt.), por 3-0 (22-20, 21-12 e 21-17); Delfim Soares (Spt.), perdeu com

José Alvoeiro (Bfc.), por 0-3 (19-21, 12-21 e 9-21). Em pares, Luís Amaro-Delfim Soares foram vencidos por 0-3 ante José Alvoeiro-João Rui.

RAGUEBI

Treino da selecção Nacional

O seleccionador nacional de raguebi realizou ontem no Estádio Universitário o primeiro treino dos raguebistas convocados para formar a equipa portuguesa que defrontará a Holanda e Marrocos para a «Taça das Nações». Estiveram presentes os seguintes jogadores: Ohaves, Lino, L. Costa,

Bessa, Parda, Belo Lucena, A. Costa, Guedes, Ponte, Couto, Vasconcelos, Salgado, Carvalho, T. Mayer, B. Costa e C. Pereira, do C.D.U.L.; V. Nunes, Branco e Tavares, do Belenenses; Cunha, do Directo; Guimarães, de Económicas; Tibério e Dídio, de Medicina; Baeta, Pegado e Toni, da A. A. de Coimbra; P. Lynce, Moura e Laje, de Agronomia; L. Lynce, R. Lynce, Baeta, Paixão, Raul, V. Campos, Metelo, Manzano e J. Faria, do Técnico; Cartuxo, Ramos, Nobre, Silvestre e C. Augusto, do Benfica.

Na próxima semana efectua-se novo treino.

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

EMPATE SEM GOLOS NO JOGO CUF-P. ARCOS

O público não era muito, mas já assim não sucedeu quanto ao entusiasmo.

Cenário: o Pavilhão dos Desportos. Alfiante: o encontro C. U. F. Paço de Arcos, de grande importância para a luta pelo título do Campeonato Metropolitano de Hóquei em Patins, que terminou igualado a zero golos!

A vitória interessava mais aos oulistas, embora a equipa da Costa do Sol ainda tivesse hipóteses.

Ambos lutaram do primeiro ao derradeiro instante para chegar à vitória. Mas aquela negou-se a ambos, embora bastas fossem as ocasiões de gol.

O Paço de Arcos terá sido mais perigoso, e, como tal, Vítor Domingos foi obrigado a mais trabalho, mas, ao fim e ao cabo, o esforço dos dois conjuntos trouxe, afinal, mais benefício ao actual gaul.

De facto, o F. C. Porto vem agora para a Capital um pouco mais tranquilo, já que, se conseguir uma vitória, será campeão.

Sob a arbitragem de Manuel Soares, as equipas alinharam:

PAÇO DE ARCOS — Monteiro; Vieira, Alfredo, Rosa Soares, Correia dos Santos, Póncio e Moura.

C. U. F. Vítor Domingos;

José Carlos, José António, Leonel e José Fernandes.

Classificação actual:

	V.	E.	D.	B.	P.
F. C. PORTO	3	1	—	10-3	11
C. U. F. ...	1	2	1	2-3	8
Carvalhos ..	1	1	1	3-7	7
Paço Arcos ..	—	2	2	2-4	6

No final, vivimos os dois «capitães», que nos afirmaram:

JOSÉ ANTÓNIO, da C. U. F. — O jogo de hoje foi muito bem disputado entre uma equipa mais veterana e outra bem mais jovem, portanto a luta da experiência contra a força física!

«O resultado está certo, e aquele que conseguisse ter marcado seria o possível vencedor».

«Quanto ao título, tudo pode acontecer. Aguardamos a vista dos norte-nos com calma, se bem que reconheça as boas possibilidades do F. C. Porto».

CORREIA DOS SANTOS, herdeiro de um nome famoso do nosso hóquei, «capitaneou» a equipa do Paço de Arcos, e disse-nos:

O jogo foi emotivo, bem disputado, mas o resultado não está certo! A nossa equipa atacou mais, teve mais possibilidades de gol, mas a superior exibição de Vítor Domingos obteve a que fomos justos vencedores!

«Quanto ao título, irá para o F. C. Porto, uma equipa jovem, com dois avançados muito rápidos e habilidosos».

«Pela nossa parte tudo fizemos para corresponder ao entusiasmo da nossa massa associativa — a quem estamos agradecidos — para lhes dar a alegria do título, mas não pode haver um campeão sem sorte!»

Os «Nacionais» de juniores e juvenis

No mesmo Pavilhão dos Desportos prosseguiram os Campeonatos Nacionais de Juvenis e Juniores, com os resultados seguintes:

JUVENIS

P. de Arcos-Salesiana 2-2

Jogo equilibrado, portanto com resultado certo.

Classificação:

	V.	E.	D.	B.	P.
I. SAGRES	4	—	—	16-2	12
P. Arcos ...	2	1	1	11-9	9
Salesiana ..	1	1	2	10-9	7
Carvalhos ..	—	—	4	1-18	4

JUNIORES

C. Ourique-Salesiana 4-3

Sensacional recuperação do Campo de Ourique, que, a perder por 3-0 no início da 2.ª parte, veio a vencer com muito brilho e a isolar-se no primeiro lugar.

O vencedor apresentou declaração de protesto.

Classificação:

	V.	E.	D.	B.	P.
C. OURIQUE	2	—	—	13-7	10
Valongo ...	2	1	1	16-7	9
J. Salesiana	2	1	1	14-9	9
Vagosana ..	—	—	4	3-23	4

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL DE 7 — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Benfica-Técnico, Alameda-Sporting e C. N. O. C. A.-C. Ourique, em categorias de honra, no Campo de Ourique, a partir das 20 e 30.

— Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão: Amadora-Caramão, Penha-Mirandense e Santa Catarina-Paimense, no pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30.

AUTOMOBILISMO — 2.ª prova de pericia do Bairro da Encarnação, às 14 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Liberdade-Moscavide e C. Quebradense-Lisgás, às 21 e 30; Universitário-Oriental e Carnide-Técnico, às 22 e 30 — todos na Tapada da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Rangei-Campolide (21 horas) e Oeiras-C. Tejo (22 h), no ginásio da Faculdade de Ciências.

FUTEBOL — Campeonato de reservas da A. F. L. Atlético-Casa Pia A. C. Oriental-Sintrense, Torriense-Alhandra, Odivelas-A. G. S. e Estoril-Sacavenense, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Campeonato de reservas da A. F. Setúbal: Sesimbra-

Seixal, C. U. F. Alameda, Vitória-Amora, C. Piedade-Monte e Barresense-Trafaria, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

GOLFE — Torneio na Teça Duque de Windsor (4.ª volta), no campo do Estoril, à tarde.

HIPISMO — Campeonato Nacional de Juniores, 3.ª prova, no hipódromo do Campo Grande, às 15 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional Metropolitano: Paço de Arcos-Carvalhos e C. U. F. C. Porto, a partir das 21 e 30, no pavilhão dos Desportos em Lisboa.

— Campeonato Nacional de Juvenis: Juv. Salesiana-Carvalhos e Paço de Arcos-Inf. Sagres, a partir das 15 horas, no pavilhão dos Desportos em Lisboa.

— Campeonato Nacional de Juniores: Juv. Salesiana-Vagosana e C. Ourique-Valongo, a partir das 17 horas, no pavilhão dos Desportos em Lisboa.

NATAÇÃO — Torneio de Novembro, para nadadores de 8/9 anos, na piscina do Areeiro, às 21 e 30.

VOLEIBOL

O BENFICA COMANDA NO TORNEIO DE ABERTURA

Referente à 4.ª jornada do Torneio de Abertura para seniores, realizado pela Associação de Voleibol de Lisboa, realizou-se ontem no Pavilhão do Estádio da Luz o encontro Benfica-CDUL que os encarnados venceram por 3-0 (15-10, 15-4 e 15-6).

A partida foi dirigida por Fernando Rodolfo e as equipas alinharam:

BENFICA — Vítor Carvalho, João Carlos, Orlando Gomes, Carlos Figueiredo, João Nogueira, António Cadete, Moisés Nobre e António Matos.

C. D. U. L. — Bruno Pinto, Mena Reis, Pedro Roriz, Moniz Pereira, António Ferreira e Nuno Pinto.

Apenas no 1.º set a equipa do C. D. U. L. ofereceu boa réplica a um adversário que de momento está em boa forma e por isso não teve dificuldade em alcançar um excelente triunfo. Assim, o Benfica transpôs mais um obstáculo e comanda a prova sem qualquer dúvida, colocando-se desta forma em óptimas condições de conquistar o torneio.

uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser o seu whisky.

TEACHER'S Highland Cream



o mestre entre os whiskies



Soc. Com. Blandy Brothers (Lisboa) Lda.
R. Victor Cordon, 31-1.º — Telef. 36 65 51

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Propriedades POR 4.60

— VENDAS — Dinheiro CASAS

MORADIA

Em Caravelos, a estrear, composta de rés do chão e 1.º andar, e/ grande salão, cozinha, quarto, casa de arrumos, casa de banho e lavabos, do 1.º andar 4 quartos e/ roupeiros, e 2 casas de banho, grandes varandas e/ lindas vistas, etc., garagem e casa de lavagem, toda murada, etc. Mostra e trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º T. 536111/2/3. Lisboa

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS.

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

(H. NUNES)



PUBLICIDADE Telef. 847260

No BOMBARRAL o «DIÁRIO DE LISBOA» e vendido por Garrudo & Ramos.

ANDARES

VENDEM-SE A ESTRADA DE BENFICA — Com facilidade de 130 contos a Caixa. 4 e. assoalh., 2 e. de banho, hall e despensa em prédio de boa construção e/ elevadores. Preço 380 contos. Ver Estrada Calhariz de Benfica lote 10.

s/ prédios

EMPRESTA-SE rápida mente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção também se aceitam propriedades para venda Casa Laires, Rua da Prata, 291. 2.º, Dt. — Tel. 325487-370618 (Junto à P da Figueira)

para alugar

Procure V. ex. nos n.ºs críticos onde sempre variadíssimos andares e lotas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos. Trata: SOC. VICTA, Rua do Ouro, 292. 1.º — Telef. 34755

diários, leve para casa

- 1 FRIGORÍFICO c/ congelador a toda a largura
- +1 FOGÃO 2 bicos e forno
- +1 PANELA de pressão pagando em 24 meses

condições vantajosas marcas consagradas

ASTROTECNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 58-B — TEL. 561531
LISBOA-1

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
CONCURSO PÚBLICO PARA VENDA DE SUCATA

Recebem-se propostas até às 10 horas do dia 22 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 24 de Novembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO a Alexandre Pinheiro

HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA, SARL

TROCA DE ACCÕES

A Hidro Eléctrica Portuguesa, SARL e a Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, com sedes nesta cidade, vêm por este meio avisar os Accionistas da primeira destas Empresas de que:

- 1.º — Foi celebrada, em 18 de Outubro passado, a escritura pública relativa ao contrato definitivo da cessão da concessão do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora;
- 2.º — Os accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa que, para efeito de troca das suas acções por acções da Hidro-Eléctrica do Douro, as não tenham já depositado na sede desta última Empresa, ainda o podem fazer, dentro do prazo de 30 dias, a contar desta data;
- 3.º — Para tal, devem dirigir os seus pedidos, por escrito, à Sede da Hidro-Eléctrica do Douro (à rua do Boalhão, 36 — Porto), indicando o número de acções que tomam o compromisso de trocar e qual a natureza (nominativas ou ao portador) das que desejam receber, bem como a espécie que pretendem (de 1, 5, 10 e 100 acções). Com a formulação destes pedidos de troca deve ser feito o depósito dos respectivos títulos ou, no caso de o mesmo não ser possível, apresentado documento justificativo dessa impossibilidade.
- 4.º — A troca efectivar-se-á contra a entrega de cautelas definitivas da Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, depois de expirado o prazo de 30 dias acima mencionado; a substituição das cautelas definitivas pelos respectivos títulos será, por sua vez, realizada no 1.º trimestre do próximo ano, altura em que serão pagos os juros intercalares a que os Accionistas tenham direito.
- 5.º — As acções da Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, referidas no n.º 2.º darão direito ao dividendo do exercício de 1969.
- 6.º — Na medida em que estatutariamente for possível, será respeitada a preferência dos Accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa, manifestada através dos seus pedidos, quanto à natureza das acções (nominativas ou ao portador) que desejem receber em troca.

Porto, 27 de Novembro de 1969.

OS CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO

PRÉDIO
1.270 CONTOS
A render 8%, de Dez. de Quiluz, 8 inq. de habitação com 3 e 4 divis. ass. Construção moderna com excelentes acabamentos. Rendimento anual de 101.400\$00.
ORCOSI
R. 1.º de Dez.º, 45-3.º, Esq.º LISBOA
Telefs. 367444/323172

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES
F. FERNANDES & COSTA LDA
(MEDIADORES AUTORIZADOS)
AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

PRÉDIO
À PRAÇA DO CHILE
CONSTRUÇÃO ANTIGA, COMPOSTO DE 6 pisos, 12 inq., hab. de 4 e 5 div. soalhas, cozinha, casa de banho, corredor. PODE-SE ENTREGAR UM 1.º ANDAR VAGO.
RENDIMENTO — 69.600\$00.
BOM NEGÓCIO, POSSIBILIDADE DE AUMENTO.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 — 328232/3 — 561756

MALHAS
Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.
Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telef. 832391 e 820666.

Capitais
TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A
ORCOSI
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS
SOBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69

SE TEM AUTOMÓVEL
Realize dinheiro rapidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

MAIOR PERFEIÇÃO MAIOR BELEZA
RELÓGIO SUIÇO
CAUNY

Automóveis

VENDAS: ALUGUER:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar F. L. Coe — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446

Taurus 17-M Super, de 4 portas, 1967; Volkswagen, 1500, 1968; Opel Kadett de 4 portas, 1967; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965; Austin Cooper, 1963.

Contacto

(H. NUNES)



Telef 847260 PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor Av. Barbosa du Bocage, 1.º Tel. 769848-761987

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Azeiteiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel. 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERRO vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferro — Rua de S. Julião, 64-66

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na: Av. Almirante Reis, 172-A Telef 533592

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A Telef. 53 35 92

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — LIVRE COMO O VENTO — E U R O P A

EUROPA

(M. 6 anos) Tel. 661016
(Veja anúncio especial)
MARK LESTER (o intérprete de «OLIVER») em
LIVRE COMO O VENTO

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153/4
As 15.15, 18.15 e 21.30
5 grande realizadores italia-
nos dizem o que pensam sobre
a mulher

A MAGIA DA MULHER
com Silvana Mangano, Clint
Eastwood, Totó e Alberto
Sordi

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Para o público que só gosta
do melhor!
William Holden — Ernest Borg-
nine — Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
com Alan Bates e Dick Bogarde

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
COM O ARROJADO FILME
**A PRIMAVERA EM RO-
MA DE MRS. STONE**
com Vivien Leigh e Warren
Beatty

Apesar de ser muito novo...
ela quis que fosse o seu
pecado
TECNICOLOR

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 15 e 21 h.
**QUANDO BEIJAS
UM DESCONHECIDO
OS AMBICIOSOS**

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
Em continuação de estreia
um filme superior
**A BATALHA
DE INGLATERRA**

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
FRANK SINATRA
num filme policial de grande
categoria

O DETECTIVE

com Lee Remick

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
Uma obra de rara linguagem
cinematográfica

ISTO ACONTECEU

com Sabine Sinjen e Bruno
Dietrich

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
5.ª SEMANA
Um festival de belas canções
no cenário maravilhoso do
Brasil

QUIMERA

com Gianni Morandi
e Laura Efrikian

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA DE EXITO!
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina
mais disputada do Mundo!

ISADORA

O filme mais importante
do ano!
TECNICOLOR

Metro: Estação Picoas

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA
LOIAÇÕES ESGOTADAS
COM MILU e CALVARIO

O DIABO ERA OUTRO

com Nicolau Breyner, Julieta
Castelo, Fernanda Borsatti e
Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOÃO NOBRE
Estreia mundial

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
O F. B. I. CONTRA A MAFIA
O TEMPLO DO ELEFANTE
BRANCO

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O extraordinário filme russo
premiado no
Festival de Cannes

O 41.º

Uma mulher prisioneira do
seu próprio prisioneiro

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
O extraordinário filme russo
premiado no
Festival de Cannes

O 41.º

Uma mulher prisioneira do
seu próprio prisioneiro

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum
e Mia Farrow
Num extraordinário e inquietante
filme!

CERIMÓNIA SECRETA

Uma obra-prima em technicolor
de Joseph Losey

R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color
Jean Paul Belmondo num fil-
me de Robert Enrico

O GRANDE AJUSTE DE CONTAS (HOI!)

com Joanna Shimkus e Sidney
Chaplin

CONDES

(Adultos) Tel. 32523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
ISADORA
com Vanessa Redgrave
é sublime a imagem lírica
onde a arte e o amor se
confundem...

GRANDE PRÉMIO DE CANEAS 1969 (versão integral)

CASINO ESTORIL

(M. 7 anos) Tel. 260729
As 21.30
**ANTES DO INVERNO
CHEGAR**
com Topol, David Niven, John
Hurt e Anna Karim

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
**MINUTO A MINUTO
SEM RESPIRAR**
com Carol White e Paul Bunke

QUINZENA CINEMA AMERICANO

Hoje — Adultos — 18.30 h.
O AGIOTA, de Sidney Lumet
com Rod Steiger e Geraldine
Fitzgerald

Dia 2 de Dez.: «O Último De-
gra» (Adultos)

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45 h.
2.ª SEMANA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
Em continuação de estreia
Um sensacional e especta-
cular filme

A BATALHA DE INGLATERRA

com um fabuloso elenco

LIDO

Praça D. João — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
Um romance de amor e ódio!
Filme premiado com
3 «Oscars»

O LEÃO NO INVERNO

com Katharine Hepburn
e Peter O'Toole

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno M

Ver pelos bairros das imedia-
ções e telefones entre parên-
tesis.

ALCANTARA — Probidora, R. de
Alcantara, 5-A-B (638589)
AJUDA — Lidia Almeida, Calça-
da da Ajuda, 70 (637318)

ALTO DO PINA — Eusil, R. Ba-
rão Sabrosa, 04 (841912)

ALVALADE — Rainha Santa, Rua
At. Lopes Vieira, 57-B (765262)
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B
(712682)

ANJOS — Guerra, Rua Andrade,
32-36 (845513)

AREIRO — Belo, Av. de Roma,
53-A (776314) * Estados Uni-
dos, Av. Estados Unidos da
América, 6-B (725859) * Cen-
tral do Areiro, Av. Pans, 2
(720820)

AVENIDAS NOVAS — Santa Ma-
ria, Av. 5 de Outubro, 283-A
(763016) * Cardeto, Lda., Av.
Visconde Valmor, 28-A-B e C
(772291) * Saldanha, Av. Pra-
da da Vitória, 53-55 (43938)

BAIRRO AZUL — Strius, R. Fialho
de Almeida, 38-A (44000)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO —
Ascenso, Rua 27, 41 (31216)

BAIXA — Frazão, R. das Portas
de St. Antão, 72 (328180) *
Durão, R. Garret, 90-92 (324166)

BENFICA — Marques, E. de Ben-
fica, 648 (700096) * Vitec,
Est. de Benfca, 373-B (780548)
* S. João, Est. da Luz, 72-A-4
(783179)

CAMPO DE OURIQUE — Condes-
tável, R. Coelho da Rocha, 119
(666206) * Almeida, R. Silva
Carvalho, 136 (681726)

CAMPOLIDE — Imparcial, R. Ge-
neral Taborda, 28 (680931) *
Ruarte, Lda., Rua do Alto do
Carvalho, 5-A-5-B (651721)

CHARNECA — São Bartolomeu,
Vila Paulo Jorge, 1 — Galinhei-
ras (790969)

CHILE — Lab. do Brasil, R. Al-
ves Torgo, 29-31 (46843)

CONDE BARRO — Lys, R. da Es-
perança, 17-19 (660913)

CONDE REDONDO — Branco, Av.
Duque de Loulé, 61-65 (45048)

ESTRELA E LAPA — Gama, Cal-
da da Estrela, 130 (660339)

GRAÇA — Anunciada, R. do Vi-
gário, 74 (866360) * Progres-
siva, Rua St. Marinha, 18
(863619)

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros,
R. do Lumiar, 122-124 (790332)

OLIVAIS — Fernandes Borges, R.
C., 8, Lote 300 (311091) *
Central dos Olivais, Rua Alfe-
res, Barilho, Ruas 7-C, Olivais-
Norte (315539)

PALHAVA — Curio, Av. Madame
Curio, 15-A (778439)

PAMPULHA — Infante Santo, R.
do Oficial, 290 (661003)

PATRIARCA — Cunha, Rua da
Escola Politécnica, 16 (32545)

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Nova
Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Tambo no Inferno» (17 anos).

CASA DA COMÉDIA — As 22: «A
dança da morte» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
às 23 h.: «Esperteza saloia» (17
anos).

A B C — As 20 e 45 e às 23: «Ena
já talia» (17 anos).

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O pe-
cado de João Agonia» (17 anos).

GIL VICENTE — As 22: «Oração
a dois Verducos» (17 anos).

VILLARET — As 21 e 45: «Valpene»
(17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 4 e 19: «O mis-
tério da ilha maldita» (12 anos).

PROMOTORA — As 15 e às 21:
«A viagem» (17 anos)

SALÃO LISBOA — As 4 e 19:
«Duelo sem tréguas» (17 anos).

ARCO IRIS — As 5 e às 21:
«A última cavalcada a St.
Cruz» (17 anos).

CINEARTE — As 15 e às 21: «O
roubo da Pietá» (17 anos).

IDEAL — As 15 e às 21: «Nin-
guém foge para sempre» (17
anos)

MOSCAVIDE — As 2: «Os con-
dições de Navarone» (17 anos).

JARDIM — As 21: «O número do
amor» (17 anos)

PARIS — As 2: «A batalha de
Inglaterra» (12 anos).

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «O cérebro» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «Antes do inverno
chegar» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «O casamento» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTÍSTICA — As 21 e 15:
«Adoráveis consoadores» (17
anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOAO V. — As 21
e 15: «Doutor Jivago» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Brinca-
deiras proibidas» (12 anos).

CAPITÓLIO

Tel. 320379
As 21.45 h.
(Maiores 17 anos)
Um êxito memorável

O PECADO DE JOÃO AGONIA

de B. SANTARENO
SABADO — Tarde a preços
reduzidos
DOMINGO — Tarde dedicada
a estudantes

GIL VICENTE

— Cascais

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

APRESENTA AS 12 HORAS

EUNICE MUÑOZ interpretando ARRABAL

com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA
e CARLOS PAULO

Trad. ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação **CARLOS AVILEZ**

SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

Outra Banda

ALCOCHETE — Gama, L. Antó-
nio dos Santos, 17-A Tel.
1234 00

ALHOS VEDROS — Portugal
Avenida do Belo Rosa 8 (Telef.
224250)

ALMADA — Nuno Alvares — Av.
D. Nuno Alvares Pereira 39
(Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova
Fátima — Est. Nacional 22-B
(Tel. 224 4)

BARREIRO — Pimento — R. Cons.
Joachim António Aguiar 259
(Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — Castro Re-
drigues, P. 5 de Outubro 62 —
1270 2

MOITA — União Moitense — Av.
Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO — Moderna R. Bulhão
Pato, 60 (230 56)

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar
Tel. 22947

SETUBAL — Normal do Sul, P. do
Bocage (22216)

SEIXAL — Soromenho, R. Parva
Coelho 38 Tel. 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 861353
* Companhias Reunidas, 537011
* Gazdila, 538821 * Gazdi-
la, idem e feriados 382069.

BOMBEIROS — Sapateiros 32222
Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária,
535380 * Marinha, 326456 *
Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G. N. R.
(área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342
* Enfermagem permanente,
766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * San-
gue, oxigénio e soros, 771168
e 771169 * Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 * Centro
de Intoxicações (informativo),
767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 * Caminhos-de-ferro,
(C. P.), 869029 * Caminhos-de-
ferro (Estoril), 861121 * Estão-
ção fluvial (T. Paço), 325345 *
Estação marítima de Alcântara,
863195 * Estação Marítima da
Rocha, 672445 * Estação flu-
vial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

Aos Sábados e Domingos

JANTARES DANÇANTES

com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO

Parque privativo
para automóveis
(Encerrado às 3.ª-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE

antónio

COZINHA TÍPICAMENTE PORTUGUESA
O AR-AMENTE ACORDA DE LAGOSTA
AR CONDICIONADO

ABERTO AOS DOMINGOS
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junta da Estação do Metro das Picoas)

RESTAURANTE

TARANTELA

RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes

Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE

SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44

LOCAL APRAZÍVEL PARA
ALMOÇAR e TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES

AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTITUÍDO

Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junta do Monumental)
Tel. 536080

POP

Frente a frente: Há um problema de gerações?

Diálogo entre um estudante e um antigo professor versando esta questão de presente actualidade

O suplemento «Mesa Redonda» — já aqui o dissemos — pretendia ser como que um clube de discussão. Não da discussão pela discussão, mas como técnica de confronto de ideias, interpretações dos fenómenos e dos problemas e, igualmente, de confronto de soluções. Neste estocço de estimular as pessoas a emitir os seus pontos de vista, ao debate de opiniões, sempre necessário e frutuoso, temos usado diversas fórmulas: mesas-redondas, inquéritos, entrevistas, etc.

Num dos últimos numeros ensaiamos uma variante: pôr «frente a frente» duas pessoas predispostas a dialogar sobre determinado tema. Fizemos a experiência com dois estudantes: Isabel Maria Lopes de Sena, que foi aluna de uma universidade americana, e João Bonitácio Serra, aluno de História da Faculdade de Letras de Lisboa.

Os resultados desta experiência — apesar das dificuldades naturais e compreensíveis — animaram-nos a prosseguir. Hoje damos o resultado do diálogo travado entre duas pessoas de gerações diferentes: o dr. João Sá da Costa, antigo professor de História e Filosofia e actual dirigente de uma editora (45 anos) e o estudante Virgílio Barata Salgueiro, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa (23 anos).

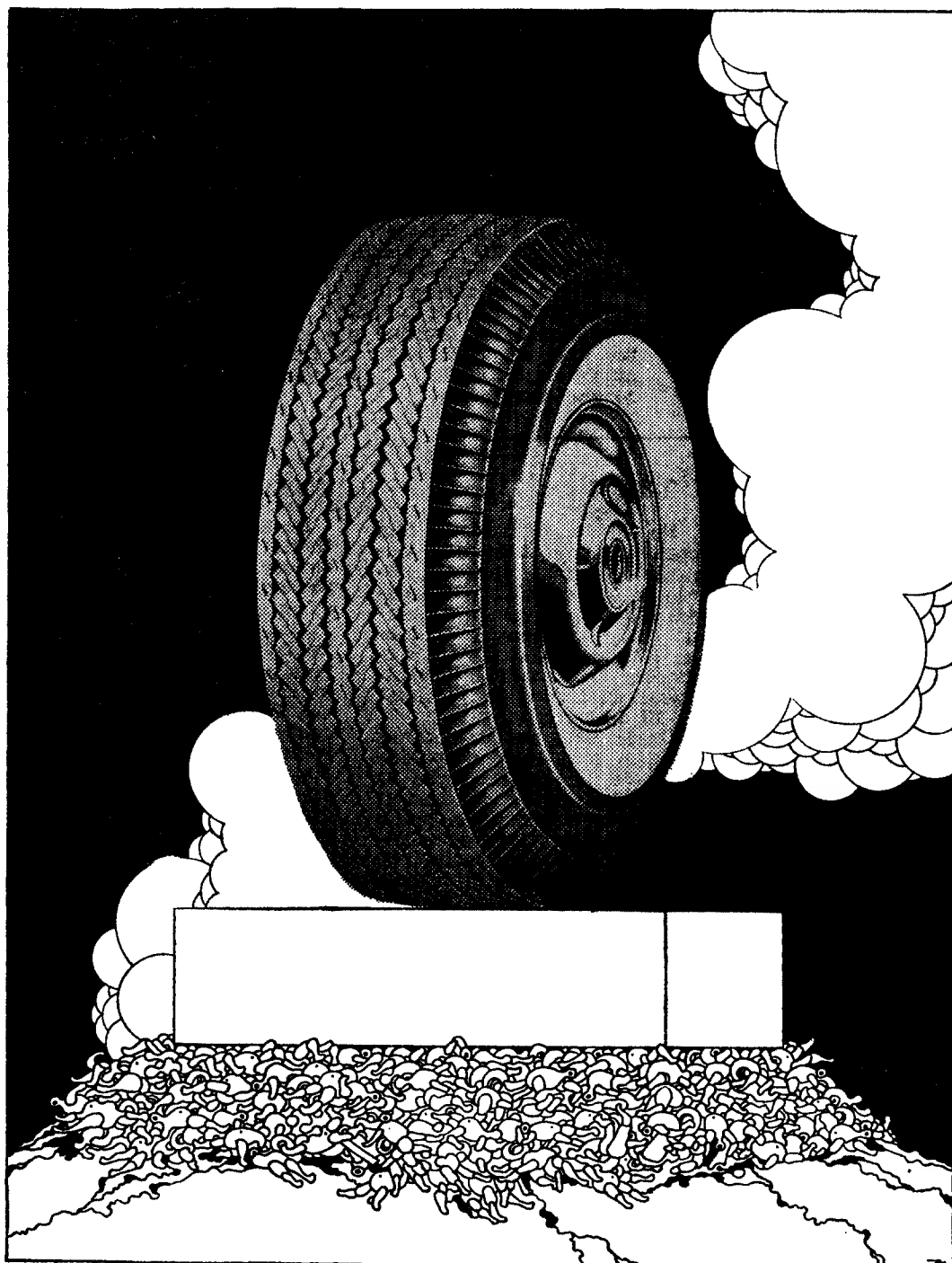
O tema do diálogo foi, precisamente, o seguinte: «Há um problema de gerações?» Cremos que o resultado deste debate se reveste de incontestável oportunidade e do maior interesse para os nossos leitores.

(Ler Diálogo na página central)



MESA REDONDA

Monumentos Nacionais (3)



Desenho de João Abel

Os problemas espaciais e a vida moderna

J. TIAGO DE OLIVEIRA

«Per aspera od astra», aos astros por caminhos ásperos, eis um lema bem antigo.

Mas valerá a pena a aspereza dos caminhos, a intensidade dos treinos, as despesas fortes, a conglomeração de cientistas, técnicos e executantes, todo esse amálgama de inteligência e acção para levar a cabo — com inevitáveis dificuldades e falhanços e a glória de os superar, com sucessos e insucessos — um voo orbital ou suborbital, um programa espacial? Foi esta, transmutada em termos adequados, a pergunta dos velhos do Restelo de Quinhentos, quando já ia longa a execução da empresa das Descobertas. Decerto a fizeram também quaisquer outros velhos do Sêner ao verem construir o Louvre ou do Cambodja ao erguer-se dos seus tempos. Acharemos nós, portugueses, que a empresa das Descobertas não valeu a pena? E, mais recentemente, não terá tido sentido o voo de Gago Coutinho-Sacadura Cabral?

Porém, os homens meramente pragmáticos, para os quais a tendência a aventura racionalizada — que tão fortemente distingue o homem dos outros seres — é mera ilusão de juventude que o tempo desfaz em poeira e nada, não aceitam solvabilidade. E põem, de facto, uma questão sólida, forte: a de que tanto havendo a fazer sobre a Terra, na eliminação da fome, da doença, da miséria, tanto havendo a fazer na difusão do ensino e da cultura, tanto havendo a fazer na promoção social dos povos e na elevação do nível de vida das minorias e povos oprimidos, tanto havendo

a fazer em tantos domínios, se não seria melhor investir essas somas gigantescas no início de um programa planetário para a elevação e dignificação do Homem.

Anotemos desde já que pôr a questão deste modo — embora tenha aspectos válidos — é glissar para uma velha posição reaccionária dos anos 30, quando se propunha «uma moratória para a Ciência», a suspensão da pesquisa científica, a procura do meio progresso tecnológico em face da Ciência já estabelecida (e que alguns velhinhos do Restelo talvez ainda defendam entre nós), é um princípio de retorno ao obscurantismo.

Aceitemos, porém, o jogo e analisemos, no seu campo, o impacto dos programas espaciais. Decerto, inequivocamente, razões militares estão por detrás dos gigantescos programas es-

(Continua na pág. 10).

Dificuldades para o turismo interno

- ENTREVISTA COM O DR. LICÍNIO CUNHA (na pág. 3)

ASSIM VAI O MUNDO

Petróleo

Um técnico checoslovaco de economia revelou que a União Soviética informou os seus aliados da Europa Oriental de que deviam deixar de a considerar como a sua única fonte abastecedora de petróleo. Pelo contrário, os russos recomendam que as nações comunistas do Leste europeu procurem, cada vez mais, obter petróleo nos países subdesenvolvidos, especialmente no Médio Oriente.

A razão desta atitude é que os novos jazigos descobertos na Rússia têm sido encontrados

daquele país, durante os próximos 10 ou 15 anos.

A maior parte do petróleo consumido na Checoslováquia vem agora dos campos petrolíferos situados na região do Cáspio, mas as novas fontes de petróleo na Rússia deslocam-se cada vez mais para leste.

Quase nada

No discurso de 31 de Outubro, em que definiu a sua política para a América Latina, Nixon apenas se comprometeu a uma coisa: a autorizar os países latino-americanos que recebem ajuda pública dos Estados Unidos a não gastarem unicamente os dólares da ajuda em comprar na América do Norte.

Porém isto mesmo não possui um grande alcance, porque os dólares (segundo o discurso de Nixon) não podem ser gastos na Europa nem na Ásia, os países ajudados só podem comprar com o dinheiro da ajuda noutros países latino-americanos.

De resto a ajuda pública continua a ter tendência para diminuir. Os créditos concedidos pelo orçamento de 1969-70 foram reduzidos em 100 milhões de dólares pela Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes. Daí que Nixon tenha sugerido no seu discurso que os investimentos privados constituem a principal possibilidade de desenvolvimento da América Latina.

Morta, a Aliança para o Progresso foi substituída por quase nada.

Tempo de agir

«O conselho da Europa deve suspender a Grécia, a não ser que o governo de Atenas manifeste vontade de restabelecer rapidamente a democracia ou esteja pronto a tomar a iniciativa de se retirar» — declarou no passado dia 23, ao microfone da B. B. C., o secretário do «Foreign Office», Michael Stewart.

«A Grã-Bretanha não teria conseguido impor este ponto de vista se o tivesse defendido na última reunião da Comissão Ministerial do Conselho, porque os outros membros teriam pensado que o Governo grego necessitava de tempo para operar as modificações necessárias. Mas nessa reunião estabelecemos um calendário preciso, e agora é tempo de agir — acrescentou Stewart.

As raízes

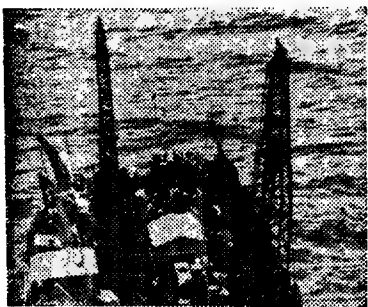
«Estamos numa polémica com os economistas brasileiros, de vanguarda (de direita e de esquerda) cujo objectivo é criar uma sociedade de consumo de tipo soviético-americano, e isso destruindo as raízes, as características da nossa civilização. Preocupamo-nos — nós, os cineastas e artistas da nova geração — em demonstrar que o desenvolvimento económico não terá um sentido humanista se não permitir — mesmo num sistema socialista — o desenvolvimento integral do espírito tropicalista». Palavras de Glauber Rocha, o conhecido realizador brasileiro.

O papel da tradição numa transformação social está longe de ter encontrado uma definição satisfatória.

Alfabetização

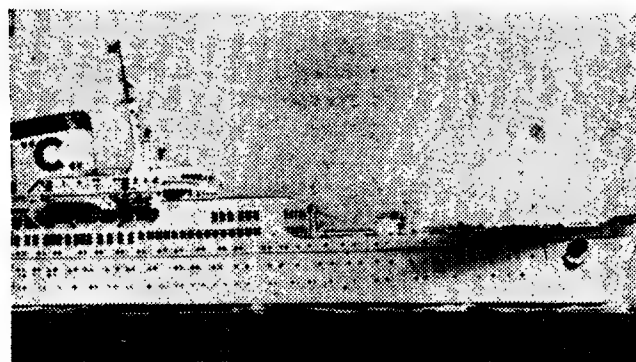
Quase já não existe analfabetismo em Itália, de modo especial entre a população jovem. Além da instrução primária os jovens frequentam de modo geral cursos industriais e profissionais — afirmou no Parlamento o ministro italiano da Instrução Pública. O avanço conseguido pela Itália neste domínio corresponde às exigências do país em matéria de mão-de-obra especializada.

Entre os adultos de idade mais avançada encontra-se ainda um pequeníssimo número que não recebeu instrução; mas, segundo um relatório do Conselho Nacional da Economia e Trabalho, a percentagem dos analfabetos em Itália entre os trabalhadores ocupados na indústria figurava, em 1968, apenas com 2.3 por cento.



na Sibéria e noutras zonas remotas, o que representa problemas de transporte muito graves.

Esta nova situação foi abordada no jornal «Svoboda», pelo vice-presidente da Comissão Federal da Indústria, Vlastimil Plechac, e deve relacionar-se com a visita ao Irão do presidente Ludvík Svoboda e à presença em Praga do ministro do Petróleo do Iraque, Rashid Rifai. Julga saber-se que, durante a sua visita ao Irão, o presidente assinará um contrato para o fornecimento de petróleo



Bandeira de conveniência...

O Japão tornou-se a segunda potência marítima do mundo depois da Libéria e à frente da Grã-Bretanha. Os Estados Unidos, cuja frota de comércio está em constante regressão, passaram do terceiro para o quinto lugar, antes da U. R. S. S., cuja marinha se encontra em plena expansão.

Segundo as estatísticas da «Lloyds» apuradas em Julho, a frota da Libéria, país de «bandeira de conveniência», ainda aumentou mais de 3 495 000 toneladas em relação ao ano passado, atingindo 29 215 000 toneladas. O Japão aumentou a sua em mais de 4 milhões de toneladas (22%), para 23 987 000 toneladas. A Grã-Bretanha, embora ultrapassada e posta a distância por este país, registou um forte aumento anual: 1923 000 toneladas, o que eleva a sua tonelagem global para 23 844 000 toneladas. Seguem-se a Noruega (19 679 000 t, +12 000 t), os Estados Unidos (19 550 000 t, -118 000 t), a U. R. S. S. (13 705 000 t, +1 843 000 t), a Grécia (8 581 000 t, +1 165 000 t), a Itália (7 038 000 t, +414 000 t), a Alemanha Federal (7 027 000 t, +499 000 t), a França (5 962 000 t, +166 000 t), Panamá (5 374 000 t, +277 000 t) e a Holanda (5 255 000 t, -13 000).

A tonelagem mundial das frotas mercantes, com um total de 211 661 000 t no final de Julho de 1969, aumentou 17 509 000 t, ou sejam 8,2% em relação ao ano precedente.

ASSIM VAMOS NÓS

Recurso

O Ministério Público recorreu do Acórdão do passado dia 11 de Julho do Supremo Tribunal Administrativo, nos termos do qual foi declarado nulo o despacho que dissolveu a Pragma-Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária. O recurso foi interposto para o Pleno do referido Tribunal.

Saldo

Ascendeu a 90 242 contos o saldo positivo da balança comercial de Angola relativo ao período que medeia entre Janeiro e Agosto do ano corrente. Em idêntico período do ano passado registou-se um saldo negativo de 851 433 contos.

O total de exportações da mesma Província registou este ano uma diferença (para mais) de 2 372 039 toneladas relativamente ao montante ocorrido também entre os meses de Janeiro a Agosto de 1968. As importações de Angola em igual período elevaram-se a 5 673 136 contos.

Só multas?

Na reunião do Município de Lisboa, do passado dia 20, o vereador Arraiano Tavares, que interveio pela primeira vez, escolheu para tema da sua intervenção um problema cuja grandiosidade não cessa de esmagar milhares de munícipes e de muitos forasteiros: o problema do trânsito.

O referido vereador renunciou ao eufemismo e não receou chamar as coisas pelo seu nome. Falando da inconsciência de muitos automobilistas e dos perigos que dela derivam para os



próprios e para o público, não hesitou em pedir que sejam tomadas medidas severas e imediatas de modo a reduzirem-se ao mínimo as trágicas consequências de tanta inconsciência e bestialidades.

E o vereador Arraiano Tavares isso se apressou a acrescentar: «O peão está indisciplinado mas nada se faz para o educar. O automobilista julga-se o dono e senhor da Cidade e a representação só existe para a aplicação de multas em estacionamento proibido». Terminou por isso a sua fala apelando «para que se regulamente uma fiscalização rigorosa, punindo-se severamente os prevaricadores de modo que se eduquem violentamente aqueles que não o desejem fazer de outro modo».

Esta será uma parcela das soluções que se impõem. Mas terá de se convir que é uma parcela importante. Diremos mesmo decisiva.

Salários

No Japão, os salários têm continuado a aumentar durante os últimos anos e a noção de que os salários japoneses são baixos está-se tornando coisa do passado — lê-se na Revista Semanal de Informações Económicas e Financeiras do Banco de Portugal, de 19 do corrente.

Desde 1961 que os salários naquele país têm aumentado mais de 10% quase todos os anos. Esta tendência tem-se acentuado sobretudo a partir de 1967. E a julgar pelos resultados das negociações de salários efectuadas na última Primavera, a média de aumentos de salários em 1969 atingirá provavelmente os 16 a 17%. O rápido aumento de salários no Japão, sem paralelo em qualquer outro país, incurtiu rapidamente as diferenças de salários entre o Japão e outras nações industriais. Os salários japoneses já estão nivelados aos da França e da Itália. Além do mais, a diferença tem diminuído em termos de salários reais (isto é, se se tomar em consideração a capacidade aquisitiva do salário), sendo os salários japoneses já tão elevados como os padrões dos países ocidentais, excedendo os da França e da Itália.

Proibições

De uma entrevista de Jean Genet: «O meu caso é muito curioso. A minha obra está proibida na União Soviética, quem me condenou foi o estalinista já falecido, Zhdanov. Deixam-me entrar na U.R.S.S. mas não deixam traduzir as minhas obras. O que acontece nos Estados Unidos também é curioso. Publicam todos os meus livros, «As Criadas» e «Os Negros» chegaram às mil representações em Nova York, Chicago, Los Angeles... Dão-me muitos dólares, mas não me permitem entrar».

Livros

Em 1968 foram publicados na Hungria 5030 títulos de livros — segundo o Instituto Central de Estatística do mesmo país. Desse número, 731 eram de carácter literário, 226 de literatura para jovens, 838 de obras de divulgação e 638 de obras científicas. Relativamente às obras de literatura, 126 títulos referiam-se a poesia, 465 a novela e contos e 47 a obras de teatro. Ainda segundo o mesmo Instituto a tiragem média de cada um dos livros publicados foi de cerca de nove por cento superior à dos anos anteriores.

Dificuldades para o turismo interno: insuficiência económica

ENTREVISTA COM O DR. LICÍNIO CUNHA

Licenciado em Economia, o dr. Licínio Cunha tem-se dedicado ao estudo dos problemas do Turismo. Com vasta colaboração sobre o assunto, publicada em revistas e páginas especializadas de jornais, o dr. Licínio Cunha, que é actualmente consultor, para a parte terminal, do Grémio dos Concessionários de Termas, e a nível internacional, membro da Comissão Económica da F. I. T. E. C., participou já em diversos congressos, no País e no estrangeiro, nos quais apresentou comunicações. Ex-técnico do Gabinete de Estudos e Planeamento do Turismo (do extinto Commissariado do Turismo), é, pelos seus vastos conhecimentos em matéria de

Turismo, pessoa indicada para uma troca de impressões sobre o assunto. Daí que «Mesa-Redonda» o tenha procurado.

MESA-REDONDA —
Que pensa da campanha em curso com vista a intensificar o turismo interno?

LICÍNIO CUNHA — A pergunta parece-me poder ser tomada em duas acepções: uma, respeitante à forma como a campanha tem decorrido e aos seus efeitos práticos, e outra, respeitante à sua necessidade e aos seus objectivos.

Quanto à primeira acepção, parece-me notar-se um certo alheamento do sector privado,

ou, talvez, uma desconexão de esforços, não sei bem, que poderá fazer com que a campanha se transforme num acontecimento à margem do contexto turístico, e, portanto, sem possibilidade de produzir grandes consequências. Qualquer campanha deste tipo que não for apoiada pela acção do sector privado corre o risco de ser insuficiente.

É claro que ainda é muito cedo para concluir se a campanha tem sido, ou não, eficiente. Os técnicos de turismo são de opinião de que uma campanha publicitária produz o seu máximo efeito um ou dois anos depois de lançada, e, portanto, pouco se pode dizer da que está a decorrer. Tra-

ta-se de criar uma certa mentalização nas populações, e isso não se consegue com uma única campanha.

Aproveito para referir, no entanto, que, para que esta (ou outra) campanha seja feliz é necessário que seja completa, com manifestações e informações que lhe deem algum conteúdo real. Não basta dizer que há «um Portugal desconhecido que espera por nós». Isso é fácil, mas já é mais difícil emprestar-lhe conteúdo real, isto é, materializar a ideia que o «slogan» contém: há um Portugal desconhecido, sim, mas como se chega até ele? É acessível à generalidade das pessoas? O que é que ele oferece em contrapartida de um deslocamento e de um gasto? Apenas uma bela paisagem? Parece pouco para concorrer com outras alternativas de gasto que diariamente se oferecem às pessoas. Esse «Portugal desconhecido» oferece vantagens em relação a essas alternativas? Há que mostrá-las.

Note, que não tenho acompanhado de perto a campanha que se tem vindo a efectuar, e estou a raciocinar apenas como sujeito a quem essa campanha também é dirigida.

Quanto à segunda acepção da pergunta a que me referi, parece-me que a sua necessidade se impõe desde há muito, mas compreendo perfeitamente que, face à escassez de meios com que o órgão oficial de turismo se defronta, não é possível desviar verbas para a promoção do turismo interno, quando elas são mais que insufi-



E como se chega ao Portugal desconhecido?

cientes para renovar o turismo externo. Ainda agora eu pergunto a mim mesmo qual a opção mais rentável: a que aproveite os escassos meios de que se dispõe para se manter, pelo menos, um determinado nível da procura externa, cada vez mais solicitada por uma concorrência agressiva, ou desviá-los para a promoção do turismo interno, sabendo-se que as verbas disponíveis estão muito áquém de poderem satisfazer a primeira?

No entanto, as campanhas deste tipo parecem-me sobremaneira úteis para fazerem chegar os benefícios do turismo a locais onde os estrangeiros pouco se deslocam, e canalizarem riqueza para pontos onde seja difícil, ou mais difícil, desenvolver, pelo menos a curto prazo, actividades mais reprodutivas. É claro que, no nosso caso concreto e actual, parece-me poder pôr-se o problema de saber se essas campanhas não poderão vir a agravar as pressões inflacionistas que se manifestam entre nós, mas isso é problema que acho dever ser convenientemente estudado.

e, por isso, apenas o aflo-

Há um aspecto muito positivo desta campanha que quero realçar, e que é o da mentalização das populações face à presença dos turistas estrangeiros mas ter-se-á de ir mais longe e utilizar meios, porventura, mais eficazes e que foquem aspectos como a cobrança de preços justos, deixar de se cuspir para o chão, etc. A utilização das escolas e liceus poderá vir a produzir bons frutos.

M.-R. — Quais os principais obstáculos à prática do turismo, por parte da grande massa dos portugueses?

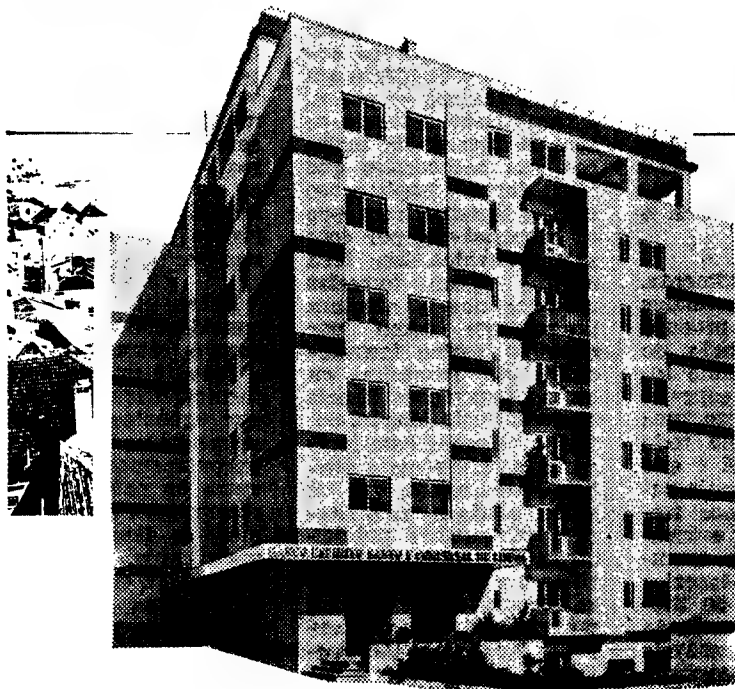
L. C. — Pois parece-me que o maior obstáculo é o fraco rendimento per capita. Uma população com um rendimento anual per capita que não chega aos 14 contos, e que, ainda por cima, está perante um constante agravamento de preços, o que dificilmente lhe permite satisfazer as suas necessidades básicas, não pode ter grande propensão a (Cont. na pág. seguinte)



O fraco rendimento da nossa população — principal obstáculo à prática do turismo

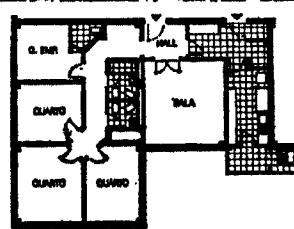
uma paisagem sobre o futuro EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital



EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO



EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construída pelo Eng. civil J.J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

«Há falta de mentalidade turística em certas entidades responsáveis»

(Cont. da pág. anterior)

fazer turismo, é claro que existe uma importante procura turística nacional, e a atestá-lo estão as dormidas já registadas na nossa hote-

laria, indicador, aliás, insuficiente por ser parcial, e parece existir uma procura potencial bastante significativa. Daí, contudo, a grande massa dos portugueses poder fazer turismo vai um abismo.

Encontramos, é claro, 1 500 000 portugueses emigrados em Espanha mas esse número tem de ser considerado no seu verdadeiro significado. Nele se incluem os portugueses emigrados que vêm

passar férias a Portugal, sendo contados duas vezes e os portugueses que por terra vão além de Espanha são contados também duas vezes, incluindo, ainda, as visitas às cidades fronteiriças.

Além dos baixos rendimentos temos o problema dos alojamentos. Eles não estão adaptados à procura nacional: foram planeados para a procura estrangeira e não são acessíveis às bolsas dos nacionais.

Depois temos os transportes. Não existe uma rede de transportes eficientes que levem as pessoas a todo o lado. Os nossos caminhos-de-ferro são morosos e desconfortáveis. Fazer uma viagem por caminho-de-ferro, para certas zonas, é um verdadeiro martírio e só por necessidade; não para fazer turismo! E note-se que são justamente as zonas, mais desconhecidas do «Portugal desconhecido» as mais mal servidas. É certo que algumas agências organizam já viagens atraentes pelo País, mas isso não serve para aqueles que querem passar férias fora da sua residência.

Há ainda outro obstáculo à prática do turismo por parte da grande massa dos portugueses: é que só uma pequena parcela da população tem um período de férias suficientemente amplo para se deslocar. Entre nós as férias ainda são consideradas um luxo quando em todo o lado se consideram uma necessidade imperiosa. Em alguns países, os médicos da medicina do trabalho defendem já que os trabalhadores devem gozar dois períodos anuais de férias de três semanas cada um, enquanto entre nós a maior parte da população não tem direito a férias pagas. De entre os países membros da U. I. O. O. T., quase todos os países do mundo, Portugal aparece como o país que concede, obrigatoriamente, o menor período de férias pagas: 6 dias.

M. R. — Serão inconciliáveis o desenvolvimento do turismo interno e os esforços tendentes a atrair maior número de turistas estrangeiros?

L. C. — De modo algum! São perfeitamente compatíveis e tem-se mesmo considerado que é o turismo interno que prepara e desenvolve o turismo externo.

Podem, naturalmente, verificar-se dificuldades na satisfação da procura externa em virtude do aumento do turismo interno, de modo especial nas épocas de ponta, mas isso verifica-se em todo o lado. O que há é que orientar os nacionais para as zonas menos frequentadas pelos estrangeiros como, por exemplo, as zonas do interior ou certas zonas do litoral. Para isso ter-se-ão de criar as indispensáveis condições. A adequação do equipamento turístico existente no interior do País à procura turística nacional parece perfeita-

mente viável: aproveitamento das barragens que poderão ser um substituto dos lagos naturais que fazem o encanto dos países da Europa Central, das estâncias termais com a modernização do equipamento já existente, a transformação de casas rurais em alojamentos para turistas, a criação de aldeias de férias etc., parecem meios capazes de atrair o turista português que, na maioria, prefere passar as suas férias no interior.

Ter-se-ão de criar maiores incentivos para os nacionais passarem as suas férias no Outono e na Primavera, podendo a Madeira vir a desempenhar um importante papel nesse aspecto, não esquecendo mesmo a Serra da Estrela.

A existência de importantes movimentos turísticos internos pode levar a equipar determinadas zonas agora desequipadas ou mal equipadas, e permitir assim, a atracção no futuro de correntes turísticas externas, como será, por exemplo, o caso das termas.

M. R. — Quais, em sua opinião, os problemas que mais têm afectado o desenvolvimento do nosso turismo?

L. C. — Não receio indicar, em primeiro lugar, a falta de mentalidade turística de certas entidades responsáveis, da administração. O turismo ainda é encarado com certo menosprezo e as verbas que se gastem com a sua promoção são vistas como dinheiro deitado à rua ou que apenas serve para fazer uns papéis bonitos e com lindas fotografias. Os que se dedicam ao turismo são ainda olhados como pessoas que gostam de passear e pouco mais! Até já tenho ouvido que o turismo é tão maléfico que as entradas de estrangeiros deviam ser mais dificultadas.

Depois, a demasiada dispersão de responsabilidades que têm a ver com o turismo favorece essa falta de mentalidade. O turismo tem a ver com quase todas as actividades mas na maior parte delas aparece como factor secundário em que raramente se pensa. Planeia-se, executa-se sem se pensar no turismo, em actividades que têm fortes implicações com o turismo, sem que os responsáveis por este sejam ouvidos. Isso leva a que sejam tomadas medidas que o afectam gravemente como por exemplo, certas formalidades de fronteiras ou certas imposições fiscais ou parafiscais. Mas há outros problemas com incidências talvez mais graves. Até agora, que eu saiba, ainda se não fizeram campanhas publicitárias sistemáticas e cientificamente baseadas para promover o turismo português, interno ou externo. Apenas se têm realizado campanhas isoladas a nível regional. Ora essas campanhas são absolutamente inoperantes. Fizeram-se, por exem-

plo, campanhas na Escandinávia e no Benelux mas não tiveram continuidade e portanto não podem ter tido efeito significativo. A publicidade, para ser eficiente, implica a aplicação de sucessivas doses e que seja realizada com base em estudos de mercado previamente realizados, mas nada disso tem acontecido com a nossa publicidade turística.

O III Plano de Fomento prevê durante o período da sua vigência, um gosto em promoção turística de 480 mil contos por parte dos organismos oficiais. Ainda não foi tornada pública qualquer campanha, ou a preparação de qualquer campanha a realizar com a extensão que aquela verba sugere e entretanto o nosso turismo vai estagnando enquanto os países nossos concorrentes nos vão suplantando. E já não me parece possível gastar aqueles 480 mil contos em campanhas publicitárias eficientes por requererem estudos de mercado necessariamente morosos e meios humanos que, creio, não estão disponíveis neste momento.

Numa época de acções rápidas ainda se não aceitou quanto ao estabelecimento de uma regulamentação dos voos de fretamento. É cada vez maior o número de turistas que escolhe este tipo de voos e nós teimamos em querer impor medidas que contrariam as tendências dos turistas. Em breve entrarão em funcionamento os grandes aviões supersónicos, que transportarão, num futuro próximo, cerca de 500 pessoas. Esses aviões não-de permitir deslocar os turistas para zonas cada vez mais distantes a preços mais baixos e isso significa que veremos deslocar-se a procura para países que até agora não nos faziam concorrência, se não actuarmos rapidamente de modo a criar hábitos de viagem para o nosso País. E não será com políticas restricionistas que tal se conseguirá.

Muito mais haveria a dizer mas permita-se-me, por último, referir o tipo de construções hoteleiras que se tem vindo a adoptar. É preciso acabar de vez com o mito do turismo de qualidade que não serve para os estrangeiros e muito menos para os nacionais. Não podemos adoptar políticas turísticas à margem dos nacionais.

Entre nós, Portugal é considerado muito barato para os estrangeiros, mas o facto é que se consultarmos ofertas de férias por agências de viagem estrangeiras é normal encontrarmos Portugal entre os países que oferecem, para o mesmo número de dias, programas mais caros. É claro que aí também entra em jogo o problema dos voos de fretamento mas não só. E o preço ainda é das poucas coisas que nos pode servir de arma para concorrer nos mercados internacionais e já não levamos vantagem.

troque o seu fogão "modesto" pelo

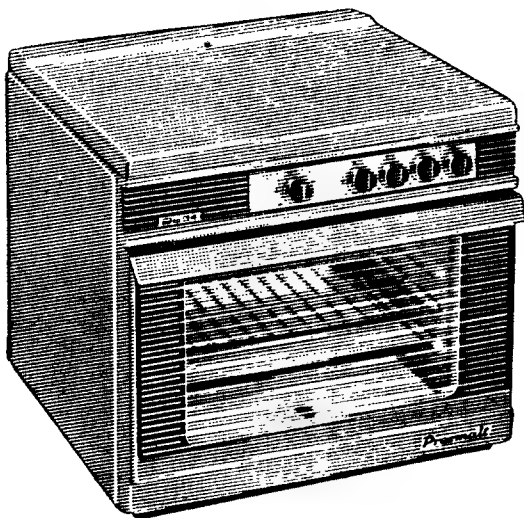
NOVO



inox Presmalt

Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas: Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal. Mais ainda, a Presmalt valoriza, no acto da compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos nossos representantes. Dê à sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

N

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.

Av. Duque de Loulé, 47 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECIONAMOS PARA

EMPRESA INDUSTRIAL (ÁREA DE SACAVÉM)

Chefe de Serviço de Pessoal

- Com experiência profissional comprovada. Prática de desenvolvimento de relações humanas. Conhecimento das funções e da orgânica adequada a Serviços de Pessoal. Promoção e acompanhamento de acções de formação.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Vencimento compatível com a experiência, os conhecimentos e as aptidões. Estabilidade de emprego. Regalias sociais. Refeitório. Transporte privativo desde Lisboa. Gratificação de 2 meses, ao fim de 1 ano de serviço.

Resposta para a NORMA indicando vencimento actual, «curriculum» escolar e profissional, e idade. Rígida confidencialidade.

Indicar referência: 122/CE 5.

Os direitos do escritor

FERNANDO ECHEVARRIA
JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Quando se fala dos direitos do escritor, da liberdade do escritor, tem-se por vezes em vista a defesa de uma espécie de privilégio ou franquia de que, como todo o artista em geral, o escritor deveria gozar perante a sociedade, enquanto ser de excepção, se não à parte. Assim se sanciona, afinal, implicitamente, uma situação de marginalidade, para a qual se pede a mera tolerância dos poderes constituídos, da opinião pública e dos grupos sociais dominantes. É verdade que nem sequer esse luxo certas sociedades e regimes totalitários se permitem, por o considerarem já de si perigoso e suspeito, pelo contágio que poderia exercer sobre o conformismo e a submissão das maiorias amorfas, que precisamente se trata de manter domesticadas. Mas onde o reconhecimento de uma certa margem de liberdade é aceite pelas instituições organizadas, é esse um dos meios de neutralização dos riscos de uma contestação mais radical pelo escritor, agindo como fermento sobre a sociedade.

Ora, os direitos por que todo o es-

critor digno desse nome sempre lutou e que enquanto criador autêntico apesar de tudo sempre se outorgou, quaisquer que fossem as imposições a que tivesse de negar-se (pelo próprio silêncio nos casos-limite de impossibilidade absoluta de uma criação livre), decorrem não da reivindicação de um privilégio mas dos demais direitos fundamentais em igualdade com os outros homens, direitos que no seu caso assumem simplesmente formas específicas e necessárias. Específicas, porque consubstanciais ao acto mesmo de escrever, à natureza da criação literária. Necessárias, porque não se poderá conceber a possibilidade de criação quando haja coacção ou interferências alheias à obra enquanto tal, isto é, enquanto determinação livre do seu autor: necessidade e liberdade em literatura e arte confundem-se. Esta liberdade necessária estende-se de resto aos próprios leitores, dado que só através da fruição dos seus destinatários, pelo menos virtuais, se consuma e torna perfeita a existência de uma obra.

A partir daqui, para que uma dis-

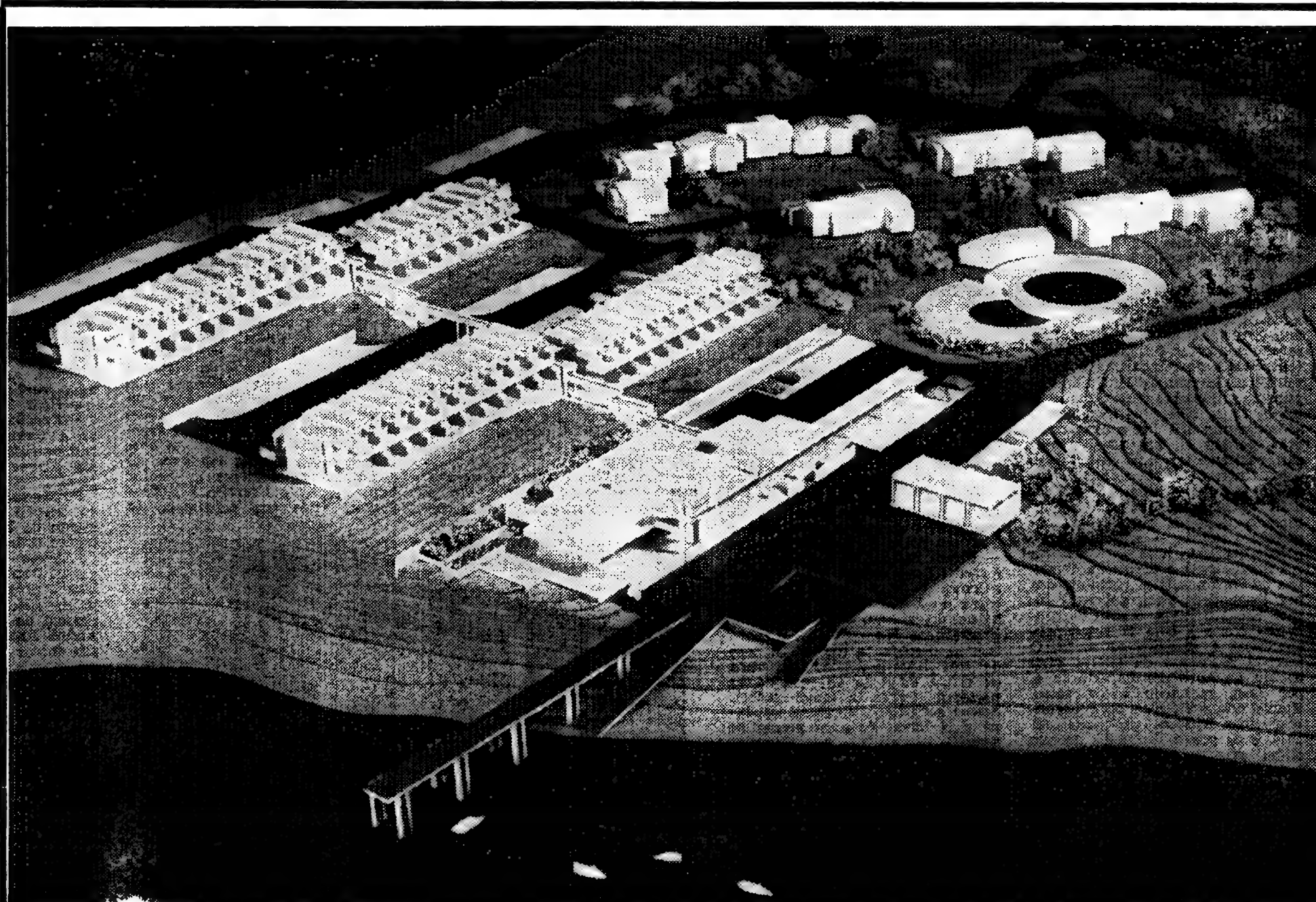


cussão sobre os direitos do escritor tenha sentido e se torne fecunda, para além de todas as divergências inevitáveis que dizem já respeito às concepções filosóficas ou estéticas sobre que procure fundar-se a liberdade de criação, há pois que assentá-la num pressuposto liminar, numa sociedade normalmente constituída, o escritor deve usufruir dos mesmos direitos que os demais cidadãos: direitos individuais, direitos sociais, direitos cívicos. Nem mais, nem menos. Para o escritor, como para os outros intelectuais, deriva neste plano ape-

nas uma obrigação e responsabilidade, que é a de defender tais direitos, sempre que estes sejam ou ameacem ser violados, constituindo assim como que uma consciência vigilante da sociedade.

O que nos interessa acima de tudo neste artigo é precisar exactamente, dentro das condições em que se encontram os escritores no nosso País e das circunstâncias transitórias que este atravessa de tacteamto de um diálogo aberto e público aos vários

(Continua na pág. 8)



Projecto do Clube Náutico que a TORRALTA está a construir em St.ª Filomena-Alvor. Um conjunto de 4 grupos de apartamentos, com capacidade para 180 camas darão apoio às instalações do Clube que, além de salas de convívio e restaurante, dispõe de serviços de assistência e armazenagem de barco de recreio

FRENTE A FRENTE

Há ui

ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● Quando escasseou o bacalhau...

Neste inquérito breve, feito ao acaso dos encontros, ficamos com a ideia de que, toda a gente, ou quase toda a gente, num centro urbano como Lisboa, ouviu já falar de cooperativas. E que a maioria, com motivos mais ou menos claros, com razões mais ou menos lucidas, com graus mais ou menos elevados de esclarecimento, aceita a vantagem da sua existência. A concordância de opiniões por nós registada foi perfeitamente acidental. Digamos que apenas forçamos o acaso em duas circunstâncias: deslocando-nos à Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, a hora do almoço, em busca do depoimento de um associado, e procurando, no Montepio-Geral, um antigo e prestigioso cooperativista: o sr. Desidério Costa.

O restaurante da velha cooperativa da Calçada do Duque mantinha a

animação dos velhos tempos em que a C. T. P. chegou a ser a maior cooperativa de consumo do País, aliando a essa actividade uma animada vida cultural.

O sócio que abordamos é o sr. António Pescada, de 31 anos, empregado de escritório numa editora de Lisboa.

— Almoço quase todos os dias na Cooperativa porque fica perto do local onde trabalho. Além disso, como pertence à direcção, vejo o que há para resolver.

A principal vantagem que o sr. António Pescada encontra na cooperativa de consumo é a eliminação do intermediário.

— Bem vê — explica — se as pessoas se agrupam numa cooperativa para comprarem directamente ao produtor, fazem-no em melhores condições do que indo junto do retalhista, porque não só compram mais barato como podem obter a melhor qualidade.

— Em sua opinião, que

impede a generalização das cooperativas?

— Muitas coisas. A falta de esclarecimento das pessoas, por um lado. Dificuldades de subsistência das cooperativas, por outro. Não podemos esquecer que as cooperativas, integrando-se numa sociedade de consumo de tipo capitalista, sofrem uma concorrência feroz. A prosperidade das cooperativas implicaria uma igualdade de possibilidades, semelhantes às que são concedidas aos grandes armazénios. Ora acontece que essas facilidades são concedidas em função do capital das entidades e não do número de pessoas que representa. Quer um exemplo? Quando escasseou o bacalhau o conjunto das cooperativas, associadas na U. N. I. C. O. P., tinha uma quota de bacalhau muito menor do que qualquer armazémista — o que não correspondia nem às necessidades de consumo, nem às possibilidades reais de distribuição.



JOÃO SA DA COSTA — A minha primeira intervenção é no sentido de fazer a pergunta relativa ao tema: «Você admite que haja problema de gerações?»

V. BARATA SALGUEIRO — É um problema de gerações imbricado em problemas sociais, problemas políticos e problemas estruturais. O problema de gerações não é a questão primordial da nossa sociedade, mas é uma das suas grandes questões.

JOÃO SA DA COSTA — Eu diria que há na medida em que se admitir uma diferenciação de experiências. Nessa medida, poderá haver divergências — mais graves ou menos graves conforme a organização da vida social. Só que não podem ser entendidas perfeitamente se as isolarmos de um conjunto mais vasto de problemas — de natureza política, económica, cultural, de matriz social, em suma.

VIRGÍLIO BARATA SALGUEIRO — Essa diferenciação de experiências conduz de facto, a mentalidades diversas que se chocam. O que é ponto assente para mim é que, seja essa a explicação, seja outra qualquer, existe um choque de gerações — e não só no nosso País,

A GRÉCIA DOS CORONÉIS (2)

O rei, símbolo da resistênc

ENRIQUE RUIZ GARCIA

O Governo de Caramanlis foi o Governo perfeito para os americanos da Doutrina Truman, porque nunca aconteceu nada. A guerra fria era uma lousa que não deixava lugar às complexidades. Mandava quem mandava. Mas no fim, incerto e apagado pulso do povo, logo que a lousa da guerra fria começou a deixar de dividir o mundo em bons e maus, condenados de antemão aos seus respectivos infernos simplificados pelos dominadores, assomou a complexidade, isto é, a vida. As eleições de 1963 revelá-lo-lam: a União do Centro (os liberais de Papandreu e Venizelos mais os grupos da União Populista) obteve 140 deputados, contra os 99 de 1961. Mas Caramanlis só conseguiu 130. Por outras palavras, perdeu 47. Era uma revolução profunda crise que estava latente, desde o papel listrado de Churchill à Doutrina Truman, no soterrado corpo do povo. Até a esquerda-esquerda — a E. D. A. — obteve quarenta lugares. A maioria era insuficiente e depois da demissão de Caramanlis os votos obtidos por Papandreu para governar foram 167. Em suma, o voto de confiança contava com 27 votos pertencentes à extrema esquerda. O terrível fantasma da guerra civil brotou de novo em Papandreu e, por isso, rechaçou esses votos. Houve novas eleições para encontrar uma maioria adequada em 1964, e os gregos, em face do que tinha acontecido, escolheram o lado pragmático. Deram ao velho Papandreu 171 lugares e 107 a Caramanlis, e só 22 à E. D. A. Era o poder maioritário para a União do Centro.

O novo regime coincidiu com um novo monarca — Constantino II herdou o trono ao morrer Paulo I, em 1964 — e o novo monarca coincidiu com os velhos poderes. Falou-se de que existia uma conspiração entre os oficiais para derubar a monarquia — o grupo «Aspidas» — e as investigações dos

fiéis descobriram entre os infiéis do «Aspida», um nome que colocava George Papandreu entre a espada e a parede: o de seu filho André, economista e professor residente nos Estados Unidos. O primeiro-ministro pede ao rei a destituição do ministro da Defesa e do chefe do Estado-Maior que, no fundo, actuam como uma cunha activa frente ao Governo democrático. O rei não assina o decreto. Papandreu apresenta a demissão.

Novas eleições? Aceita-se que se verifiquem a 28 de Maio de 1967. O país queria — pensava-se — proporcionar uma imensa maioria aos demitidos. Mas essas eleições não se realizaram nunca porque a 21 de Abril, entre a meia noite e a manhã, o Exército dos Coronéis desferiu um golpe de força. Com matemática precisão ficaram ocupados todos os pontos-chaves. Milhares de pessoas em trajos menores — dizia-se que iam lançar-se numa revolução, o que não deixa de ser humorístico — foram detidas. E o Plano Prometeu. Com efeito nos arquivos secretos da N. A. T. O., com uma cópia no Estado-Maior de Atenas, há um documento que diz: *Greece: Prometheus Plan*. Nele se assinalam as medidas a tomar em caso de um levantamento comunista ou numa situação de emergência nacional frente a uma guerra. Anexo ao Plano Prometeu figurava uma longa lista de nomes de pessoas da esquerda que intervieram na guerra civil. Centenas delas tinham-se aliado há muitos anos da política ou estavam à margem de qualquer ideia de conspiração. Mas a lista, burocraticamente, funcionava.

— E André Papandreu?

Falo com um amigo jornalista (deram-me a sua direcção em Roma e encontréi-me com ele, no momento em que se prepara uma lei de imprensa que tornará impossível o menor movimento, o menor protesto) na Praça Syn-

— André?
— Sim.

— Na tarde de 20 de Abril de 1967 André Papandreu tinha tido uma longa conversa com um socialista dinamarquês. Ceou com ele e concordaram em que alguns dirigentes da União do Centro passariam pela Dinamarca para ter um informação adequada da situação política e económica. André tinha a obsessão de melhorar os níveis de informação entre os dirigentes do partido: a União do Centro.

Depois dessa reunião, foi para casa e às duas e meia da manhã foi detido. A sua esposa, que é de nacionalidade americana, Margaret Papandreu, saiu do seu domicílio aterrada e dirigiu-se para Kastrí.

— Porquê?

— Queria ver o sogro, o ex-primeiro-ministro e explicar-lhe o que sucedia. Quando chegou a ca-

sa deste não se encontrou com ele. Já tinha sido detido.

Os tanques «Sherman» da N. A. T. O. e a Doutrina Truman ocupavam as ruas. Três homens conversavam já com o rei: o coronel Papadopoulos — agora primeiro-ministro —, o brigadeiro Patakos e o coronel Makarekos. Mais tarde, arquejante, chegaria o tenente-general Spandidakis.

— E a C. I. A.?

— As eleições de 1967 eram, para todos, a crença numa vitória absoluta. Ninguém pensava em conspirar. O país compreendia muito bem que a crise da «Aspida» e todos os demais dilemas não passavam de pretextos com um único objectivo: impedir que o Governo democrático fosse das reformas radicais que estavam no ambiente. Entre elas, a mudança do comando dos sectores de maior importância: o Exército e a Economia. Tudo isso sabiam-no os

americanos. E André Papandreu tinha referências exactas os seus contactos com os dirigentes americanos eram fortes. Você sabe que até activamente nas camadas do Partido Democrata

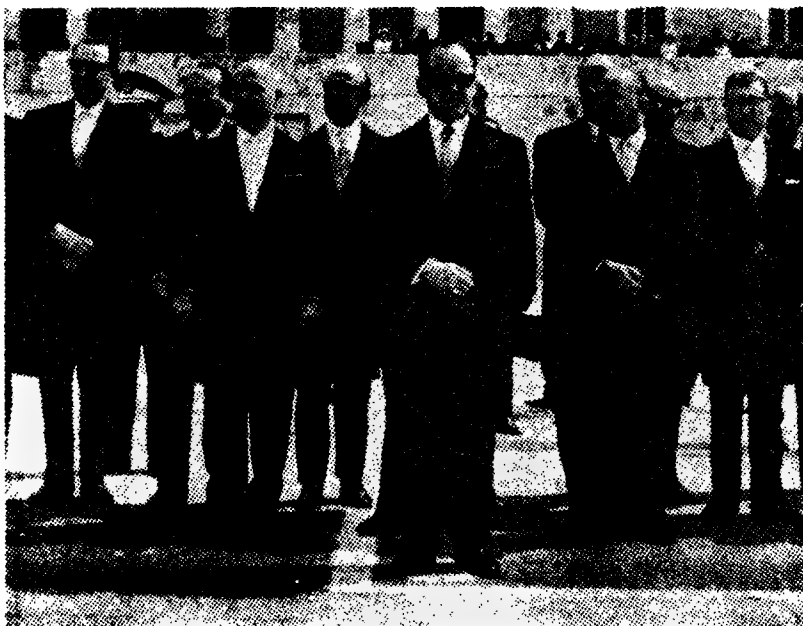
— E...?

— O chefe da C. I. A. e as visitou André. O seu Ah! Não é nenhum mistério mava-se Loughlin Campbell. Pois bem, Campbell pri André Papandreu que se fi eleições sob dois denominações forças nacionalistas e ant-nalistas. As primeiras forr uma frente.

— Para isolar a esquerda

— Exacto. André negou-se se a Campbell que nem transmitiria a mensagem pai porque a considerava lateral.

Pouco antes do golpe, o da secção «Grécia» do Documento de Estado — que amamente tinha estado na Emb de Atenas — viajou para a grega. Daniel Brewster fala bem o grego e estava class já de antemão, com um pessoal da União do Centr André Papandreu, a quem sua maior juventude, com os seus morais, etc., considerava mais perigoso que o político, tigre de papel. Ao com-se a chegada de Brewster nas, tentou-se por todos os que André o visse para expli o seu ponto de vista. Mais um membro importante da xada fez a diligência: Norbe chuetz, encarregado de ne Não houve maneira: o dire Departamento «Grécia» (St department's Middle East Di negou-se a vê-lo. A impres que André Papandreu pode zer algo de grave, nos pr momentos da confusão do de força, alarmou sua mulh fez uma série de diligênci teis junto da Embaixada am em Atenas. Amigos seus en



O Governo grego, tendo à frente Papadopoulos

Um problema de gerações?

DIALOGO ENTRE UM ESTUDANTE E UM ANTIGO PROFESSOR

a pri-
fazer
«Você
es?»

a um
em
ecos e
da de
al da
suas

a que
uma
Nessa
as —
forme
o que
feita-
junto
ureza
matiz

O —
con-
versas
sente
ação,
hoque
País,

mas também em países de estrutura completamente diversa. Penso que este é um problema constante de todas as sociedades: o choque que há entre os jovens de hoje e a geração de seus pais já se deu entre esta e a dos seus avós. O problema pode é revestir várias formas, consoante o processo histórico do País: a níveis políticos, a níveis culturais, a níveis poéticos, a níveis de arte, etc. Há um problema de gerações e creio que até é bom que haja esse problema — desde que ele seja um factor dinamizador de uma sociedade, e não um factor que vá empenar os mecanismos sociais. Resta, contudo, fazer um apontamento. Os conflitos actuais entre gerações envolvem um numero muito maior de jovens que no passado, talvez por isso hoje se fale com mais acuidade no conflito de gerações.

J. S. DA COSTA — Esses conflitos têm tido sempre a sua actualidade. Talvez não seja despropositado referirmos aqui um ou dois passos (que me parecem extremamente elucidativos) de uma carta que, em 1865, o então jovem Antero de Quental, estudante da Universidade de Coimbra, escreveu (a António Feliciano de Castilho, e na qual ripostou vivamente contra as considerações críticas que Castilho lhe dirigiu,

a ele e outros jovens inovadores que constituíam a «Escola Coimbra».

Ora vejamos aqui: «o que se ataca na Escola de Coimbra (talvez mesmo V. Ex.ª o ignore, porque há malévolo inocentes e inconscientes) o que se ataca não é uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma ideia. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se á independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedir licença aos mestres, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência. A guerra faz-se ao escândalo inaudito de uma literatura desafiada que cuidou poder correr o mundo sem o selo e o visto da chancelaria dos grão-mestres oficiais.» Mais adiante, declara: «V. Ex.ª com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é, não só mal feita, mas também pequena e miseravelmente feita. Mas é que a Escola de Coimbra cometeu, efectivamente, alguma coisa pior do que um crime — cometeu uma grande falta: quis inovar. Ora, para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade, com a baba dos sofismas, do que envelhecer com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que es-

crever pessimamente, pior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de dizer e não de repetir, de inventar e não de copiar.»

Estes dois passos da carta de Antero manifestam claramente que, muitas vezes, o choque de mentalidades corresponde, de facto, a gerações bem diferenciadas. Contudo, não nos esqueçamos desta verdade simples e concreta: o embate entre os que perfilham uma atitude tradicionalista e os que advogam uma profunda renovação não é necessariamente um problema de gerações.

V. B. S. — Focarei agora aspectos mais concretos da minha experiência pessoal como estudante e como filho. No Liceu, na Universidade e na Família constatei pontos de fractura evidentes entre as gerações. Mas, tem de ter-se em conta que as gerações não são de textura uniforme. São compostas de indivíduos com idades paralelas, mas com maneiras de encarar o mundo e de estar no mundo muito diferentes. É pois preciso ter o cuidado de não meter no mesmo saco os gregos e os troianos de cada geração. Seria uma injustiça evidente. No entanto, cada um possui um cliché, de quais são os ideais, os métodos, a maneira de pôr os problemas, mais divulgadas e mais aceites pelas pessoas que tiveram de viver em conjunto épocas determinadas. Mais ainda, conhece-se o que elas foram capazes e incapazes de realizar. Conhece-se também o que elas são actualmente — isto no que respeita aos mais velhos, pois em relação á juventude só conhecemos os projectos, visto que ainda não tivemos tempo de os concretizar.

J. S. da C. — Pelo meu lado, por estranho que pareça, recordo-me que só no meu quarto ano liceal encontrei um professor que estimulava os seus alunos a fazerem leituras suplementares. Mais tarde, foi ao frequentar o 7.º ano, que descobri um verdadeiro pedagogo: foi António Sérgio — que marcou variadas gerações no convite permanente á reflexão, á autonomia no pensar, á emancipação. Relativamente á experiência universitária — numa Faculdade de Letras —, a minha preparação cultural e a de muitos outros meus contemporâneos foi feita de costas voltadas para a Universidade. Raríssimos eram os professores interessados em conviver com os alunos; raríssimos os que iniciavam á investigação.

Saltando um pouco — e lembrando-me da minha breve experiência como professor de liceu — devo confessar que onde obtive apoio foi nestes dois grupos, que situo assim: de um lado, os alunos (eu era um jovem professor, inexperiente, que nem sequer tinha feito o estágio, mas que meles encontrava um franco acolhimento, que permitia trabalho em comum); de outro lado, três professores da velha guarda; na maior parte dos restantes alguns até com idade próxima á minha, só vi desinteressar-se pela actividade pedagógica.

V. B. S. — No meu caso a experiência é mais recente. Fiz o meu liceu em Castelo Branco. No tempo em que lá vivi era uma cidade preconceituosa, mesquinha, mergulhada num dogmatismo sufocante. O liceu reflectia a cidade como um espelho fiel. Tive sempre conflitos, sobretudo com os professores de moral. Eu queria uma explicação racional por parte deles. Eles exigiam-me uma aceitação de princípios. Nunca nos entendemos.

Há mesmo um caso curioso que ilustra bem um conflito de gerações. Foi no 5.º ano, numa turma mista, na qual as aulas da cidadã cadeia eram dadas por uma freira. Porque os rapazes lhe punham problemas e levantavam dúvidas, ela queixou-se ao director de ciclo e ao conselho escolar. O director do ciclo admoestou-nos e ameaçou-nos com punições, dizendo que eramos irreverentes. Todos nos solidarizámos, sentindo a in-



justiça que nos estava a ser feita. Resistimos passivamente mas com determinação. A maioria era católica praticante, e contudo, todos sentimos que nos estavam a querer retirar o direito de nos esclarecermos e de equacionarmos os problemas. Foi a idade que nos uniu.

Entre os professores que eu poderei citar como pessoas que nos ajudaram, apesar da diferença de gerações, recordo-me por exemplo de um professor de história, dr. Moniz, que nos introduziu uma visão mais crítica, menos cega da História, diferente da que nos dá o sr. Matoso.

J. S. da C. — Justamente a propósito de História, lembro-me de dois comentários que me foram feitos durante a minha breve função de professor. Um primeiro, foi este: há um director de ano que vai, por dever de officio, assistir a uma aula minha de História. No final, fez-me este reparo: tinha apenas uma dúvida; não estaria eu, porventura, a exigir de mais dos alunos e a procurar que eles entendessem o processo histórico?

V. B. S. — Isso é significativo.

J. S. da C. — Mas há mais. Faço parte de um júri que está a examinar alunos do 5.º ano. Faço o meu primeiro interrogatório de História. E, quando acabo, o comentário do presidente do júri foi este: «Acho que faz perguntas de mais aos alunos, para saber a opinião deles, como é que eles encaram os vários aspectos das sociedades que se estudam». E dizia que, no tempo dele, o que se perguntava eram coisas taxativas, a que eles tinham de responder sem mais comentários.

V. B. S. — Na Universidade também tenho assistido a factos muito curiosos. Por exemplo, no ano passado, os alunos convidaram os professores para uma reunião em que se debatesses os problemas da Universidade e, sobretudo, um aspecto que, nesse momento, era um foco de tensão. Houve um professor que tomou, ou quis tomar, o convite que lhe foi feito, como uma tentativa de lhe pedir explicações. Recusou, e disse, que o dia que os alunos tiverem poder na Universidade ele já não tem nada que fazer lá e que se irá embora.

Este é um caso limite do espirito autoritário que está enraizado numa fracção relativamente ampla de uma geração. A minha geração repudia integralmente esse espirito, e é com naturalidade que pergunta: porque não há-de os professores universitários de

(Continua na pág. seguinte).

ncia

Papandreu
actas porque
om os grupos
ps eram mui-
que interveio
s campanhas

J. A. em Ate-
O seu nome?
mistério. Cha-
mpbell.

ell propôs a
e se fizessem
seminários:
e antinacio-
as formariam

querda?
egou-se e dis-
nem sequer
sagem a seu
terava inacei-

pe, o director
do Departam-
que anterior-
na Embaixada
para a capital
er fala muito
a classificado
um inimigo
Centro e de
a quem, pela
e, compromis-
derava muito
ai, velho po-
Ao conhecer-
ewster a Ate-
dos os meios
a explicar-lhe
Mais ainda:
nte da Embai-
Norbert Ans-
de negócios.
o director do
a (State De-
ast Division)
impressão de
u poderia fa-
nos primeiros
ão do golpe
a mulher, que
ligências inu-
da americana
seus em Was-

ington tentaram igualmente, junto dos funcionários e, sobretudo, junto dos conselheiros do presidente Johnson. Estes, alguns deles seus companheiros de Universidade — como Kaysen e Walter Rostow — não fizeram nada, pensando que o presidente Johnson faria o mesmo. Finalmente, contactou-se com Humphrey, que se negou a intervir em três ocasiões.

— Finalmente?

— Não Depois conseguiu-se falar com o professor Kenneth Galbraith, ex-embaixador e antigo conselheiro de Kennedy. Galbraith disse que não sabia de que forma seria recebida a sua informação pelas suas críticas a Johnson. Mas comunicou com a Casa Branca e explicou a situação. E também as graves preocupações de comunidade académica ante o caso de André Papandreu.

O presidente Johnson ordenou, imediatamente — tomando uma atitude contrária á de Walter Rostow, que se havia escusado, dizendo que André era um perigoso esquerdista —, que o embaixador americano em Atenas, Talbot, se pusesse em contacto urgente com Margaret Papandreu e os seus quatro filhos para oferecer-lhes toda a espécie de ajuda. Que, em seguida, comunicasse a Constantino Kollias, que aparecia como chefe da Junta do golpe de Estado, que a segurança de André Papandreu preocupava pessoalmente o presidente dos Estados Unidos e que deveria ser entendido que a sua pessoa devia ser considerada como se estivesse sob a protecção do Governo americano.

Uma vez que o subsecretário de Estado, Katzenbach, fez saber estes factos ao embaixador Talbot, comunicou a Galbraith a decisão de Johnson, advertindo que o faria saber á comunidade académica, que, naqueles momentos, sobretudo na Universidade em que trabalhava André Papandreu, tinha advertido o estulto Rostow de que a «comunidade» tornaria responsá-

vel da morte de André, caso ela ocorresse, o próprio presidente dos Estados Unidos. Deve dizer-se que Lyndon B. Johnson actuou com rapidez e energia sem que tivesse duvida alguma sobre a sua opinião e rechaçando as palavras do seu conselheiro e professor Walter Rostow sobre o dangerous leftist (perigoso esquerdista) chamado André Papandreu...

— E agora?

Um olhar quieto, ávido de futuro. Falamos de outras coisas. Digo-lhe que li em Roma um documento fotocopiado: o Plano Poseidon. Segundo esse documento, urge, a vigilância dos turistas que chegam á Grécia e que podem transportar armas ou ajuda aos inimigos do regime de 21 de Abril.

Poseidon é o Neptuno grego. As lendas dizem que, confrontado com Atena para o patronato da cidade, ofereceu o domínio do mar — tridente na mão — ou um primeiro cavalo aos atenienses. Estes, parece, preferiram a oliveira.

No Plano Poseidon fala-se, também, da eliminação de certos inimigos, até fora das fronteiras. O meu amigo ouviu falar disso, mas não sabe muito. É já noite e subimos lenta e saborosamente as empinadas ruas de Plaka, que nos conduzem a um bairro cheio de pequenos restaurantes, bares, cabarés e sorrisos. Soa, agora, atraente a musica grega. Aqui está o turismo de Atenas. Levantando o olhar, vê-se o monte negro, a Acrópole. Os reflectores vão iluminando, por partes, a estrutura da formosura em pedra: o Partenon. Quando a luz ilumina outros monumentos, outras colunas, outras sombras, uma pergunta me sobressalta:

— O que se passa?

O meu amigo pega-me no braço suavemente. Pede um vinho quente da terra cretense e diz-me:

— Já vê, não se passa nada.

O seu olhar fundo, dramático e simples, comove-me. Em Plaka comprei um festão. Traz no meda-

(Continua na pág. 10).

Diálogo sobre o conflito de gerações

(Continuação da pág. central)

se justificar perante os seus alunos? Onde está a hediondez de tal ideia?

Para determinadas gerações, isto constitui um grande sacrilégio, uma irreverente profanação?

Aqui, como atrás tivemos ocasião de dizer, não é o conflito de gerações o problema fundamental. Antes o fosse.

J. S. da C. — Ainda há pouco tempo tive ocasião de verificar como trabalha um centro de investigação em Lisboa, dirigido por um professor da Universidade, centro esse que eu tive oportunidade de acompanhar por diversas razões. A minha primeira constatação é esta: deverá haver em Portugal muito poucos centros com responsabilidade de professores universitários a funcionar como este, que se preocupa desde a formação universitária dos alunos, como até vai ao ponto de os acompanhar através de cursos para pós-graduados. E ainda mais: quando alguém é convidado a trabalhar para esse centro o seu trabalho de pesquisa é seguido muito de perto, quer ele seja desenvolvido em Portugal, quer seja no estrangeiro. Esta minha lembrança refere-se ao Centro de Estudos Geográficos. Pode até dizer-se que este centro se antecipa a uma autêntica reforma da Universidade, questão que ainda no passado mês de Outubro foi muito ventilada.

V. B. S. — Onde me parece mais evidente um problema de gerações é na família. Os pais tentam inculcar nos filhos os seus critérios, os seus valores e sobretudo, e isto é muito importante, os seus métodos de triunfar na vida. É para o triunfo individual que eles nos querem preparar. No entanto, nós

sabemos já que o êxito pessoal só por si não é a garantia dum mundo melhor e pretendemos êxitos colectivos que na realidade mudem a face da terra. É preferível ocupar um ponto mais baixo dum sociedade justa, a ser um grande senhor numa sociedade plena de iniquidades.

J. S. da C. — Esse problema de relações de pais e filhos é um velho problema. É um problema que, de certo modo, é espelho de uma sociedade, é reflexo de uma concepção educacional.

O papel do pedagogo — e eu direi que os pais devem ser pedagogos — é, cada vez mais, tornar-se inútil. Vai-se apagando a medida que o educando adquire a sua autonomia. O pedagogo é como se fosse um professor de natação que dará as suas noções antes dos alunos se lançarem à água. Depois disso o professor e alunos lançam-se à água, e é no exercício que o próprio aluno adquire a possibilidade de amarrar-se a nadador.

Esta concepção pode alargar-se à escola. Pela minha experiência de participação em reuniões de pais fiquei com a convicção de que actualmente existe uma concepção educacional bastante diferente da que existia no meu tempo de estudante. E não devemos esquecer claro, o desenvolvimento recente dos estudos de pedagogia. Evidentemente que isto não basta. Neste campo deveria intervir uma outra estrutura social, nomeadamente apoios do Estado à educação dos filhos. Apoios que deviam começar com as creches, com a cobertura escolar do País e com o apoio económico aos próprios estudantes. E porque não a gratuidade do ensino? Resta saber como poderá a nossa socie-

dade suportar uma medida deste género. E isto, claro, leva-nos a colocar o problema num contexto mais amplo.

V. B. S. — Concorro absolutamente com uma maior participação do Estado no financiamento do campo educacional. Para finalizar, queria fazer uma síntese breve da minha posição:

1.º — Há um conflito de gerações. No entanto esse problema não é o problema principal da sociedade portuguesa.

2.º — A existência desse conflito é um factor positivo, um índice de vitalidade.

3.º — Cabe à sociedade encontrar

uma fórmula que dinamize o conflito por forma a torná-lo uma fonte de progresso.

4.º — Penso que para que o ponto 3 se possa realizar tem de haver alterações nas estruturas-base da sociedade e também revisão profunda da mentalidade das pessoas, ou seja uma alteração das superestruturas.

J. S. da C. — Por assim terei de concluir, das suas intervenções, que os jovens estão muito mais interessados em vincar um conflito de gerações. E eu acho isso muito positivo.

Os direitos do escritor

(Continuação da pág. 5)

níveis das questões nacionais, quais os direitos mínimos que nos parecem imprescindíveis para uma dignificação da criação literária.

Acontece que a luta por uma autonomia e liberdade do escritor, traduzida numa justa exigência dos direitos consequentes, vinha confundir-se uma interrelação de objectivos ideológicos, tendendo à instrumentalização por parte de sectores para quem a literatura era apenas uma actividade mediata, e não um fim em si mesma, de todas as reivindicações feitas em nome dos escritores. Perante isso, os escritores autenticamente preocupados com a liberdade de criação, ou se viam, por uma solidariedade puramente negativa, forçados a definir-se em função de critérios extrínsecos à sua actividade literária, sem que com isso os problemas de cidadania num plano mais global ganhassem algo de positivo, ou eram relegados para a situação de marginalidade ou isolamento a que nos referíamos, quando muito beneficiando de uma tolerância condescendente de uns e outros dos que se agitavam no palco e nos bastidores da cena «cultural» ou «intelectual». (Felizmente, os exemplos de direitura e mesmo de altivez intransigente também existem — alguns só tarde e a más horas reconhecidos, outros ainda no ostracismo do silêncio organizado)

Na plano prático, quer dizer, no que aos escritores como escritores importava verdadeiramente, ficou-se quase sempre pela invocação de princípios sem dúvida válidos mais diluídos numa abstracção sem relevância ou impacto sobre a realidade circundante e pela denúncia de um *statu quo* que o simples exorcismo não chegava para modificar. Deste modo, apenas aqui e ali, e sem continuidade nem rigor de análise e de propostas (a boa consciência de uma razão teórica servia muitas vezes de alibi a uma falta de ideias e de imaginação), se abordavam efectivamente e aprofundadamente problemas capitais como os dos direitos do autor, que estão no centro de uma valorização do trabalho do escritor, bem como outros aspectos importantes relativos às condições de independência da criação literária. Desses aspectos se deveria ter predominantemente preocupado uma sociedade de escritores tal como a que há anos existiu. E se as vicissitudes conduziram, em momento crítico, à extinção do órgão penosamente criado, a função, para se tornar viva, terá de segregar órgão mais adequado. É tempo de recomeçar pelo princípio, de reconstruir pela base.

A base só poderá, na verdade, ser constituída pela exigência dos direitos mais elementares do escritor, que a instauração de uma ordem jurídica e de uma sociedade civil normais, bem como a própria existência da nação como entidade culturalmente viva, aberta à universalidade do mundo contemporâneo, não poderá deixar de implicar, se efectivamente se deseja um renovo e diríamos mesmo uma renascença no nosso País.

Muito simplesmente, enumeraremos alguns desses direitos básicos, sem a pretensão de sermos exaustivos nem limitativos:

Aplicação efectiva das garantias constitucionais da liberdade de

expressão, sob todas as suas formas;

Elaboração cuidada, e após consulta dos escritores e debate público, de um verdadeiro código dos direitos de autor, com a especificação de todas as garantias relativas à propriedade literária, incluindo os direitos dos tradutores e a defesa da titularidade do autor sobre todo e qualquer tipo de reprodução ou adaptação, o que implica a adesão às convenções internacionais respectivas;

Liberdade de constituição de associações de escritores, em regime de autonomia em relação a quaisquer organizações políticas, religiosas ou outras, destinadas a defender os seus direitos sindicais, a liberdade de criação e de publicação, bem como todos os demais direitos do escritor;

Direito à informação total e objectiva, no exercício pelo escritor da sua actividade literária;

Direito à comunicação com o leitor e com o público em geral, através de todos os órgãos de informação (Imprensa, Rádio e Televisão);

Direito a uma remuneração justa do seu trabalho, em função exclusivamente do seu valor literário, permitindo ao escritor tanto quanto possível viver do que escreve;

Direito dos escritores a poderem, mesmo sem qualquer diploma, professar cursos e conferências de literatura nas Universidades e demais estabelecimentos de ensino;

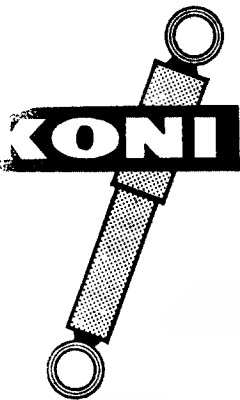
Direito a viver no seu País e a viajar livremente ao estrangeiro, de participar em reuniões, congressos e colóquios internacionais, bem como de fazer parte de organizações internacionais de escritores.

São estes alguns elementos para um debate sobre os direitos dos escritores, que deve ser aberto entre estes, a opinião pública e todos os sectores e órgãos da comunidade social e nacional. Aos escritores cabe iniciá-lo e incentivá-lo; à opinião pública prolongá-lo e repercuti-lo; aos órgãos competentes permiti-lo e garanti-lo livremente; a todos os cidadãos enfim participar activamente e criticamente nele. Só assim autor, leitores e intermediários entre uns e outros, assumindo os seus direitos e deveres, assumem as suas responsabilidades. Porque todos existem, afinal, para a obra literária como criação, que acima de tudo deve ser respeitada enquanto objecto do espírito humano.

O escritor, a literatura, são o sal de um povo. Desde que sejam livres. Como diz com uma dignidade exemplar um grande romancista, Soljenitsine, perseguido e proscrito no seu país, «uma literatura que não é o ar da sociedade que lhe é contemporânea, que não ousa comunicar à sociedade os seus próprios sofrimentos e as suas próprias aspirações, que não é capaz de se aperceber a tempo dos perigos sociais e morais que a tocam de perto, não merece o nome de literatura: quando muito ela pode aspirar ao de cosmetologia».

FERNANDO ECHEVARRIA

JOSÉ AUGUSTO SEABRA



O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC LISBOA
TEL. 56 0156

Síntese do livro de Joel Serrão

«Do Sebastianismo ao socialismo em Portugal»

Nesta pequena nota tentaremos apenas informar os leitores da tese maestra do ensaio de Joel Serrão.

Joel Serrão estuda o sebastianismo como fenómeno (não como facto: atitude psíquica definida pelo espaço, Portugal, e pelo tempo, 1580-1640) abordando o tema da generalidade da sua continuidade — D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II, D. João V, também foram O Encoberto, e houve uma ressurgência do sebastianismo no séc. XIX com as invasões francesas.

O estudo do sebastianismo como fenómeno já tinha sido empreendido por Oliveira Martins, Sampaio Bruno, Lúcio de Azevedo, António Sérgio, e é na linha destes que se coloca Joel Serrão. Para ele, o sebastianismo tem por suporte humano o «povo miúdo». «E não será possível apreender

esse rumor surdo da miséria do povo português nos motins sebastianistas e nas «alterações» do séc. XVII? Não será o sebastianismo ao fim e ao cabo uma das formas desse protesto surdo e imponente, como vamos insinuando?» (pág. 25).

Protesto que se veste da ideologia que há: «Mediante o único ensino que lhes era ministrado — o religioso —, as massas populares, ao nível que a sua mentalidade permitia, compartilhavam naturalmente, com o clero, das esperanças e temores transcendentes que davam sentido à vida de então» (pág. 27). Daí o sebastianismo ter tomado a forma religiosa do messianismo.

Joel Serrão periodiza o fenómeno com base na estrutura económico-social portuguesa que se mantém da segunda metade do séc. XVI aos princípios do XIX. «Em declínio no séc. XVIII o sebastianismo perece de todo quando, nos princípios do séc. XIX, perdido o domínio do comércio brasileiro, a estrutura portuguesa do «antigo regime» entra em crise, se não em fase de viragem. As condições que permitiam a experiência liberal varreram de todo a crença popular sebastianista. Por si, a verificação de tal paralelismo bastaria, ao que parece, para considerar finda a história do mito. Assim pensou João Lúcio de Azevedo, detendo aí a sua investigação; assim orenia Oliveira Martins ao averbar: «A consequência mais profunda da revolução liberal foi a ruptura de tradição, o acabamento definitivo do sebastianismo: exprimindo por essa palavra simbólica todo o corpo de ideias, ambíções e costumes históricos». E está certa (pág. 32).

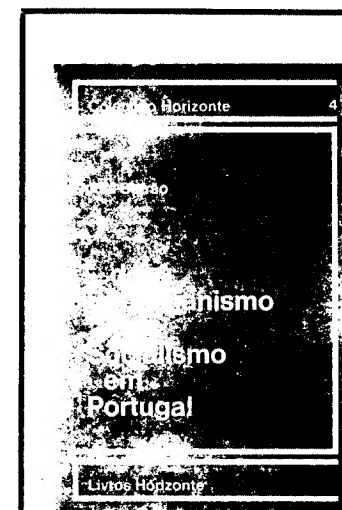
Desaparecido como fenómeno social nacional, o sebastianismo sobrevive na Literatura (Garrett, Nobre, Junqueiro, Pascoas, Pessoa...), Joel Serrão sugere-nos uma explicação: «E penguamento nos pois, se o tratamento literário do tema sebastianismo não visaria, sobretudo, a alcançar por aí o virtual leitor popular ou de fresca cepa popular, numa tentativa, que principiava a ser desaperada, de chegar até junto dele». Tratar-se-ia pois de um modo do escritor com pouco público, dado o nível cultural do país, conseguir um maior número de leitores.

Mas a que vem o «socialismo» do título do ensaio *Do Sebastianismo ao socialismo em Portugal*? É que o socialismo aparece em Portugal no séc. XIX com alguma coisa de sebastianista: «incrustado nesse processo de base o socialismo é uma dialcromia, voltada para um futuro de contornos indecisos, que se é obrigado a imaginar longínquo ante a espessura e a resistência do

presente» (pág. 97, sublinhado nosso). E isto porque o socialismo era «premature» «para ser executado naquela época» (pág. 98, citação de António Sérgio em que Joel Serrão se abona). «Claramente as energias das classes proletárias canalizar-se-ão, ao lado da burguesia insatisfeita, para a extinção da monarquia. «Desde 1898-99» até à proclamação da República em Portugal, o movimento operário e socialista», reconhece-o César Nogueira, «ficou completamente reduzido à mínima expressão. Quase todo operariado debandou para o campo republicano» (pág. 105). A República era então a política do possível, isto é, o esgotamento das virtualidades do liberalismo impedido pelo resignar monárquico.

Para Joel Serrão «não há diferenças essenciais entre os vários momentos ou tendências da história do nosso liberalismo, quer eles sejam o vintismo, o cartismo, o setembrismo, ou o republicano» (pág. 50) tese que supõe uma nova e por certo os historiadores portugueses irão discutir.

Joel Serrão explica o fracasso do socialismo novecentista em Portugal por uma condição de impossibilidade: «como caminhar para o socialismo num país de estrutura fundamentalmente agrícola, com uma indústria



«Assim, salta a vista a similitude funcional da genese e evolução do socialismo quer em Espanha quer em Portugal, aspiração de minorias de intelectuais que não logrou perturbar de modo apreciável a desenvolvimento tardia e lenta da industrialização. Por seu turno, a correspondente proletarização, nos fins do século passado e primeiros decénios do actual, desembocou não no reforço ao socialismo clássico, e sim no engastamento das fileiras do anarquismo e do anarco-sindicalismo, que alcançaram muito apreço no contexto peninsular.

Estamos em crer que a explicação desta originalidade regional, aliás comum à história social coeva da Itália e da Rússia, não residirá, como se tem sugerido, em miríficas características étnicas, mas em contextos económicos, sociais e mentais afins. Será por acaso que a aspiração socializante adquiriu similares características anarquistas apenas em sociedades debilmente industrializadas, mas impregnadas, não obstante, da «liberdade» burguesa? Dir-se-ia, naquilo que expressamente respeita à Península Ibérica, que o operariado como tal constituiu ali uma força marginal, incapaz de criar e impor valores próprios, vendo-se assim, compelido a assumir, revolucionária e paroxisticamente, a aspiração maior da sociedade burguesa — a liberdade —, erguida em impeto libertário contra a «liberdade» mais ou menos institucionalizada.»

incipiente e de pequenos vãos, com um operariado quantitativo e qualitativamente insignificante?» (pág. 100). Haverá quem objecte a Joel Serrão que se se põe o capitalismo e o operariado desenvolvido como condição necessária do triunfo do socialismo na recta inexplicável a Revolução de 1917 (ainda que na Rússia nessa altura o operariado fosse qualitativamente significativo) e as

Revoluções Chinesa e Cubana, ou então lógica-mente se considerará que estas resoluções não foram socialistas, o argumento do «sub-desenvolvimento» não nos parece que chegue para explicar o fracasso do socialismo novecentista português. Mas este é um pormenor que não afecta o grande interesse do estudo de Joel Serrão.

Leitor: Esta nota é uma redução das teses de

O Sebastianismo e o Socialismo em Portugal ao resumo da sua tese maestra. A riqueza da obra só se fruirá lendo-a. Neste ensaio de Joel Serrão há muitas teses, mediações, secundárias portanto relativamente ao escopo do estudo, mas em si tão importantes como a tese central. Por exemplo: o esboço de explicação do êxito do anarquismo e do anarco-sindicalismo em Portugal no séc. XIX.

Duas opiniões sobre anarquismo

A TRADIÇÃO ANARQUISTA EM ESPANHA

Daniel Guérin
in «L'Anarchisme»
pág. 137

«Assim, a lição da Revolução russa foi aproveitada oportunamente pelos anarquistas espanhóis e contribuiu para estimulá-los na preparação de uma revolução anticapitalista. A degenerescência do comunismo «autoritário» reforçou a sua vontade de fazer triunfar um comunismo libertário. Cruelmente desiludidos pela miragem soviética, viram no anarquismo, como escreveu mais tarde Sanjurjo, «a última esperança de renovação neste sombrio período».

A revolução libertária estava mais ou menos preparada na consciência das massas populares, assim como no pensamento dos teóricos libertários. O anarco-sindicalismo era, como observa José Peirats, «pela sua psicologia, seu temperamento e suas reacções, o sector mais espanhol de toda a Espanha». Ele era o duplo produto de um desenvolvimento combinado. Cor-

respondia simultaneamente ao estado atarraxado de um país retardatário, cujas condições de vida rural tinham permanecido arcaicas, e ao desenvolvimento, em certas regiões, de um proletariado moderno produzido pela industrialização. A originalidade do anarquismo espanhol residia numa mistura singular de sentimentos do passado e de futurismo. Entre as duas tendências a simbiose estava longe de ser perfeita.

O ANARQUISMO ESPANHOL

Pierre Vilár
in «Histoire de l'Espagne»
págs. 75 e 76

Mais do que o anarquismo dos anos 90 (que é internacional) é esta persistência contemporânea do movimento que é importante. Explicá-la pelo «temperamento», é uma solução fácil. Por que motivo a Espanha de Cisneros e do Tribunal das Águas, a Catalunha ponderada e cooperativista seriam «especificamente» consideradas entre as formas individualistas de subversão? Seria melhor (embora seja menos simples) analisar

o anarquismo espanhol relativamente à estrutura e à história dos meios onde cresceu:

1) Os laços do movimento operário com o problema agrário; os jornais anarquistas chamaram-se *Tierra, Tierra y Libertad*; a insurreição popular andaluza contra os árabes pesou na visão espanhola da revolução;

2) A dispersão orgânica das indústrias catalãs: patrões e operários permaneceram em posições próximas; a luta manteve ali um carácter individual;

3) A miséria das grandes cidades: miséria simultaneamente «operária» e de imigrantes, de desempregados, de pequenas empresas de bairros sórdidos («quinto distrito» de Barcelona); o facto «fábrica» perde aí a sua importância, mas existe uma sensibilidade viva nas massas urbanas, bem como agitação, com facilidade de provocações;

4) As relações entre os operários e a política: as relações do século XIX desiludiram-nos sempre; isso explica o seu «apolitismo»; mas, ao mesmo tempo, contra um autoritarismo policial cons-

tantes radicados na paixão da liberdade, o ódio do Estado; o liberalismo revestiu-se para eles de um prestígio secreto; daí este movimento pendular das eleições espanholas: após um período de «esquerda», os anarquistas, desiludidos, diziam «não voteis»; a sua abstenção permitia uma vitória da direita; após a dominação das direitas, o operário, revoltado, renunciava ao abstencionismo; mas não tinha candidato próprio; a «esquerda» triunfava sem o representar;

5) A tradição revolucionária: Díaz del Moral evidenciou a missão essencial da tradição nas revoltas andaluzas; o anarquismo de Barcelona teve também os seus grandes antepassados, as suas tradições os seus mártires, socialismo e comunismo tiveram durante muito tempo contra eles tudo aquilo que um tal passado representava de personálias sentimentais;

6) Finalmente a marca ideológica: quando Anselmo Lorenzo, patriarca do anarquismo espanhol, visitou Marx, em Londres, em 1870, reagiu como um autodidacta (Cont. na pág. seguinte)

EKO THERMOVENT
AQUECIMENTO ELÉCTRICO DE ALTA QUALIDADE PARA UM AMBIENTE MAIS QUENTE

Distrib. Gerais: Monteiro & Reynolds, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º - Esq. Lisboa

Distrib. no Norte do País:
J. J. Gonçalves - Sucrs. Comércio e Indústria S.A.R.L. - R. do Freixo, 1273/81 - Porto

Peça catálogos no seu fornecedor.
A venda nas boas casas de especialidade

JÁ CÁ CANTA!

ANTOLOGIA DO HUMOR PORTUGUÊS

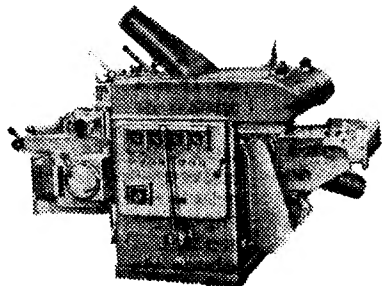
PRIMEIRO LIVRO DE MELÓDICOS APROVADOS
DISTRIBUIDOR: «QUADRANTE»

Apoio controlado

Com títulos sensacionais, «L'Unité» publica uma carta atribuída ao senador americano Stuart Symington, que foi ministro da Aviação americana de 1947 a 1950, e dirigida a um amigo no seu regresso de uma viagem à Grécia, em Fevereiro passado. Esta carta foi, segundo o jornal, interceptada pela Resistência grega.

Diz a carta: «Creio que é de interesse para este país dar um apoio cuidadosamente controlado ao actual Governo grego. No passado, as coisas não iam bem, e receio que sofram facilmente uma posterior deterioração. Como sabes, o grande porto do Mediterrâneo Ocidental de Mers el Kibir, na Argélia, está agora aberto aos soviéticos que utilizam também Port Said e Alexandria, no Mediterrâneo oriental. O Líbano, por outro lado, repele a nossa Esquadra desde a Primavera de 1967. Durante as duas últimas visitas da nossa Esquadra à Turquia, registaram-se graves perturbações antiamericanas. As coisas estão a tornar-se cada vez mais complicadas, e pelo caminho que tomam, com excepção da Grécia, parece que poucos portos restarão no Mediterrâneo que possam ser visitados pelos nossos navios sem criar dificuldades. Creio, pois, que é mais um motivo para procurar manter a estabilidade neste país».

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

PLAINA DE 4 FACES
Mod. P4E

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

SYLVANIA

TV DE ALTA CLASSE

A PRESTIGIOSA MARCA AMERICANA à vendana das boas casas da especialidade

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
departamento electrodoméstico
Rua dos Douradores 43 - Telef. 361763 - Lisboa

SENSACIONAL

DISCOS DESDE 7\$50
LIQUIDAÇÃO TOTAL

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.

RUA DO CARMO, 11

LISBOA

Os programas espaciais

(Continuação da pág. 1)

paciais, razões por demasiado óbvias. Sem dispor de números concretos é bem possível que a redução a metade dos orçamentos bélicos (sempre ou quase sempre elevada percentagem dos orçamentos dos países) permitisse desenrolar tal programa planetário conjunto de que a Terra tanto precisa e de que os problemas aflictivos do Terceiro Mundo são exemplo trágico. Deixemos, porém, isto, em que tocamos um lado sombrio da Humanidade que esperamos vá melhorando com o tempo pela acção progressiva das ideias humanistas.

O impacto dos programas espaciais pode avaliar-se ao nível da Ciência fundamental e ao dos progressos da Tecnologia: assim veremos quanto se poderá derramar na vida moderna, tentando colmar as deficiências de hoje. Falemos correntemente de uns e de outros.

É trivial pensar logo nos progressos da Meteorologia, pela instalação dos satélites meteorológicos, com a detecção suficientemente precoce de grandes tempestades, permitindo o afastamento das populações das zonas atingidas e, talvez no futuro o seu desvio para zonas onde possam evoluir sem perigo. Porém, a instalação de satélites pode, outrossim, permitir o aperfeiçoamento das técnicas de pesca e cultivo, com localização das melhores zonas de pesca, a detecção de doenças e pragas, etc., permitindo deste modo a melhoria do grave problema da alimentação humana.

Outro ponto onde há largos progressos é no domínio da electrónica, suporte necessário das novas técnicas

de comunicações, do aperfeiçoamento dos transportes, das novas ciências de decisão pelo apoio dos computadores mais evoluídos. Todos sabem quanto importante tudo isto é, no exercício da vida moderna.

Novos conhecimentos da medicina humana e da biologia experimental são também dados e, ainda, produto dos vãos espaciais, tripulados ou não.

Finalmente, neste rápido esboço, há a considerar os progressos das ciências da Terra e do Espaço, da Astronomia à moderna Geologia, de índole geofísica.

Será tudo isto, tão brevemente esquematizado, pouco para o progresso humano? Parece que não. A aventura humana no espaço, pelas suas consequências utilitárias, além do valor em si, parece pois justificada, legitimando-se pois a emoção que causa.

Uma última questão interessa talvez levantar... com nostalgia. País de descobridores que há 4 ou 5 séculos nos lançamos na aventura das Descobertas em bem piores condições de conhecimento do mundo a descobrir, como poderemos nós contribuir ao permanente recomeço da aventura humana, para não nos perguntarmos — ac ver a nossa história trágico-cultural — como temos colaborado, desde as Descobertas, na abertura de novos rumos à Humanidade. Mas não retomemos o tema amargo da célebre conferência de Antero.

É evidente que, país pequeno, não podemos sustentar de modo algum um programa espacial, hoje apenas possível aos gigantes. Sonhá-lo é ridículo nacionalismo. Mas de que modo nos poderemos integrar num programa europeu, dessa Europa de que fa-



Dr. Tiago de Oliveira
Professor de Matemática
da Faculdade de Ciências
da Universidade de Lisboa

zemos parte fisicamente e de que nos precisamos de aproximar globalmente.

Uma rápida perspectiva do que entre nós se faz no domínio da Ciência fundamental ou aplicada mostra que as nossas possibilidades de colaborar são bem pequenas, com poucos grupos de trabalho eficiente, instalados em torno de uma ou outra pessoa que se não deixaram esmorecer pelas dificuldades ambientes.

Há, pois, que rever eficiente e urgentemente as nossas estruturas de pesquisa, de modo a que «nada do que é humano nos seja estranho» para que na aventura do espaço, como noutras aventuras que o Homem corre gostosamente, abrindo o futuro, não sejamos meros espectadores debruçados mas sim interventores activos, eficazes, inteligentes

Duas opiniões sobre anarquismo

(Cont. da pág. anterior)

surpreendido e intimidado; mais do que a ciência «burguesa» de Marx, ele preferiu então manifestar confiança no instinto do movimento operário, nas doutrinas sentimentais ou de pura paixão. Ora Lorenz organizou, com a ajuda de

Francisco Ferrer, uma verdadeira obra de educação e tanto mais influente na medida em que a escola oficial abandonava ao analfabetismo um grande número de jovens. A «Escola moderna» as brochuras a preço acessível, e os «ateneus populares» marcaram gerações. Esta cul-

tura considerava-se como mais larga (mais «enciclopédica») que a cultura marxista, mas deixava os militantes mais desarmados perante os problemas reais. O anarquismo encontrou finalmente as velhas características espanholas: fidelidade às pessoas, exaltação do acto indivi-

dual e, em particular, esta necessidade de libertação, mais apaixonada que intelectual, perante a pressão ancestral da religião. Neste aspecto trata-se apenas do caso particular de um outro problema, que já mais cessou de perturbar o século: o problema espiritual.

A Grécia dos coronéis

(Continuação da pág. central)

lhão a cabeça de Dionísio ou Baco. m o ueno cacho de uvas. Recordo a minha visita a Knosos, em Creta. Estávamos, numa ladeira, olhando as pedras do primeiro teatro que houve no Mundo Ocidental. Está perfeito, assombrosamente conservado. Dele sala, também, dois mil anos antes de Cristo, a primeira avenida perfeitamente empedrada que ia até à casa do príncipe. De repente chegou, em procissão alegre, um grande grupo de italianos. Uma senhora recitava-lhes os já sabidos e gastos ditos de ocasião, explicando-lhes o que tinham ante si. De súbito, parou e disse:

Vejam à esquerda. Naquela casa as uvas para secá-las ao sol. São as nossas famosas passas de uva.

Com efeito, a uns cem metros do primeiro teatro do Ocidente — diz-se que Creta era uma cultura socialista em que os grãos e alimentos se guardavam em grandes armazéns e o Estado repartia-os e distribuía-os para que ninguém passasse necessidades nos maus momentos — camponeses, envolvidos pelo sol abrasador, estendiam as uvas de Baco. Aqueles camponeses, aqueles homens, aquele silêncio e essa levantada e grosseira aristocracia mercantil chamada Onassis dizendo que tudo vai bem.

— E o rei?
— O rei é outra entidade. A sua responsabilidade inicial é indubitável. Mas depois da sua viagem aos Estados Unidos, entendeu que ainda existia outra possibilidade: representar uma possibilidade intermédia entre o golpe de 21



Estaline, Roosevelt e Churchill — a hora da grande partilha

de Abril e a vitória eleitoral de 28 de Maio.

Estando na Grécia os «complots», e até as bombas instaladas no Pireu, dizia-se que eram obra de «conspiradores realistas». A oposição, no interior e no exterior, apegava-se a essa realidade dramática: ter que aceitar o rei como vínculo democrático da resistência. Nunca o sonhara o rei. Os sonhos são sonhos e realidade onírica. O certo é que, desde há tempos, após a perseguição, a repressão, e os cárceres flutuantes nas ilhas da formosura, mal pode dizer-se que as bombas são só da esquerda. Agora as autoridades de Atenas tornam responsável o monarca, enquanto o ministro dos Negócios Estrangeiros o visita em segredo para convencê-lo de que é neces-

sário o regresso e a condenação da violência. Claro, da outra violência.

— E o rei?
— O rei disse não, porque sabe que, a longo prazo, a sua alternativa será nacional. Pelo menos, provisoriamente.

De certo modo é o papel listrado de Winston Churchill. Assim, lentamente, descemos das alturas de Plaka. O reflector da Partenon, como uma estrela prateada, anuncia a vitória da beleza sobre a noite. No hotel releio o livro de Leslie Lipson «The Democratic Civilization»: «A palavra democracia, nos tempos modernos, contém muitas coisas, mas nasceu na Grécia, e a palavra democracia é grega».

ENRIQUE RUIZ GARCIA

AS CONTAS PÚBLICAS

A Conta Geral do Estado de 1968

Os jornais enchem páginas com documentos oficiais. Mas as pessoas saltam-lhe com os olhos por cima à procura do «caso». Mesmo as que fazem o esforço, perdem-se, muita vez nos preâmbulos, nas introduções, embulham-se muita vez nos comentários, nos quadros num emaranhado difícil para o comum e o quotidiano.

Vamos tentar apresentar a Conta Geral do Estado de 1968, de forma diferente. Recortando e montando por outra ordem. E vamos começar por saber quais foram as

«despesas do Estado, segundo a respectiva natureza», o que corresponde ao ponto 59 do texto emanado do Ministério das Finanças.

«— A decomposição das despesas orçamentais autorizadas segundo as grandes linhas da actual governativa está efectuada no mapa n.º 12 anexo do qual se apresenta seguidamente um resumo das suas principais rubricas, com a indicação do que constitui despesas ordinárias e do que se considerou encargo de natureza extraordinária.

QUADRO XXXII
Despesas autorizadas
Administração Central
(Ano de 1968)

Designação	Despesas totais		Despesas ordinárias	Despesas extraordinárias
	Millhares de contos (1)	Porcentagem (2)	(3)	(4)
a) Dívida pública	2 428	9,6	2 428	—
b) Órgãos superiores do Estado	125,8	0,5	125,8	—
c) Serviços de defesa militar e segurança	11 162,9	44,3	3 196,4	7 966,5
d) Serviços de administração civil	11 484,1	45,6	3 140,6	3 343,5
1) Funcionamento dos serviços	5 408,9	21,5	5 408,9	—
2) Investimento	6 075,2	24,1	2 731,7	3 343,5
Total	25 200,8	100	13 890,8	11 310

Pela Lei de Meios para 1968 foi atribuída prioridade às despesas com a defesa e, dentro destas, às que visam a salvaguarda da integridade territorial do País. Seguem-se, na escala de preferência fixada os encargos com o desenvolvimento económico das diversas parcelas que integram a Nação, muito especialmente aqueles decorrentes da execução

dos investimentos públicos previstos na parte prioritária do III Plano de Fomento e da prestação de auxílio económico e financeiro às províncias ultramarinas.

No quadro seguidamente inserido está demonstrada a composição do crescimento experimentado pelas despesas orçamentais autorizadas entre 1967 e 1968.

QUADRO XXXIII
Despesas autorizadas
Administração Central
(Millhares de contos)

Designação	1968 (1)	Diferença relativamente a 1967 (2)	Taxa de variação — Porcentagem (3)
a) Dívida pública	2 428	— 132,9	— 5,2
b) Órgãos superiores do Estado	125,8	+ 13	+ 11,5
c) Serviço de defesa militar e segurança	11 162,9	+ 929,5	+ 9,1
d) Serviços de administração civil	11 484,1	+ 1 029,6	+ 9,8
1) Funcionamento dos serviços	5 408,9	+ 496,9	+ 10,1
2) Investimento	6 075,2	+ 532,7	+ 9,6
Total	25 200,8	+ 1 839,2	+ 7,9

Confrontando com os registos do ano anterior, verifica-se que o aumento das despesas autorizadas do Estado ocorrido durante a gestão de 1968 resultou, fundamental-

mente, da permanência, embora atenuada, da tendência das despesas de índole militar e dos gastos dos serviços de administração civil.

ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● A situação e o silêncio

«Se eu fosse patrão, talvez pudesse ter uma opinião acerca das vantagens ou desvantagens de pertencer a uma cooperativa. Mas como empregado, não posso dizer nada.»

O sr. José Gomes trabalha há vinte cinco anos na mesma padaria. Aquela em que começou quan-

do chegou a Lisboa, vindo das bandas de Coimbra, há precisamente vinte e cinco anos atrás. Segundo nos diz, sabe da existência de uma Cooperativa de Padeiros para os lados de Campo de Ourique. Mas ele trabalha no Príncipe Real. E para esses lados, nunca foi.

«Estas perguntas para onde são?»

Tínhamos-lhe explicado

no princípio da conversa, mas repetimos-lhe agora, mais pormenorizadamente.

— Não costuma ler os jornais? — perguntamos-lhe.

— «Já tenho lido o seu jornal e outros. Se pudesse, lia-os a todos, todos os dias. Mas infelizmente não me chega o dinheiro para os comprar.»

● A única forma legal...

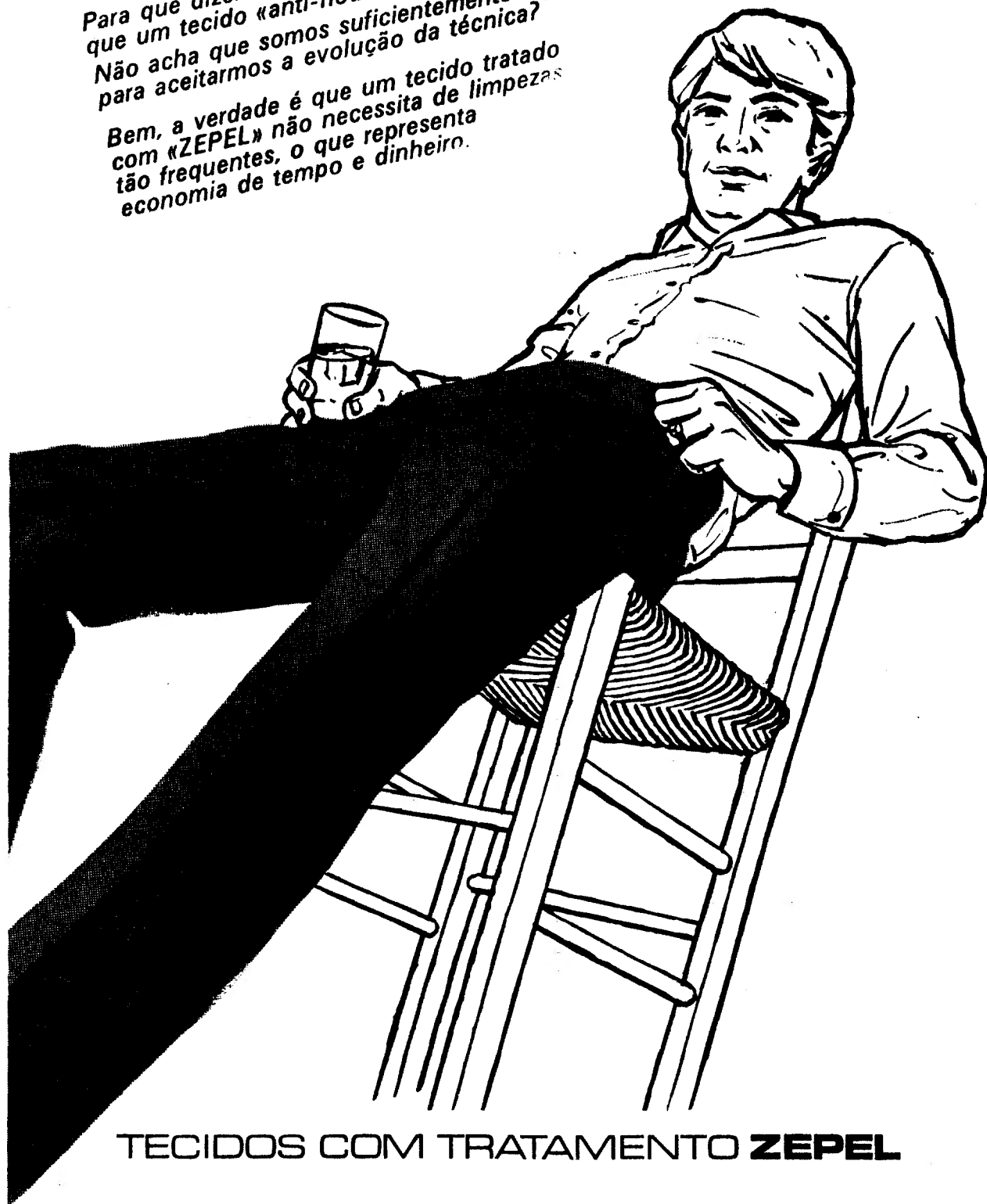
Mário dos Santos, soldador, residente na margem Sul, fez-nos a apologia do Cooperativismo:

— Dentro de uma sociedade de base capitalista, como é a nossa o Cooperativismo é a única forma legal de dar satisfação aos homens, quanto à igualdade que se pretende e ao espírito fraterno — que é a essência do Movimento. O Cooperativismo de consumo, porém, não é a solução para estruturar uma sociedade. É muito mais paliativo do que propriamente um remé-

dio.

Falando de homem para homem...

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta? Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica? Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro.



TECIDOS COM TRATAMENTO ZEPER

TESES DE LICENCIATURA

Todos os trabalhos fotocopiados aceitam-se para qualquer ponto do País. Perfeição e economia. Faça uma consulta a:

UNITAS — Cooperativa Académica de Consumo

Rua da Sofia, n.º 73, 2.º — COIMBRA — Tel. 27743



CRISLENE®

45% Lã
55% FIBRA POLIESTER

TERGAL

UM TECIDO DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS



A quarentena dos astronautas

— precaução a rejeitar no futuro

Recomeçou em Houston o período «astrodémico» — e desta vez há notícias um tanto inquietantes que poderão levar a prestar maior atenção aos homens e mulheres que contactam com os fragmentos lunares.

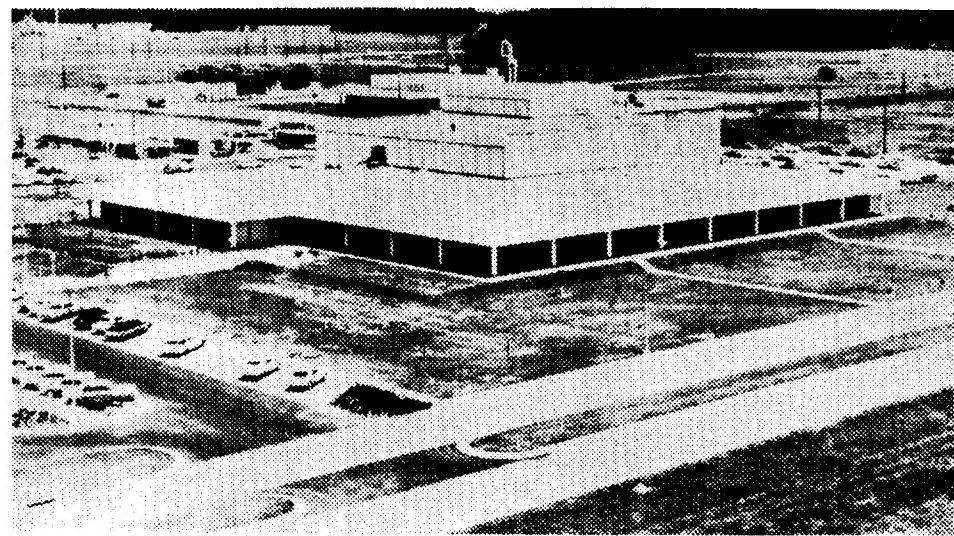
Os cientistas e os técnicos

que trabalharam com as rochas e a poeira lunares trazidas pela Apollo 11 revelaram uma taxa de enfermidade dupla da taxa dos outros funcionários de centros espaciais tripulados, segundo um relatório agora apresentado pelo Serviço de Saúde Pública.

As doenças não eram «astrodémicas», como o firmemente asseguraram os homens do Serviço de Saúde Pública encarregados da protecção da Humanidade contra germes lunares.

Eis o que consta no relatório:

— Afim de salvaguar-



O edifício construído no Centro Espacial de Houston para acolher os astronautas da «Apollo 11» e no interior do qual os cosmonautas foram submetidos ao período de quarentena

dar a humanidade de qualquer possível astrodemia — doença causada por germes lunares ou

espaciais — os médicos registaram, durante os meses de Julho e Agosto, todas as constipações, gripes, desarranjos intestinais e outras doenças que atacaram as 317 pessoas empregadas no Laboratório de Recepção Lunar e cujas funções lhes exigissem contacto com amostras provenientes do nosso satélite.

— Registaram igualmente as mesmas doenças nos funcionários de outros 150 centros espaciais.

— Aqueles que trabalharam com rochas lunares mostraram uma taxa dupla de enfermidade — 0,68 em 100 pessoas por dia contra 0,35 em 100.

Mas, em qualquer dos casos, a taxa era inferior a 1 doença por dia em 100 pessoas.

Dadas estas baixas taxas de enfermidade e dada a pequenez dos grupos estudados, as diferenças são «estatisticamente irrelevantes». «Não há motivos para alarme: não se passa nada de anormal no Laboratório Lunar», declara o dr. David Sencer, director dos serviços públicos do Centro de Doenças Contagiosas, de Atlanta.

Além disso, assinala-se que os funcionários do Laboratório Lunar estiveram a trabalhar durante muitas horas sob tensão numa difícil tentativa para aprender a lidar com o material lunar sob vácuo.

Houve vários casos de acidentes, muitas demoras e um esforço febril — tendo muitos cientistas trabalhado sete dias por semana, com horário sobrecarregado.

A verdade é que não houve ausências no Laboratório Lunar, o que é digno de nota.

A despeito de tudo isto — e talvez porque continua a haver uma certa margem de incerteza — a vigilância da «astrodemia» prossegue.

Os empregados do Laboratório Lunar e um grupo de «contrôle» começaram a ser novamente observados, mesmo antes do regresso da Apollo 12.

A quarentena dos «segundos homens da Lua» demorará 17 dias. Mas irá processar-se de maneira diferente da anterior. Para começar, quando saírem da nave já não envergavam o traje isolador que a tripulação da Apollo 11 teve que vestir. Agora limitaram-se a colocar no rosto uma máscara com filtro bacteriológico. A única precaução ulterior foi a de se desinfectarem as zonas por onde os astronautas passaram.

Os trajes antigermes (BIGS) tinham um objectivo: manter os possíveis germes lunares isolados da atmosfera terrestre ou do Oceano. Foram agora afastados por duas razões. Primeiro, porque o hidróxido de lítio se revelou bastante eficaz na filtração do pó incluindo a do pó lunar. Segundo, porque os BIGS eram demasiado quentes e tornaram-se desconfortáveis para os astronautas, arriscando, mesmo, a sua segurança.

No entanto, esta alteração não favoreceu nada a vigilância anti-germes.

De qualquer modo, nem os astronautas nem os animais ou as plantas postos em contacto com o material lunar acusaram sintomas de qualquer enfermidade desconhecida.

Alguns funcionários espaciais afirmam desde já que a quarentena — que tem tantos aspectos verdadeiramente macabros — poderá ser posta de parte no futuro, se a tripulação da Apollo 12 não tiver problemas.

Victor Cohn

(Exclusivo)

«The Washington Post» — «Diário de Lisboa»

CONGRESSO DE AGRICULTORES SOVIÉTICOS

Centenas de agricultores soviéticos reuniram-se em congresso nacional, na cidade de Moscovo, aprovando o aumento de extensão das propriedades e uma maior garantia de receitas.

Estas novas decisões destinam-se a dar carácter oficial às iniciativas tendentes a despertar o entusiasmo e a activar a produtividade entre os russos (44 por cento da população) que vivem em áreas rurais.

Uma das grandes modificações consiste em aumentar a extensão das propriedades particulares, podendo os agricultores trabalhar em seu próprio benefício de dois mil a cinco mil metros quadrados de terreno.

O novo estatuto, que substitui o que foi aprovado no último congresso colectivo, em 1935, garante igualmente um rendimento anual para as propriedades colectivas, não dependendo este rendimento do facto dos proprietários tirarem ou não proveito, durante o ano, das suas propriedades. Garante-se ainda uma série de disposições de previdência social, como casas de repouso e estâncias de cura.

Okinawa: o preço do regresso

Eisaku Sato, primeiro-ministro japonês, regressou anteontem a Tóquio, terminadas a visita que efectuou aos Estados Unidos e as conversações que travou com o presidente Nixon. Destas conversações resultaram o acordo relativo à restituição de Okinawa à soberania nipónica e a renovação da aliança entre os Estados Unidos e o Japão.

O prolongamento dos laços particulares que unem os governos de Tóquio e de Washington, assim como as bases do acordo que permitiu a restituição de Okinawa, têm muitos adversários no Japão. Mas o simples regresso destas ilhas à administração nipónica bastou para galvanizar milhões de japoneses e para esbater oposições. Daqui que Sato se disponha a lançar-se na realização de eleições gerais dentro de um ou dois meses.

Okinawa não foi devolvida sem compromissos para Tóquio. Compromissos e condições susceptíveis de dificultar a posição e o prestígio do país entre os povos asiáticos. Em especial dos povos que lutam pela sua total independência e pelo seu desenvolvimento. Neste sentido nos parece importante o artigo de «Le Monde» que a seguir publicamos.

O presidente Nixon e o primeiro-ministro japonês, Eisaku Sato, terminaram, no dia 21 deste mês, uma série de trocas de impressões que a Casa Branca não hesitou em classificar de «histórias». Após 25 anos de ocupação militar em Okinawa, os E. U. A. aceitaram reconhecer a plena soberania japonesa sobre o arquipélago e preparar, em três anos, a sua restituição ao Estado nipónico.

Quanto a este ponto, o comunicado não causou quaisquer surpresas. Tóquio já há muito tinha proposto a data de 1972, e a diplomacia americana parecia ter admitido esse princípio. As negociações que, nestes últimos meses, têm decorrido entre as duas administrações referem-se essencialmente às modalidades da restituição, e, sobretudo, à conservação ou desaparecimento das bases militares instaladas nas ilhas. Os dois Governos afirmaram que Okinawa seria submetida ao regime das bases americanas no Japão, e que, por conseguinte, as instalações nucleares deveriam ser evacuadas, logo que se procedesse à restituição.

O repatriamento, daqui a 3 anos, das bases nucleares americanas, por mais espectacular que seja, não deverá iludir-nos quanto ao alcance do gesto. De há alguns anos a esta parte que os E. U. A. estão em condições de fazer pesar uma ameaça nuclear de igual potência, a partir do seu próprio território. Além disso, os submarinos do Pacífico podem ser munidos de rampas de lançamento e chegar às proximidades imediatas do território chinês. A necessidade técnica das bases de Okinawa já não se faz sentir, portanto, e terá desaparecido dentro de três anos, devido aos progressos constantes que se têm registado nos armamentos nucleares.

Os E. U. A. tiveram de ter também em conta a oposição da população civil de Okinawa. A resistência, por vezes violenta, dos insulares, que ameaçam paralisar as bases em caso de crise, retirou a estas últimas uma boa parte

do seu valor de dissuasão. A permanência da administração militar no arquipélago favorecia, aliás, no próprio Japão, o progresso dos sentimentos anti-americanos, os quais fariam perigar o conjunto do sistema de segurança que une os dois países.

O significado da concessão americana é tanto mais limitado, quanto é certo que, por altura dos encontros privados entre os dois chefes de Governo, Sato aceitou que, em caso de crise internacional grave, os armamentos nucleares fossem reintroduzidos no arquipélago. A necessidade de jogar com a ameaça nuclear supõe, por si mesma, uma tensão internacional grave: parece que os E. U. A. souberam manter o essencial da sua possibilidade de pressão militar na região.

O comunicado menciona expressamente o caso da Coreia e da Formosa. Os dois Governos afirmam a necessidade de manter o «statu quo» na Ásia Oriental, isto é, a necessidade de permanecer na Coreia, um importante contingente de tropas americanas, com o fim de impedir, eventualmente pela força, o regresso da Formosa à China. O Japão encarrega-se, neste domínio, de novas responsabilidades. Do contrário parece que será ele o primeiro responsável pela ordem nesta parte do mundo.

Sato comprometeu-se, igualmente, no caso vietnamiano. A restituição de Okinawa não deve atentar contra os esforços dos E. U. A. no Vietnam do Sul, declara-se no comunicado. O Japão, que, até aqui, tinha evitado alinhar demasiado explicitamente num dos campos, provocou agora a cólera de Hanoi, que denuncia a política comum de Tóquio e Washington no continente asiático.

Os encontros da semana passada marcaram uma etapa importante na evolução japonesa. Ciosa, até agora, de assegurar o crescimento económico do país, Tóquio acabou por manifestar a sua vontade de manter na Ásia um «statu quo», indispensável ao seu progresso, e de fazer subir o seu poderio político e militar ao nível das suas riquezas materiais.



Nixon quando, no passado dia 25, anunciou que os Estados Unidos renunciaram ao uso de armas químicas e bacteriológicas, declarando ter ordenado ao Pentágono a destruição dessas armas



MESA REDONDA